

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
Setor de Artes, Comunicação e Design  
Departamento de Comunicação

**ROSA MARIA CARDOSO DALLA COSTA**

Memorial Descritivo para fins de  
promoção na Carreira do Magistério  
Superior, na classe de Professor Titular.

**CURITIBA**

**2016**

Eu tinha 16 anos quando comecei a escrever repetidas vezes seu nome nos meus cadernos, entre uma disciplina e outra.

Passados todos esses anos, é seu nome que mais tenho prazer em escrever.

Eu acho que isso é amor.

Se a minha história é fruto dos contextos em que vivi, o melhor da minha vida é resultado, do grande amor que encontrei.

Esse relato pessoal e acadêmico é inteirinho para você

Meu querido Armando !

## **Agradecimentos**

- a cada membro da banca que compõe este júri, professor Luís Busato e professoras Roseli Rocha dos Santos, Marialva Carlos Barbosa, Kati Caetano e Círcia Peruzzo, pela disponibilidade e carinho com que aceitaram acertar uma data na agenda em pleno mês de dezembro;
- a querida e brilhante ex-aluna Daniele Siqueira e ao professor Fábio Hansen que generosamente fizeram a pré leitura do texto;
- à Maria, minha filha querida, que me ajudou a preparar a apresentação;
- ao querido André, filho meu, pela ajuda técnica indispensável;
- ao Armando, por cada lettrinha editada e corrigida.

### **Na madrugada...**

O dia ainda não tinha amanhecido. Já havíamos montado a barraca: cavaletes, tabuleiro, as duas tesouras encaixadas, o encerado estendido. Veio o vento. Meu pai agarrou-se a uma das tesouras na tentativa de impedi-la de voar. Foi inútil. Um sopro mais forte fez o encerado levantar, bater nos fios e cair do outro lado da perua Kombi ali estacionada. Não tínhamos como manter a barraca armada. “Vamos para casa”, pensei, já meio aliviada por poder assim escapar do trabalho daquele domingo que ainda não amanhecera. Meu pai, soltou a tesoura, foi recolher o encerado e avisou: “vamos montar a barraca sem ele.”

Assim o fizemos. O impacto do vento, o medo do acidente com o encerado e a tensão, embaralhou ainda mais a vista do meu pai, com a saúde já debilitada pela diabete. Sob sua supervisão, da cabine da perua, assumi o comando das vendas até o final da manhã.

Enquanto trabalhava eu tive a certeza de que jamais na minha vida esqueceria aquela madrugada e a lição que dela tirei:

- definitivamente não era aquela a vida que eu queria para mim;
- definitivamente eu não fugiria ao trabalho, nunca, em nenhuma situação adversa.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>Ia. Quem eu sou.....</b>	<b>10</b>
<b>I - Atividades de ensino e orientação .....</b>	<b>11</b>
1.1 Graduação: obrigatórias, optativas .....	11
1.2 Como ensinar teoria .....	15
1.3 Especialização .....	20
1.4 Educação a Distância .....	22
1.5 Mestrado: PPGE e PPGCOM .....	22
1.6 Doutorado .....	25
1.7 Orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso .....	25
1.8 Orientações de Monografias de Especialização .....	27
1.9 Orientações de Dissertação de Mestrado .....	28
1.10 Orientações de Doutorado .....	30
1.11 Outras orientações .....	31
1.12 Análise Crítica da minha atuação no Ensino .....	31
<b>Ia. O que estudei .....</b>	<b>33</b>
<b>II - Atividades de produção intelectual: artigos, livros, capítulos de livros .....</b>	<b>35</b>
2.1 Artigos em periódicos .....	38
2.2 Livros .....	39
2.3 Capítulos de livros .....	40
2.4 Trabalhos Publicados em Anais .....	41
<b>IIIa. O que me influencia .....</b>	<b>43</b>
<b>III- Atividades de extensão: organização de eventos e cursos .....</b>	<b>44</b>
3.1 Atividades de Extensão .....	44
3.1.1 Ncep – Núcleo de Comunicação e Educação Popular .....	44
3.1.2 Cinema na escola .....	46
3.1.3 Outros eventos e cursos na UFPR .....	47
3.1.4 Café Intercom .....	47
3.1.5 Instituto GRPCOM .....	49
<b>IVa. O que eu li .....</b>	<b>52</b>
<b>IV- Coordenação de projetos de pesquisa, ensino, extensão e pesquisa .....</b>	<b>54</b>
4.1 Projetos e Grupos de Pesquisa .....	54
4.2 Iniciação Científica .....	58
<b>Va. Onde trabalhei .....</b>	<b>59</b>
<b>V- Coordenação de cursos de graduação ou pós-graduação .....</b>	<b>60</b>
5.1 Coordenação de Curso de Especialização .....	61

5.2 Coordenação da Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> .....	63
<b>VIa .Com quem me relacionei .....</b>	<b>66</b>
<b>VI- Participação em bancas de concursos de mestrado ou de doutorado .....</b>	<b>67</b>
6.1 Bancas de Mestrado .....	67
6.2 Bancas de Mestrado na UFPR .....	67
6.3 Bancas externas à UFPR .....	68
6.4 Bancas de Doutorado: UFPR .....	69
6.5 Participação nos processos seletivos para mestrado e doutorado .....	72
6.6 Participação em bancas de concurso para professor efetivo .....	72
6.7 Outras bancas .....	73
<b>VIIa. Por onde andei .....</b>	<b>74</b>
<b>VII- Organização e/ou participação em eventos de pesquisa, ensino, extensão ....</b>	<b>75</b>
7.1 NA UFPR .....	77
7.2 Na INTERCOM .....	78
7.2.1 Organização dos Congressos Regionais e Nacional da Intercom .....	80
7.2.2 Coordenação de Prêmios .....	81
7.2.3 Seminário Temático – Globo Universidade .....	83
7.2.4 Seminário de Telejornalismo – Intercom-RPC .....	83
7.2.5 Cafés Intercom .....	84
7.3 Outros .....	85
<b>VIIIa. O que eu falo .....</b>	<b>86</b>
<b>VIII- Apresentação de palestras ou cursos em eventos acadêmicos .....</b>	<b>86</b>
<b>IXa. O que tenho a agradecer .....</b>	<b>90</b>
<b>IX- Recebimento de comendas e premiações .....</b>	<b>91</b>
<b>Xa. O que dizem de mim .....</b>	<b>92</b>
<b>X- Participação em atividades editoriais .....</b>	<b>93</b>
10.1 Comitê Editorial .....	93
10.2 Comitê Julgador .....	94
<b>XIa. O que não consegui fazer .....</b>	<b>95</b>
<b>XI- Assessoria, consultoria, participação em órgãos de fomento à pesquisa .....</b>	<b>96</b>
11.1 Conselho IGRPCOM .....	96
11.2 Inep .....	97
11.3 Ministério da Justiça .....	98
11.4 Advogada dativa da OAB .....	99
11.5 Assessoria para a Empresa de Águas de Joinville .....	99
<b>XIIa. O que ainda vou fazer .....</b>	<b>100</b>

<b>XII- Exercício de cargos na Administração Superior .....</b>	<b>100</b>
12.1 Colegiados de curso .....	101
12.2 Colegiado na Pós-Graduação .....	102
12.3 Coordenação de Curso e Especialização .....	102
12.4 Chefia de Departamento .....	103
12.5 Coordenação de Curso de Pós-Graduação .....	106
12.6 Membro do NDE .....	107
12.7 Coordenação de Convênio Internacional .....	108
12.8 Participação em Conselho Superior .....	113
<b>Quadro de atividades desenvolvidas .....</b>	<b>115</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>116</b>

## INTRODUÇÃO

*A vida da gente vai em erros, como um relato sem pés nem cabeça, por falta de sisudez e alegria. Vida devia de ser como sala do teatro, cada um inteiro fazendo com forte gosto seu papel, desempenho.*

*Guimarães Rosa*

Na definição do dicionário “memorial” é o relato autobiográfico de uma trajetória profissional: “Obra literária na qual o autor (ou um dos personagens) evoca fatos a que tenha assistido ou em que tenha tomado parte”. Encontrada a definição do conceito fui buscar exemplos e deparei-me com uma variedade imensa de “memoriais”, dos mais resumidos aos mais densos; dos mais objetivos aos mais poéticos, encontrando inclusive um deles em forma de literatura de cordel.

Apresentado à UFPR para obtenção do título de titular, este meu memorial começou a ser idealizado em Illinois, nos Estados Unidos, onde passei os meses de dezembro/2015 e de janeiro e parte de fevereiro/2016, acompanhando meu marido que realizava um pós doutorado. Li atentamente a resolução que normatiza o processo para Professor Titular e fiz um primeiro roteiro, atendendo aos doze pontos a serem abordados: das atividades de ensino, às participações externas.

Professora da disciplina de Metodologia da Pesquisa, busquei no memorial o tom exato entre a descrição objetiva das atividades desenvolvidas e minha história de vida que justifica e ao mesmo tempo determina o porquê essa trajetória foi como foi. Como escrever um texto autobiográfico, para ser submetido à avaliação de uma banca, sendo criteriosamente objetiva e corajosa para assumir não apenas os êxitos, mas também as fragilidades e fracassos? Como acertar o tom de uma narrativa sem se deixar conduzir pela representação que se tem da própria história?

Assumi o risco de “me permitir escrever sobre mim” como tantas vezes tive a chance de escrever sobre fatos e pessoas no exercício profissional do jornalismo. Optei por estruturar o texto, primeiramente, a partir dos 12 itens previstos para a avaliação – das atividades de ensino às administrativas, fazendo uma narrativa objetiva e auto reflexiva. Em cada um, acrescentei uma descrição em forma de crônica (graficamente impressa em folhas de papel cor de rosa) sobre aspectos da minha vida pessoal que influenciaram a atuação acadêmica e profissional. Mesmo reconhecendo que nenhum texto é exclusivamente objetivo e desprovido de intenções, ideologias e pressupostos, ao definir essa estrutura narrativa busquei articular o lado objetivo e subjetivo de um



conjunto de atividades e ações que submeto à apreciação da banca. Na linguagem jornalística, minha narrativa está mais próxima da crônica do que da reportagem, embora mescle informações baseadas em documentos com as impressões pessoais.

Ao escrever este memorial viajei no tempo e revi, revivi, autoavalei não apenas a trajetória acadêmica na UFPR, mas minha própria vida, meus sonhos, minhas realizações e frustrações, meus desejos realizados e por realizar. Escrevi cuidadosamente uma história pessoal que é também parte da história do próprio Departamento de Comunicação da UFPR, tão carente de registros.

Ainda em Illinois, escrevi os primeiros textos, baseados na memória e na transcrição do currículo lattes. De volta ao Brasil, fiz um minucioso trabalho de organização de todos os documentos – declarações, portarias, certificados – acumulados nestes anos. Ao fazê-lo, surpreendi-me por atividades das quais não me lembrava e revivi a história do departamento do qual faço parte – o Decom.

Não me preocupei em nenhum momento com a quantidade de caracteres, o que moveu a narrativa foi um exercício de reflexão sobre a própria ação e as razões que a fizeram ser como foi. Procurei evitar a descrição repetitiva das atividades mencionadas no lattes, por entender que um memorial deve ir além da enumeração de eventos, artigos publicados e cursos realizados, deve ser autocrítico, deve contextualizar as ações e relacioná-las com os coletivos aos quais estão ligadas. Deve finalmente, como a própria atividade científica, propor um novo conhecimento. Não é mera formalidade burocrática para ascensão na carreira.

Permiti desnudar minha ação à medida em que fui me apresentando como pessoa, como professora e pesquisadora. Através do texto fui revelando minha essência, meus afetos, minhas carências, meus êxitos e meu jeito próprio de ser o que sou, o que compreende também, ser parte integrante da UFPR. Talvez seja essa a melhor parte de mim, mas é uma, entre tantas outras que se misturam e se fundem, como na sala de teatro...

**Ia. Quem eu sou...**

*Posso me esconder de mim?  
Guimarães Rosa*

“É uma menina, seo Walter”, mas é linda! Anunciou minha vó Maria, tentando convencer o meu pai de que afinal de contas não era tão ruim assim eu ter nascido mulher. Fui a primeira e única filha dos meus pais, ele um filho de português com todas as características peculiares – palavrões soltos, machismo aparente, amoroso – nascido e criado em Santos. Ela filha de italianos do interior de São Paulo, que vieram para Santo André para que os filhos pudessem ao menos fazer um Senai na vida.

Meu pai desde cedo trabalhava no comércio, armazém de secos e molhados no início, feira livre em seguida. Minha mãe costumava contar que “catava osso e lata” para vender e ganhar seu primeiro dinheirinho. Nunca entendi direito o que significava esse catar ossos e latas. Depois trabalhou na Rhodia química como as moças de seu bairro e de sua classe social, e finalmente decidiu que queria trabalhar na feira, ser autônoma, para não ficar doente como suas irmãs e amigas, que haviam contraído a tuberculose. Conseguiu, com meu avô, dinheiro para comprar um pouco de mercadoria e acertou com um feirante que tinha um grande caminhão, o transporte de suas caixas nos dias de feira. Era o tio do meu pai.

Nessas idas e vindas, meu pai e minha mãe se conheceram, namoraram e casaram no período de um ano e meio. Quatro anos depois, nasci e formou-se assim o núcleo familiar no qual cresci e aprendi a ser o que sou.

Os dois trabalharam a vida inteira na feira e gostavam do que faziam – eu só descobri muito tempo depois. Lá tinham amigos, divertiam-se, faziam sonhos e construíram seu patrimônio. Nossa casa estava sempre cheia de pessoas ligadas a este trabalho: empregados, vendedores. Apesar disso, minha mãe sonhava em colocar sua filha no melhor colégio particular da cidade, um colégio só para meninas. Com cinco anos, levou-me até lá, mas as irmãs se recusaram a me aceitar tão nova. Voltamos no ano seguinte e a partir daí, não parei mais de estudar.

Quando me mudei de Santo André, depois do casamento, minha mãe sempre que passava em frente àquele colégio imponente, sentia-se feliz por seu maior feito na vida: sua filha ter estudado ali. Aquele colégio foi fundamental para minha formação: com as irmãs salesianas aprendi a ser organizada e a cuidar das coisas, a ter capricho e a gostar de arte, a estudar e me esforçar para tirar notas boas. Aprendi a ter “gosto de rico”, diziam as tias chatas. Aprendi finalmente a defender os mais pobres, já no final do segundo grau, quando embaixo da janela da nossa sala de aula, víamos os operários metalúrgicos em passeatas rumo ao sindicato que ficava a duas quadras dali. Mas essa é outra história que contarei mais à frente. O importante é que ali aprendi a gostar de estudar.

Meus pais achavam um grande privilégio eu poder estudar no colégio mais caro da cidade e cobravam por isso. Queriam notas boas, recuperação, nem pensar! Eu chegava com o boletim, feliz por um ou outro dez – na média sempre fui 7, 8 – e eles respondiam: “não tinha como tirar 11?” Certamente foi assim que aprendi a ser idealista e exigente, com o mundo, com as pessoas, e sobretudo, comigo, sempre!

**I- Atividades de ensino e orientação, nos níveis ensino básico, técnico, tecnológico, graduação, mestrado, doutorado e/ou pós-doutorado, respeitado o disposto no art. 57 da Lei no 9.394, de 1996**

1.1 Graduação: obrigatórias, optativas

*Mestre não é quem sempre ensina,  
mas quem de repente, aprende.  
Guimarães Rosa*

A frase de Rosa tantas vezes mencionada no meio acadêmico longe de virar um chavão, foi mesmo a motivação que orientou minha atividade cotidiana de dar aulas na Universidade Federal do Paraná - UFPR desde maio de 1998. Inicialmente na graduação, mas já a partir do ano 2000 na pós-graduação *Lato e Stricto Sensu*. Em todos os semestres letivos, desde então estive em sala de aula.

Prestei concurso para uma vaga de professor nas disciplinas de Teoria da Comunicação e Comunicação Comparada. Eu estava no último ano do meu curso de doutorado, que fazia na França. Havia voltado para fazer a pesquisa de campo, e por razões familiares (meu marido já havia terminado a tese dele e procurava emprego), abri mão dos últimos nove meses de bolsa a que teria direito para poder ficar no Brasil. Para obter alguma renda que me permitisse sobreviver e concluir o doutorado, comecei a dar aulas num dos cursos de Comunicação Social abertos naquele período de explosão de cursos de graduação em Curitiba<sup>1</sup> e no Brasil. As aulas eram ministradas todas as tardes de segundas, terças, quartas e sextas-feiras e eram de uma única disciplina: justamente Teoria da Comunicação.

Foram essas aulas ministradas no segundo semestre de 1997, que me prepararam para o concurso público de professor na UFPR, dando início à prova de que a frase de Rosa, sempre orientou de fato minha atuação no ensino superior. Devo a esses alunos das quarto turmas da tarde da Universidade Tuiuti do Paraná, às perguntas que me faziam, aos desafios que me propunham, às inseguranças que me despertavam e que me faziam vencer, boa parte da nota dez que me deram para a prova didática, pelo menos três dos cinco membros da banca de professores a que fui submetida.

---

<sup>1</sup> Em capítulo de livro publicado em 2008 analiso o impacto da explosão de cursos de comunicação em Curitiba e faço uma reflexão sobre o ensino de Teoria da Comunicação. CARDOSO DALLA COSTA, R.M. “O Ensino da teoria da Comunicação nos cursos de graduação em Comunicação Social”. In: Tânia Braga Garcia; Leilah Santiago Bufren; Tânia Maria Baibich Faria (org). *Saberes e práticas no ensino superior*. Ijuí: Editora Unijuí, 2008, v. 2, p. 153-175.

Ao tomar posse, assumi no então Decomtur (Departamento de Comunicação e Turismo) duas disciplinas, a de Teoria da Comunicação e a de Comunicação Comparada, uma disciplina que com a reforma curricular implantada, saiu da grade do curso de comunicação da UFPR no ano 2000.

A disciplina de Teoria da Comunicação, como o nome diz, trabalha com o conhecimento científico produzido sobre o fenômeno da comunicação na sociedade. Como o termo comunicação é polissêmico, abrangente, não trata apenas do fenômeno da comunicação de massa, mas da comunicação no seu sentido mais amplo, que engloba suas dimensões antropológica, econômica-técnica, e social. É uma disciplina teórica fundamental para o curso de comunicação e as três habilitações ofertadas na UFPR: Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. Por isso, desde o início de minhas atividades nesta universidade, sempre ministrei aulas para alunos das três habilitações, reunidos em duas turmas de aproximadamente 45 alunos cada.

Dessa maneira, minha carga horária na graduação, em sala de aula, sempre foi de no mínimo oito horas aula, por semestre, além de orientações de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), cuja hora/aula também é contabilizada como encargo didático.

A partir da reforma curricular que alterou as disciplinas do curso, em 2000, assumi também a disciplina de História Social dos Meios. Assim, tenho ministrado regularmente essa disciplina (HT 116, que mais tarde passou a ser denominada OCO 16) nos semestres ímpares e a de Comunicação, Sociedade e Cultura<sup>2</sup> (HT114, que passou a ser OCO 14) nos semestre pares, sempre para duas turmas A e B, com cerca de 45 alunos cada.

Em poucos momentos da minha história na UFPR assumi outras disciplinas. O primeiro deles, no último ano do meu exercício como chefe de departamento, em 2006, quando ministrei a disciplina Teoria da Comunicação I, também do escopo teórico do curso, cuja carga horária, me permitia maior dedicação às atividades da chefia. Em seguida em 2010, quando assumi a coordenação do recém criado Programa de pós-graduação em Comunicação Social, e para diminuir a carga horária, voltei a dar aula de Teoria da Comunicação 1. No ano seguinte, participando de uma espécie de rodízio entre os professores das disciplinas teóricas (Mário, Kelly e eu) assumi a disciplina de

---

2 Com a reforma curricular mencionada, a disciplina de Teoria da Comunicação teve sua carga horária ampliada e foi dividida nas seguintes disciplinas: Teoria da Comunicação 1, Teoria da Comunicação 2, Comunicação e Linguagem, Comunicação, Sociedade e Cultura e finalmente, Comunicação e Tecnologia. O propósito é o de possibilitar ao aluno o estudo da Teoria da Comunicação nos quarto anos de sua formação, fazendo uma maior articulação entre o referencial teórico do curso e suas disciplinas práticas.

Metodologia da Pesquisa, também para as duas turmas. Neste ano, com a ajuda dos primeiros alunos do Mestrado em Comunicação, pude lecionar a disciplina optativa Tópicos Especiais em Comunicação, Sociedade e Cultura (HT051), cujo enfoque era a Comunicação Popular e Alternativa. Em 2014, no segundo semestre, voltei a assumir a disciplina de Teoria da Comunicação I, por ter feito um acordo interno com o professor Mário, que assumiu minhas aulas por um bimestre (meses de outubro e novembro) para que eu pudesse tirar uma licença capacitação.

Ao longo desses anos, em função desse total de carga horária em disciplinas obrigatórias somadas às aulas na pós-graduação, que serão mencionadas na sequência, poucas vezes consegui ministrar disciplinas optativas, como por exemplo em Comunicação Educação ou Comunicação Popular, ou ainda História da Televisão. Só o fiz, quando pude contar com a ajuda de alunos do Programa de pós-graduação em Comunicação e/ou Educação o que ocorreu a partir do ano de 2011.

Da mesma forma, também nunca pude ministrar disciplinas específicas da minha habilitação, jornalismo, o que sempre lamentei profundamente, por me distanciar das atividades práticas, que no caso do jornalismo, foram e estão sendo profundamente modificadas nos últimos anos.

Apesar desse registro em tom de queixa, sempre tive muito interesse e prazer nas disciplinas que ministrei durante todos esses anos. Estudo, pesquiso e dou aula de Teoria e História da comunicação por e com prazer. Acredito que como prevêm as novas diretrizes curriculares, o projeto pedagógico do curso deve “ter por objetivo a formação de profissionais dotados de competência teórica, técnica, tecnológica, ética, estética para atuar criticamente na profissão, de modo responsável, contribuindo para o seu aprimoramento”<sup>3</sup>.

Nos conteúdos curriculares previstos nestas diretrizes, as duas disciplinas que ministro inserem-se no eixo II – de fundamentação específica, cujo objetivo é:

Proporcionar ao jornalista clareza conceitual e visão crítica sobre a especificidade de sua profissão tais como: fundamentos históricos, taxonômicos, éticos, epistemológicos; ordenamento jurídico e deontológico; instituições, pensadores e obras canônicas; manifestações públicas, industriais e comunitárias; os instrumentos de auto-regulação; observação crítica; análise comparada; revisão da pesquisa científica sobre os paradigmas hegemônicos e as tendências emergentes.

---

3 Brasil. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais.

A disciplina de História Social dos Meios, ministrada no primeiro semestre do curso, proporciona aos alunos a compreensão da forma como a comunicação fez parte da história do homem, foi resultado e ao mesmo tempo, determinou sua evolução técnica, política, econômica, cultural e social, desde a pré história até os dias atuais. A partir de cinco grandes marcos: a invenção da fala (oralidade), da escrita, da imprensa, do audiovisual e da internet, procura possibilitar ao aluno a compreensão de que estudar comunicação é estudar o homem e o seu ambiente, nas suas dimensões antropológica, econômica e social.

A História Social dos Meios, possibilita ao aluno logo no primeiro semestre do seu curso, uma imersão na maneira de pensar a sociedade a partir da sua trama comunicacional. Não é uma disciplina que conta a história dessa ou daquela habilitação, desse ou daquele meio de comunicação, mas sim que proporciona aos calouros de comunicação uma reflexão sobre o sentido que cada sociedade, à sua época, com os recursos de que dispunha, dava às suas formas de comunicação e, ao mesmo tempo, como seus processos comunicacionais influenciavam suas formas de reconhecimento de suas identidades e de suas culturas, suas relações de poder e sua vida em sociedade.

Já ‘Comunicação Sociedade e Cultura’, procura proporcionar ao aluno uma reflexão mais aprofundada e específica sobre como o fenômeno da Comunicação foi e está sendo atualmente estudado pela Ciência. Parte do pressuposto de que os alunos já viram e dominam os conceitos fundamentais da área, como o de processo de comunicação e as teorias norte americanas e europeias, desenvolvidas especialmente na primeira metade do século XX. Assim, no terceiro ano do curso, especificamente no sexto semestre, a disciplina apresenta os estudos realizados a partir de então, enfocando principalmente a contribuição latino americana sobre o tema, em especial os estudos de recepção e os conceitos de mediações culturais. Mais do que abordar as teorias da comunicação desenvolvidas na América Latina e no mundo, a disciplina procura articular os principais conceitos dessas teorias e das que as antecederam, capacitando o aluno para extrair delas, os fundamentos necessários para pensar a prática profissional, que deve resultar em uma monografia ou projeto para o seu Trabalho de Conclusão de Curso. Os conteúdos da *Comunicação, Sociedade e Cultura*, visam capacitar o aluno para a apropriação de um conceito teórico que lhe possibilite refletir sobre questões práticas relacionadas à sua atuação profissional. É fundamental que ele se aproprie dos conceitos chaves da sua área para poder pensar sobre ela, contextualizá-la e

compreendê-la para além da produção diferenciada e em diferentes meios de comunicação.

No decorrer desses anos, tive cada vez mais certeza da importância desse conteúdo teórico para a formação do aluno de comunicação e o desafio de cada ano, foi o de ensiná-lo e torná-lo possível de ser apreendido e aprendido para uma geração cada vez mais conectada às novas tecnologias e por isso mesmo, com competências e habilidades diferenciadas, que nos exigem constante atualização nas práticas pedagógicas como abordarei a seguir.

## **1.2 Como ensinar teoria ...**

Ter claro o que é preciso ser ensinado não basta para que o propósito seja atingido. Quando passei no concurso eu tinha uma representação de Universidade Federal e pautava meu planejamento de aula, baseado na premissa de que o curso de comunicação da UFPR tinha que ser o melhor curso de comunicação do Paraná. Para isso, eu achava que o aluno tinha que ler o maior número possível de bibliografia a respeito do tema para, então, escolher a que mais lhe interessava ou a que mais lhe possibilitava o entendimento do tema. A relação de livros da bibliografia básica e complementar que eu passava era enorme, o que me valeu diversas brincadeiras dos alunos dizendo que eu ganhava comissão das fotocopadoras do campus e dos autores da área. Um aluno me disse: “não é porque a professora acha que temos que ler muito, que vamos nos tornar leitores de uma hora para outra<sup>4</sup>”. Isso, logo de início me fez pensar e rever minha forma de incentivar a leitura, mas não me fez desistir do propósito de mostrar aos alunos que a área da comunicação exige profissionais que leiam muito e o tempo todo.

Junto com a quantidade de leituras, havia também uma quantidade enorme de conteúdos e de trabalhos caracterizando minhas ementas e planos de ensino, elaborados, atualizados e entregues aos alunos religiosamente em todo início de semestre.

Faço este relato como forma de mostrar que minha atividade de ensino na UFPR foi pautada pela reflexão permanente sobre a melhor forma de ensinar o conteúdo que me cabia. Reflexão que foi manifestada em algumas das minhas produções e que,

---

<sup>4</sup> Hoje o aluno que me disse isso, Leandro Narlok, virou escritor e seus livros estão sempre elencados como os mais vendidos nas livrarias, para orgulho da professora.

curiosamente, está presente na minha mais atual pesquisa, que versa justamente sobre o ensino de jornalismo e as novas práticas jornalísticas.

Sempre, desde o primeiro semestre, planejei detalhadamente as aulas, atualizando referências, revendo trabalhos, propondo outros, estudando<sup>5</sup>, refletindo sobre a prática do ensino superior. As ementas inicialmente entregues impressas aos alunos e nos últimos anos, também disponibilizadas pela internet, continham o conteúdo programático, a metodologia, as referências e um detalhado plano de aula, descrevendo os objetivos propostos, as formas de avaliação e o peso de cada atividade na composição da média final.

Em cada semestre o aluno sempre tinha que fazer trabalhos e/ou provas escritas, que exigiam leituras e sistematização dos conhecimentos ensinados, bem como trabalhos em grupo, que exigiam cooperação, apresentação oral e exercício de expressão de suas ideias e crítica.

Como as duas disciplinas ministradas eram teóricas e as classes tinham pelo menos 45 alunos cada, sempre me esforcei no sentido de alternar metodologias que despertassem o interesse e a atenção dos alunos, que no caso do curso de comunicação, são ativos, críticos, mas em alguns momentos resistentes a reflexões mais teóricas. Preferem o imediatismo de algumas práticas da área.

Tive momentos de maior e menor sucesso com as metodologias que empreguei, dependendo das turmas, do tipo de trabalho proposto. Uma de minhas primeiras propostas metodológicas resultou no livro *Teoria da Comunicação na América latina*<sup>6</sup>. Pedi, a cada um dos alunos, que pesquisasse e apresentasse as ideias e obras de algum autor da Teoria da Comunicação. Em seguida, criei um grupo de estudos para, a partir desses trabalhos individuais, pensar o livro Teoria da Comunicação a partir de seus principais autores. No andar dos trabalhos, dois alunos permaneceram no grupo até a publicação do livro: Daniele Siqueira e Rafael Machado. Uma das alunas da turma, leu todos os livros do autor sobre o qual deveria falar e para mim, esse foi o maior êxito da proposta.

---

<sup>5</sup> Fiz o Curso de Metodologia do Ensino Superior (Complementação ao Curso de Especialização) em 2003, na Fesp (Carga horária de 80 h/a); organizei no departamento uma série de aulas com a professor Tânia Braga, sobre o tema quando fui chefe de departamento. Participei de seminários e discussões sobre o ensino de jornalismo, como O Fórum Nacional em Defesa da Qualidade do Ensino de Comunicação, realizado na USP em 2006 e os diversos Ensicoms, realizados pela Intercom, como atividade paralela de seus congressos.

<sup>6</sup> DALLA COSTA, Rosa Maria; MACHADO, Rafael Costa; SIQUEIRA, Daniele. *Teoria da Comunicação na América Latina: da herança cultural à construção de uma identidade própria*. Curitiba: Editora UFPR, 2006.



Outra ideia que se tornou uma característica da disciplina de História Social dos Meios, foi a leitura obrigatória do livro *Chatô, o rei do Brasil*. Desde que o inseri no meu plano de aula, propus diversas metodologias para discutir o seu conteúdo: apresentação em grupo, prova, debate competitivo entre os grupos, fichamento... até o formato atual, no qual os grupos, a partir do livro, preparam perguntas que são sorteadas e feitas no dia do debate. Dessa forma, explico aos alunos que muitas vezes mais importante do que responder automaticamente sobre dados do livro, é propor reflexões em forma de perguntas sobre determinadas situações ali narradas e sua relação com a realidade profissional atual do comunicador social. Vale destacar que esse livro está inserido na relação de livros fundamentais para a área, amplamente discutida pelos professores do departamento.

Ainda nesta disciplina, outra proposta feita durante muitos anos foi a leitura de um segundo livro, aí específico para cada uma das três habilitações. Os títulos igualmente integram a lista acima mencionada e o debate proposto, além de discutir o conteúdo do livro propriamente dito, proporcionava aos alunos a oportunidade de discutir e conhecer aspectos, peculiaridades das outras habilitações que formam o curso de comunicação social. Vale ressaltar que as duas disciplinas sob minha responsabilidade, como algumas outras do escopo teórico do curso, possibilitam a integração desses alunos das três habilitações.

Na reflexão resultante da elaboração desse memorial, constato que a intenção de proporcionar o melhor curso do estado, permaneceu ao longo dos anos, mas foi mudando sua maneira de atingir tal objetivo: da insistência para a leitura incansável do maior número possível de títulos, passou-se ao aprofundamento de discussões de algumas das obras fundamentais para a área e que certamente, servem de base para a compreensão de qualquer outra.

À medida que novas obras foram sendo escritas, fui atualizando tais referências, como já expliquei. No caso de História Social dos Meios, o livro de Marialva Carlos Barbosa, *História da Comunicação no Brasil*, foi inserido assim que lançado justamente por preencher a lacuna de se estudar o tema a partir de uma perspectiva brasileira, inexistente na literatura até então. Além de ler o livro e preparar seminário sobre o tema, os alunos tiveram a oportunidade de entrevistar a autora, por skipe, novamente exercitando a reflexão crítica a partir do esforço de fazer perguntas.

Em anos anteriores, também proporcionei o contato dos alunos com alguns autores da história da comunicação no Paraná, como os publicitários Ney Alves de

Souza e Silva Costa e os jornalistas José Wille e Jason Goulart, entre outros. A maior interação entre alunos e convidados aconteceu nas vezes em que os alunos foram orientados a preparar perguntas e foram avaliados por isso. No decorrer de todos esses anos procurei aproximar os alunos dos profissionais do mercado que possam servir de exemplo e inspiração.

Na disciplina de Comunicação, Sociedade e Cultura, as metodologias escolhidas procuravam proporcionar um olhar para a sociedade à luz da teoria estudada. Os trabalhos propostos incitavam os alunos a acompanhar de perto expressões culturais da cidade, como a feira do Lago da Ordem, as praças que são terminais de ônibus, os shoppings center e seus diferentes públicos. O propósito sempre foi o de colocar o aluno de comunicação na rua para perceber na vida da sua cidade, “sentidos”, apropriações dadas pela população às mensagens midiáticas. Além desses trabalhos práticos “de rua”, os alunos foram capacitados a trabalhar academicamente um texto, a sistematizar as ideias de alguns autores essenciais para a compreensão da trama conceitual da comunicação, a apresentar um seminário acadêmico, a pensar cientificamente uma problemática da comunicação. Como essa disciplina é ministrada no sexto período, sempre procurei capacitar o aluno para extrair das teorias estudadas a fundamentação adequada para o seu TCC, a ser iniciado no semestre seguinte.

Com a criação de Programa de Pós-Graduação em Comunicação, a partir de 2010, o enfoque teórico-acadêmico da disciplina passou a ser reforçado, seja através dos exemplos das dissertações que passaram a ser feitas, seja através da participação de alunos em estágio docência, ou ainda no incentivo feito aos alunos da graduação para participar de eventos promovidos no e pelo PPGCOM, como o Empecom, realizado anualmente no segundo semestre de cada ano.

Toda a minha atividade didática no curso de graduação da UFPR foi durante todos esses anos documentada. Tenho desde o primeiro caderno de aula, escrito à mão e com canetas coloridas – à moda das normalistas – até as fichas 1 e 2, devidamente digitalizadas e disponibilizadas aos alunos, bem como os respectivos diários de classe de cada turma, de cada ano, os modelos de provas aplicadas e os *power points* preparados e apresentados.

O contato com os alunos sempre foi a melhor parte do trabalho na universidade, mesmo naqueles momentos em que me perguntei: “que linguagem usar para tocá-los, para lhes convencer da importância de ler esse ou aquele texto”... Sempre foi também o maior desafio. Em 18 anos os alunos mudaram, chegam cada vez mais novos, com

interesses novos, com novas posturas. O que me ajudou a entender um pouco essa mudança e as expectativas dessas novas gerações foi o fato de eu ter voltado a fazer um curso superior, o de Direito, entre os anos de 2006 a 2012. Mais do que aprender o Direito propriamente dito, na sala de aula como aluna, eu aprendia também a dar aula, observando como meus colegas agiam, o que pensavam dos professores, dos conteúdos, como estudavam, o que consideravam mais e menos importante. Essa experiência como aluna, tendo inclusive alguns alunos da comunicação como colegas de sala e alguns professores do Direito como ex-alunos, foi um grande aprendizado para a minha vida acadêmica.

Se por um lado os alunos mudaram, por outro a sociedade também mudou, principalmente em razão de algumas novas tecnologias de informação e de comunicação. Obviamente, o ensino tem que se adequar a estas mudanças para dar conta de formar profissionais capazes de compreender as novas tramas de comunicação e nelas atuar. Do ponto de vista institucional, escolar, as mudanças ocorrem de forma muito lenta e não dão conta de atender o ritmo de tais mudanças. Uma simples adequação curricular leva anos para ser implementada. O professor, entretanto, pode no seu dia a dia, introduzir as mudanças e adequações necessárias, desde que se mantenha atento ao que está ao seu redor, em especial, desde que procure conhecer o aluno que tem diante de si na sala de aula.

Os meus alunos, sempre foram os melhores alunos de comunicação do estado do Paraná, e foi a partir desse critério que pautei meus planos de aula, minhas atividades e que aprendi nestes anos todos a ser sua professora. Muitos deles são atualmente excelentes professores de comunicação<sup>7</sup> distribuídos pelas diversas instituições de ensino superior de Curitiba e por aí afora. São criativos, ousados e apaixonados pela Comunicação, o que me faz sentir imensa e modestamente recompensada.

No momento em que finalizo a redação desse memorial, o Curso de Comunicação da UFPR passa por uma nova mudança em sua estruturação e seguindo as Novas Diretrizes Curriculares aprovadas pelo Ministério da Educação, desmembra-se em três cursos diferentes: o de Jornalismo, o de Relações Públicas e o de Publicidade e Propaganda. As disciplinas até aqui ministradas, saem da grade curricular e novos desafios se apresentam.

---

<sup>7</sup> Permito-me aqui citar o trabalho que a ex-aluna Roseane Correa de Freitas está fazendo na Universidade Positivo, o trabalho de Ana Heck, na Uninter, o trabalho de Viviano Ongaro, na Opet, entre outros.

### 1.3 Especialização

Minha trajetória acadêmica enquanto estudante de comunicação e o meu amor pelos estudos sempre me fizeram ter interesse na pesquisa, que neste país, é feita quase que exclusivamente na pós-graduação. Assim, quando ingressei na UFPR eu estava motivada à pesquisa, vinha de um doutorado realizado na França, onde convivi com pesquisadores de outros países e mesmo brasileiros de outros estados. Havia um interesse latente de criar na UFPR uma pós-graduação em comunicação.

Naquele momento, 1999, o meio possível para isso parecia ser a especialização. Eu acreditava que se fizéssemos uma, em seguida teríamos condições de abrir o primeiro mestrado em comunicação da UFPR. O Decom tinha apenas três professores doutores e uns dois doutorandos, o *boom* de cursos de especialização na cidade não atingia a área, justamente porque não haviam professores qualificados para isso.

Terminado o doutorado em 1999, voltei para o Brasil e já comecei a articular a criação de uma proposta de curso de especialização para o Decom. Com a professora Patrícia Monsão Mollo, esboçamos uma primeira proposta, cujas disciplinas foram amplamente discutidas com vários professores. Tínhamos como propósito envolver o maior número possível de professores da casa e trazer um ou outro convidado.

A preparação da proposta de estrutura do curso e de cada uma das disciplinas foi longa e a primeira e única turma, iniciou o curso em 2001. O curso intitulado *Tencologias na Educação* visava atingir profissionais da Educação e da Comunicação e assim aconteceu: tínhamos alunos professores de redes de ensino fundamental e médio e jornalistas de várias das principais redações da cidade. O encontro desses dois públicos de interesses diversos, somado às aulas de professores como o poeta Décio Pignatari, professores de Sociologia (Ana Luísa Sallas), de Educação (José Manuel Morán) e da Comunicação, foi ao mesmo tempo, o maior mérito e o maior problema do curso. Mérito porque as discussões eram muito ricas e possibilitavam um maior conhecimento de ambas as áreas para todos; problema porque nem sempre todos estavam abertos às implicações dessa relação assim tão próxima.

No curso ministrei a disciplina de Comunicação e Educação – pressupostos teóricos – considerada na nossa proposta de curso, sua principal base teórica. Fui também a coordenadora de todo o processo, desde a elaboração da proposta até o acompanhamento dos professores e das aulas e a elaboração e entrega do seu relatório final. Neste período o curso de comunicação ainda fazia parte do Decomtur e dividíamos com o curso de Turismo os espaços e a falta de estrutura das salas de aula e

laboratórios do prédio da Praça Santos Andrade. Tivemos problemas de ordem técnica e administrativa. Apesar disso, os alunos concluíram o curso e fizeram as primeiras monografias de pós-graduação do curso de comunicação da UFPR.

Esse foi o único curso de especialização realizado pelo Departamento de Comunicação da UFPR até hoje<sup>8</sup>. As razões para a sua não continuidade são inúmeras, mas a principal delas é a falta de condições infraestruturais para coordenar tamanha empreitada. Na verdade, os cursos de especialização na UFPR passavam por uma ampla discussão, suas regras estavam sendo mudadas, e não havia no Decom mais professores interessados em dividir esse trabalho. Aliás, devo explicar que a própria coordenação eu exerci sozinha, pois a professora que havia me ajudado na estruturação do curso e que seria a vice-coordenadora tirou, antes mesmo do início das aulas, uma licença saúde, que se transformou em aposentadoria.

O meu interesse na especialização era acadêmico e não administrativo. Assim quando os entraves administrativos se tornaram por demais complicados, optei por centrar meus esforços e minha dedicação ao Programa de pós-graduação em Educação no qual acabara de ingressar.

Em anos seguintes, alguns professores do Decom tentaram estruturar novas propostas de especialização voltadas para áreas específicas como imagem, meio ambiente. Em algumas delas, contribuí relatando a experiência, propondo disciplinas. Nenhuma chegou a ser de fato efetivada.

Além desse curso, no qual fui idealizadora, coordenadora e professora, também ministrei aulas em outros cursos *Lato Sensu* da UFPR, como o promovido pelo Departamento de Sociologia, no qual ministrei a disciplina de Teoria Política da Comunicação e no de Comunicação Intercultural, promovido pelo Departamento de Ciência e Gestão da Informação, no qual dividi com a professora e colega do Decom, Luciana Panke, a disciplina de comunicação.

Com o passar dos anos, o *boom* dos cursos de especialização foi diminuindo e fui me envolvendo cada vez mais com a pós-graduação *Stricto Sensu*, tanto ajudando na estruturação do Programa de pós-graduação em Comunicação do Decom, como iniciando minha atuação no doutorado em Educação com as primeiras orientações de tese, como sera relatado no item 1.4.

---

<sup>8</sup> No presente momento há um novo curso de especialização proposto pelo professor Hertz Wendel já aprovado em plenária departamental, que deverá abrir inscrições para o ano letivo de 2017.

#### **1.4 Educação a Distância**

Meu trabalho no curso de Pedagogia EAD da UFPR se deu em função da minha atuação no PPGE e do meu interesse de pesquisa ser justamente o da inter-relação entre comunicação e educação.

Embora eu investigue especialmente a relação dos meios de comunicação de massa e a educação – e não propriamente o uso de tecnologias na educação – sempre tive proximidade com essa discussão e pelo conhecimento que tenho de pessoas que trabalham com EAD fui convidada para ministrar disciplinas no curso oferecido pela UFPR a partir do ano de 2012.

Assim, no curso de Pedagogia EAD oferecido pela UFPR ministrei duas disciplinas: TICs: Tecnologias da Informação e Comunicação Educativa (EDP 032) para a qual contribuí na elaboração do texto de apoio com o professor João Mendes e a disciplina Mídia e a Formação do Educador.

Ministrei essas aulas nas cidades de Colombo, Paranaguá, Rio Negro, Perequê e Barretos, nos anos de 2012 a 2015. Além das aulas, preparei as avaliações dos alunos e seus trabalhos nos encontros presenciais e à distância.

O interessante desse trabalho foi poder vivenciar na prática o que havia estudado e pesquisado sobre o tema. As aulas ministradas na modalidade EAD me permitiram ter contato com um público diferenciado do normalmente encontrado em nossas salas de aula, em especial no curso de Comunicação Social. Eram em sua maioria professores de escolas públicas, de cidades pequenas, que embora próximas da capital do estado, não oferecem os mesmos acessos a bens culturais nem tão pouco as mesmas oportunidades. Obviamente, a convivência com esse público, ainda que por um dia, provoca uma série de questionamentos sobre a importância da universidade pública e o seu papel na formação de quadros para a educação fundamental. Não deixa de ser uma democratização do ensino superior, infelizmente ainda tão elitizado neste país.

#### **1.5 Mestrado: PPGE e PPGCOM**

Entrei no PPGE quase que por um acaso do destino. Eu havia feito o Mestrado em Educação na UFPR nos anos de 1991 a 1993, sob a orientação da querida professora Acácia Zeneida Kuenzer. Mas foi uma passagem rápida. Em 1991 teve uma greve de professores que acabou me favorecendo, depois nasceu meu segundo filho em junho, que em seguida ficou seriamente doente e que me fez ficar afastada das atividades profissionais e escolares. Naquele período eu trabalhava como jornalista e dava aulas no

curso de Jornalismo da UEPG uma vez por semana. Acabou a greve, justamente quando a situação em casa se acalmou e assim, retomei o mestrado, num ritmo alucinado, dividindo-me entre o jornalismo, a academia, a família e as aulas.

Em seguida meu marido iniciou os trâmites para pedir bolsa para fazer doutorado fora do país. Em setembro de 1993, viajou para a França a fim de iniciar o curso, alugar apartamento e preparar nossa chegada que deveria ocorrer no dia 11 de dezembro, pois era a data máxima permitida pelo visto tirado em São Paulo.

Consegui qualificar e defender a dissertação antes da viagem e fui com a dissertação na mala para a França.

Talvez pelo excesso de trabalho e por ter apressado o processo no final para viajar com o mestrado concluído, senti que ele passou muito rápido e achava que levaria um tempo para conseguir dar aula ali.

Entretanto, um dos membros do juri da minha banca de doutorado, o professor Luís Busato, havia sido professor no PPGE – o que eu não sabia. No final da defesa ele me contou que havia recebido a visita da professora Maria Auxiliadora Schmidt sua amiga e à época coordenadora do PPGE e que havia lhe falado sobre minha tese. Sugeri que na volta ao Brasil eu a procurasse.

Foi o que fiz, seguindo o conselho do professor Busato, procurei a professora Dolinha, que falou sobre a pós-graduação e me sugeriu pedir credenciamento no programa, deixando bem claro que teria que cumprir as exigências de produção e engajamento nos grupos de pesquisa.

Fui credenciada e entrei no PPGE, na linha de Cultura na Escola e logo em seguida comecei a oferecer disciplina. Propus desde o início duas disciplinas: uma sobre os fundamentos teóricos da interface comunicação e educação, denominada Comunicação e Educação Escolar: Pressupostos Teóricos (HT703) e outra denominada Escola e Cultura de Massa (HT701). Essas foram as duas primeiras disciplinas de mestrado registradas no Departamento de Comunicação, antes mesmo de o departamento ter o seu programa. Além delas, específicas sobre a interface Comunicação e Educação, ministrei no PPGE as disciplinas Seminário de Dissertação em Cultura, Escola e Ensino (EM 753) e Seminário de tese em Cultura, Escola e Ensino (EM 804).

Em um dos semestres assumi a disciplina denominada Seminário de Pesquisa I, obrigatória, que trabalhava a metodologia científica e ajudava os alunos a rever e reelaborar seus respectivos projetos de pesquisa. Na disciplina Comunicação e

Educação Escolar – Pressupostos Teóricos, o enfoque é teórico e conceitual. Procuo capacitar o aluno a compreender que conceitos de comunicação e de educação são considerados quando se estuda a interface entre eles, denominada de educomunicação. Procuo apresentar o contexto histórico no qual essa interface começou a ser estudada, seus principais resultados, seus paradigmas teóricos, seus autores e suas implicações metodológicas atuais.

Como nas aulas de Teoria da Comunicação, insisto para que os alunos se apropriem de um referencial teórico sem o qual qualquer pesquisa corre o risco de não se sustentar. Procuo enfatizar que toda e qualquer aproximação entre comunicação e educação deve partir de fundamentos teóricos claros e bem articulados metodologicamente, e que os projetos de educomunicação apontam para um processo dialógico e dialético, no qual todos participam e aprendem conjuntamente.

Na disciplina Escola e Cultura de Massa trabalho com autores da comunicação e da educação que tratam do termo cultura, procurando evidenciar como a trama cultural escolar e de cada escola em particular determina o sentido que os atores envolvidos nos processos de aprendizagem dão para a cultura de massa. Através de seminários, leituras e discussões de textos, procuro ajudá-los a identificar como o consumo da cultura de massa é determinado pela trama cultural da escola e de seus sujeitos.

Em que pese a riqueza de textos que temos para fundamentar esse debate, a constatação, com o passar dos anos, é a de que a própria dinâmica da sala de aula – que possibilita a troca entre estudantes de comunicação e de educação – é o principal ganho da disciplina. Há um aprendizado na convivência desses alunos que, nos debates e na organização conjunta dos seminários, mergulham na realidade de áreas próximas, mas com dinâmicas e realidades diferenciadas. Mesmo quando dava essas aulas unicamente no PPGE, sempre tive alunos oriundos dos cursos de comunicação e dos de educação.

Com a criação do Mestrado em Comunicação, a partir de 2010, essa troca se tornou ainda mais intensa. Passei a alternar a oferta dessas disciplinas num programa e em outro, o que obrigou os alunos a se deslocarem também fisicamente para aquele no qual a disciplina era ofertada, possibilitando novas trocas de aprendizados e experiências.

No Mestrado em Comunicação ministrei alternadamente as duas disciplinas obrigatórias – Teoria Social e da Comunicação e Metodologia de Pesquisa e as duas acima citadas, ofertadas sempre para alunos dos dois programas. Assim, a partir de



2010, quando eu não ministrei a disciplina obrigatória no PPGCOM eu ministrei uma das duas do PPGE e abri matrícula para alunos de ambos os programas.

Obviamente, nas disciplinas obrigatórias do PPGCOM procurei aprofundar o estudo da Teoria da Comunicação visando possibilitar ao aluno o conhecimento necessário para a fundamentação teórica de suas pesquisas. Na disciplina de Metodologia, procurei contextualizar a pesquisa em comunicação, especialmente no Brasil e na América Latina, mostrando a necessidade da articulação entre a fundamentação teórica e a metodologia, que deve ser a espinha dorsal das dissertações.

O clima de “prazer em estudar teoria” criado nos dois programas tem nos possibilitado criar algumas outras atividades, como as Tardes de Teoria, seminário de 15 horas/ aula nos quais discutimos um tema único, que o grupo decidiu aprofundar. Ora discutimos um livro referência para a disciplina, como o caso do livro *Cultura dos Pobres* de Richard Hoggart, ora convidamos um especialista em algum autor ou escola para dar uma aula específica sobre o tema, como fizemos com o professor André Tezza, que apresentou seus estudos sobre Adorno e a Escola de Frankfurt.

No decorrer dos anos em que atuei tanto em um programa como em outro, o maior desafio que me obriguei a cumprir, foi mesmo o de despertar a curiosidade e o prazer pela pesquisa nas duas áreas, mas sobretudo, na interface entre elas, o que afinal tem sido o meu próprio objeto de estudo.

## **1.6 Doutorado**

Não ministrei aulas exclusivamente para alunos de Doutorado, por isso vale aqui a descrição feita acima sobre minha atuação como docente de mestrado. No PPGE tive, em alguns semestres, alunos do Doutorado que seguiram minhas disciplinas, dentre os quais os orientandos que passei a ter a partir de 2009.

## **1.7 Orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso**

Minhas orientações de Trabalho de Conclusão de Curso no Departamento de Comunicação começaram numa época em que era preciso brigar para poder fazer monografia, pois havia uma discussão interna sobre a necessidade do aluno fazer projeto e se direcionar para o Mercado, não para a Academia.

Fui uma das primeiras, se não a primeira, a orientar monografia de alunos que tinham interesse em investigar a comunicação, aprofundar a leitura de textos de seus autores, propor reflexões.

Hoje quando olho a relação dos 30 alunos cujos trabalhos de conclusão de curso de graduação (sendo 22 monografias e 8 projetos) orientei no decorrer desses anos, percebo com alegria que boa parte deles, prosseguiu investigando a comunicação em Mestrados e Doutorados do Paraná e de fora. Percebi também que constam da relação de ex-orientandos nomes hoje consagrados da imprensa paranaense, como Guido Orgis, Daniela Siqueira e Marina Aparecida Sequinel, entre outros.

Dos 30 alunos relacionados no meu lattes, que fizeram seus trabalhos de conclusão de curso sob minha orientação, seis fizeram mestrado e quatro, doutorado. São dados relevantes para um curso de graduação que até início dos anos 2000 relutava em permitir a pesquisa em comunicação como trabalho de conclusão de curso e para um Departamento que só a partir de 2010 passa a ter seu Programa de pós-graduação.

Os temas dos trabalhos orientados em geral seguem minha linha de estudos – Teoria da Comunicação e as implicações da relação comunicação, sociedade e cultura – desdobrados em temas como jornalismo e mulher, telejornalismo e campanha política, redes sociais e mobilização. Dentre eles, destaco o trabalho da aluna Daniele Siqueira<sup>9</sup> – co-autora do livro que publiquei em 2006 – que foi premiado no Paraná e no Prêmio Pão de Açúcar, mas também os trabalhos de Fabro Steibel<sup>10</sup>, de Renato Essenfelder<sup>11</sup> – hoje professor e pesquisador da ESPM-SP – de Marcos Ricardo dos Santos<sup>12</sup>, de Guilherme de Barros Perini<sup>13</sup>, de quem fui banca na sua defesa de Mestrado em Educação e de Pedro Junior da Silva<sup>14</sup>, de quem também fui banca em sua defesa de Mestrado, no Programa de pós-graduação em Sociologia e no Doutorado em Meio Ambiente.

Mesmo quando acumulei grande número de orientandos na pós-graduação, como no ano de 2015 – quando tive 11 orientandos, por estar em dois programas concomitantemente – não deixei de orientar trabalhos de conclusão de curso, justamente

---

9 SIQUEIRA, Daniele. *A Imagem Televisiva: ilustração X informação*. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. UFPR

10 STEIBEL, Fabro Boaz. *A mudança do Brasil pela Publicidade. Lula e Serra na disputa pelo eleitor*. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. UFPR

11 ABRAHÃO FILHO, Renato Essenfelder. *A notícia da Gazeta do Povo através dos tempos*. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. UFPR

12 SANTOS, Marcos Ricardo dos. *Academia de Comunicação no Brasil*. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. UFPR

13 PERINI, Guilherme de Barros. *O campo de estudo da comunicação dentro da divisão atual do conhecimento humano*. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. UFPR.

14 SILVA, Pedro Junior da. *As novas tecnologias que transformaram o mundo da mídia: o caso da Gazeta Mercantil do Paraná*. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. UFPR.

por entender a importância de se incentivar desde a graduação a pesquisa em comunicação.

Sempre mantive pelo menos uma orientação de TCC por ano e tive a grata satisfação de acompanhar os trabalhos da aluna intercambista africana Aida Aurora Madope Manguê<sup>15</sup>, da aluna Mariana Marcondes Braga<sup>16</sup> que conseguiu fazer o seu TCC paralelamente a um Máster que fez na França durante um ano de intercâmbio e o da aluna Marina Aparecida Sequinel<sup>17</sup>, que fez uma excelente monografia sobre repórteres mulheres no jornalismo policial paranaense.

Finalmente, em 2016 – ano em que escrevo este memorial – oriento um trabalho, o da aluna Júlia Kreuz – sobre a interferência da mídia no andamento de processos penais, o que me permite associar as áreas de Comunicação e de Direito e, mais que isso, dialogar sobre o tema com meu ex professor de direito penal, Alexandr Knopfholz.

### 1.8 Orientações de Monografias de Especialização

No único curso de Especialização realizado pelo Departamento de Comunicação Social da UFPR até o ano de 2016, orientei quatro monografias, duas delas de alunas jornalistas e duas de alunas professoras. Os dois trabalhos feitos pelas duas alunas de jornalismo, versaram sobre as possibilidades educativas do telejornal (Welter Pereira<sup>18</sup>, 2001) e sobre o jornalismo e o Terceiro Setor (Gino Almeida<sup>19</sup>, 2001). As outras duas monografias tiveram como tema as novas tecnologias no ensino da arte (Santos<sup>20</sup>, 2001) e o uso da internet nos Faróis do Saber (Mazanek Santos<sup>21</sup>, 2001).

Destaco mais uma vez a coerência entre as orientações sobre minha responsabilidade e meu histórico como pesquisadora na área da comunicação. Em todos os trabalhos que orientei – da graduação ao doutorado – há uma concepção clara da

15 MANGUE, Aida Aurora Madope. *Análise do conteúdo e funcionamento da webrádio jornalismo FM*. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. UFPR.

16 BRAGA, Mariana Marcondes. 2013. *Pulsões em cena: elementos psicanalíticos presentes na crítica jornalística carioca sobre a dramaturgia de Nelson Rodrigues*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. UFPR.

17 SEQUINEL, Marina Aparecida. 2014. *O retrato da violência realizado por repórteres mulheres no jornalismo policial paranaense*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. UFPR.

18 WELTER PEREIRA, Maria de Lurdes. *O impacto do Repórter Cidade entre os estudantes de nível médio*. 2001. Monografia de Especialização em Comunicação e Tecnologias na Educação. UFPR

19 GINO ALMEIDA, Camila. *Jornalismo, educação e trabalho voluntário*. 2001. Monografia de Especialização em Comunicação e Tecnologias na Educação. UFPR.

20 SANTOS, Clevna Biscaia dos. *As Novas Tecnologias e o Ensino da Arte*. 2001. Monografia de Especialização em Comunicação e Tecnologias na Educação. UFPR.

21 SANTOS, Maria de Fátima Mazanek. *O uso da internet nos Faróis do Saber*. 2001. Monografia de Especialização em Comunicação e Tecnologias na Educação. UFPR.

comunicação como garantia da sociedade democrática de direito – seja nas propostas de análise crítica do que a mídia produz, seja na análise de possibilidades de educação e conscientização social a partir do uso da mídia e das novas tecnologias da comunicação.

Saliento ainda que – apesar das dificuldades já mencionadas para a realização do curso de Especialização – a totalidade dos alunos defenderam suas monografias e receberam o título de especialistas.

### **1.9 Orientações de Dissertação de Mestrado**

Desde que entrei no Programa de pós-graduação em Educação, em 2001 tenho regularmente orientado dissertações de Mestrado sobre temas ligados à interface comunicação e educação. A linha da qual faço parte – Escola e Cultura – é uma das maiores do Programa e tem uma demanda por ingresso que cresce todos os anos, o que faz com que o processo seletivo seja rigoroso e muito disputado. Assim, minhas primeiras orientações, cujas dissertações foram defendidas em 2003, versavam sobre a relação comunicação-educação, ainda numa perspectiva mais ampla de discutir a importância de se falar em comunicação na escola. No início dos anos 2000, ainda se buscava entender o que dificultava uma maior aproximação entre ambas no contexto escolar. As duas primeiras orientandas – uma professora e uma jornalista – experientes cada uma na sua área, mergulharam no universo que desconheciam justamente buscando compreender essas possibilidades de interface. A professora Inês Astréia fez uma ampla pesquisa sobre o uso dos meios junto aos professores do tradicional Instituto de Educação do Paraná, permitindo-se ela própria, conhecer autores e metodologias até então desconhecidos. Já a jornalista Joanita Ramos, fez o exercício de sistematizar academicamente as interrogações que explorava no âmbito do jornalismo, possibilitando aos alunos de Balsa Nova – na região metropolitana de Curitiba – uma experiência de educomunicação, através de uma oficina de vídeo e da produção de um audiovisual que causou uma grande discussão na cidade.

Nas defesas começamos a trazer professores de outros estados reconhecidos na área de Educomunicação, que a nosso convite aproveitavam a vinda para Curitiba para fazer uma palestra aos demais alunos do Programa, sobre o tema de suas pesquisas. Fomos criando assim, espaços para a discussão da Educomunicação em Curitiba, ampliando o debate sobre o tema e incentivando novas pesquisas.

Até 2010, era no PPGE-UFPR, que os interessados na interface comunicação e educação podiam encontrar guarita e orientação. Com o credenciamento da professora

Gláucia da Silva Brito e do professor Ricardo Antunes de Sá, que estudam educação e tecnologias e da professora Susana Ferreira da Costa, formávamos uma espécie de núcleo de comunicação e tecnologia, dentro da linha Escola e Cultura. Revezávamos presença nas bancas de nossos orientandos, proporcionando discussões e seminários que aprofundavam o tema.

Assim, passados mais de 15 anos deste início tímido, as orientações sob minha responsabilidade no PPGE agrupam um conjunto de pesquisas que retratam a evolução da temática no Paraná: da escola aos movimentos sociais e populares, passando pelos projetos da grande mídia, a interface comunicação e educação ganhou fôlego e consistência. Foi com surpresa que em 2015, ao encontrar o professor Ismar de Oliveira Soares – um dos principais autores da Educomunicação – em Porto Alegre, no RS, ele me disse que eu era, depois dele, a professora com mais dissertações orientadas sobre o tema.

Na evolução a que me refiro, passou-se de questões-chaves que versavam sobre a importância da proximidade entre comunicação e educação para investigações sobre o sentido que os receptores (do universo escolar, sejam alunos ou professores) dão para a mensagem midiática no ambiente escolar ou nos movimentos sociais e de que maneira se apropriam dos seus conteúdos. Nessa investigação, tive a oportunidade de orientar e de partilhar conhecimentos com professores e comunicadores, tendo ao acompanhar o dia a dia dessas pesquisas, possibilitado e me beneficiado, ao mesmo tempo, da interface dessas duas áreas, através das expectativas, ansiedades, experiências e descobertas resultantes desse encontro em sala de aula.

Ou seja, quero dizer com isso, que independentemente dos conteúdos abordados nas disciplinas que ministrei no PPGE (e depois no PPGCOM como narrarei a seguir) a simples oportunidade de reunir numa mesma sala de aula pesquisadores – profissionais da educação e da comunicação – e as discussões ali desencadeadas foram o principal aprendizado desses grupos.

A partir de 2010 com a criação do PPGCOM, passei a orientar também dissertações deste Programa, justamente em uma de suas linhas, que é a de Comunicação, Educação e Formações Sócio-Culturais. As dissertações orientadas também tiveram como tema a comunicação e educação em ambientes não formais de educação, ou seja, não necessariamente na escola, como no PPGE, mas nos movimentos sociais ou nas próprias empresas de comunicação, que cada vez mais se interessam por projetos de educomunicação. Os pressupostos teóricos que fundamentam a análise são

os mesmos da Educomunicação, com ênfase nos estudos de comunicação e cultura, mas no PPGCOM é possível ir além dos limites da escola e analisar os projetos de educomunicação da própria mídia, de movimentos sociais e populares e, eventualmente também nas escolas.

Até o presente ano, acumulei um total de 28 dissertações defendidas, sendo 23 no PPGE e 5 no PPGCOM e duas em fase de finalização (já qualificadas), uma de cada programa.

### **1.10 Orientações de Doutorado**

A primeira tese de doutorado que orientei tinha como objeto uma discussão sobre a reificação da tecnologia educacional a partir de uma releitura marxista feita por Luckás. Foi um trabalho denso, pensado e elaborado cuidadosamente pela professora e pesquisadora Natália Bueno com quem eu já havia trabalhado no Núcleo de Educação e Comunicação Popular, o Ncep. A Natália tinha bem claro o que queria pesquisar e procurei apenas orientá-la no sentido de possibilitar que a sistematização de sua tese desse conta do seu propósito investigativo, sem tomar rumos meramente ideológicos – uma vez que esse seu posicionamento era bem claro desde o início.

Interessante que sua tese propôs com o aprofundamento necessário, uma reflexão necessária e pertinente sobre o impacto da tecnologia na educação, sua reificação no sentido de carregar consigo as esperanças de resolver todos os problemas do sistema educacional e o vazio que provoca, quando destituída de uma boa base pedagógica para sustentá-la. Para dar conta de seus objetivos, a Natália trouxe à tese leituras complementares, como o estudo da obra de Paulo Freire que fez e apresentou em um dos seminários para alunos de mestrado e de doutorado no PPGE. Para dar conta de orientá-lo, tive que mergulhar num universo de leituras, no qual até então, eu havia passado rapidamente. O desafio e o aprendizado foram significativos.

As discussões desencadeadas nas suas bancas de qualificação e de defesa de tese foram muito significativas, principalmente sob o ponto de vista de um olhar crítico para a compreensão da relação Comunicação-Educação-Tecnologia e Sociedade.

A segunda tese por mim orientada e defendida pela aluna, também professora e pesquisadora, Iris Yae Tomita, tinha um objeto mais próximo dos meus estudos: os estudos culturais e a recepção dos produtos midiáticos na escola. Os autores que fundamentaram sua análise são os autores com os quais trabalho nos seminários da pós-graduação e da graduação, principalmente nas aulas de Teoria da Comunicação. O

desafio aqui foi o de ajudá-la, dentro das possibilidades de autores e teorias, definir qual enfoque dar à análise do seu objeto, de forma criativa e aprofundada.

Finalmente, as duas teses em andamento neste ano de 2016, uma de uma educadora e outra de um jornalista, caracterizam minhas pesquisas atuais: a primeira sobre o impacto das novas tecnologias (ou tecnologias digitais) nos professores de ensino médio e a outra sobre o ensino de jornalismo diante dessas novas tecnologias, que se insere no âmbito de uma pesquisa internacional, resultante de um convênio com a Université de Lyon II, na França.

### **1.11 Outras orientações**

Além de trabalhos de conclusão de curso na graduação e na especialização, de dissertações de mestrado e teses de doutorado, orientei nestes anos todos alunos bolsistas de diversas modalidades, como bolsa permanência, bolsa monitoria, bolsa extensão e bolsa de iniciação científica. Da bolsa permanência e das duas últimas falarei em detalhes nos itens sobre extensão e sobre produção intelectual.

Falarei aqui especificamente da bolsa monitoria, destinada a alunos da graduação. Para justificar o meu pedido de duas bolsas por semestre, um aluno monitor para cada turma, sempre argumentei que a monitoria é um exercício para o aluno que tem interesse em ingressar na vida acadêmica e procurei direcionar as atividades do monitor para este fim. Preparei a cada semestre as atividades específicas para o monitor, incluindo a preparação de uma aula para ser ministrada para as duas turmas, na presença do professor. Discuti com cada um deles o encaminhamento das aulas, as dinâmicas e fiz avaliação de todo o processo no final do semestre. Vários dos meus alunos monitores fizeram depois o curso de Mestrado, ou na Educação ou na Comunicação.

### **1.12 Análise Crítica da minha atuação no Ensino**

Concluo este primeiro capítulo do presente memorial, da maneira como o iniciei: o ensino de comunicação para mim sempre foi um grande aprendizado. Sempre procurei preparar minhas aulas – e as preparei e preparo ainda hoje – da maneira como aprendi a estudar e com a expectativa que tinha diante de um professor. Não é à toa que constato que dos meus 55 anos vividos, passei menos de dez longe dos bancos escolares (os seis primeiros anos de vida, pois as freiras do Instituto Coração de Jesus não me deixaram fazer a matrícula antes dos seis anos completos) e mais um ou outro depois de formada, atuando como jornalista. Em todos os outros, eu estive na escola, na maioria deles como

estudante, pelo prazer que tenho de estudar e por sempre ter apreciado sobremaneira o ambiente escolar.

É esse o prazer que procurei passar para os meus alunos da graduação e da pós-graduação. É a expectativa que sempre tive diante de um professor, de uma disciplina, que orientou meus planos de aula, obviamente com os conhecimentos que fui acumulando ao longo dos anos e dos próprios estudos. Por isso, minhas ementas foram sempre atualizadas, porque eu sempre me interessei em buscar o novo para primeiramente atender à minha própria exigência e à minha própria representação de uma boa aula.

Sinceramente, acredito que consegui despertar interesse nos alunos pelas disciplinas que ministrei. Não em todos, obviamente, nem necessariamente durante todos os semestres letivos. Mas diversas vezes encontrei ex-alunos, anos depois, que me relataram ter avançado nos estudos por conta de uma ou outra atividade feita em uma de minhas disciplinas. Fiz cartas de recomendação para vários deles que seguiram seus estudos em outros estados brasileiros e no exterior e, em tempos de redes sociais, acompanho orgulhosa o sucesso de vários deles.

Em termos de orientação, o que considero minha maior qualidade talvez tenha sido também uma de minhas fragilidades: a liberdade de escolha que sempre permiti que os orientandos tivessem. Nunca escolhi ou propus tema para pesquisa, mesmo que em alguns casos isso tenha me custado horas de leitura de textos mais distantes do meu objeto de pesquisa. Sempre procurei orientá-los no sentido de bem definir suas escolhas e ser fiel a elas, dentro das normas exigidas para um trabalho científico. Em alguns momentos, essa liberdade, custou idas e vindas, até o cumprimento de tais exigências.

Tive poucas desistências no meio do caminho. No mestrado, três ao todo e por razões pessoais, contando os dois programas. Na graduação, nenhuma. Poucas vezes também, publiquei artigos em conjunto com alunos e se o fiz, foram em textos relativos às suas pesquisas individuais. Não os atrelei forçadamente às minhas.

Novamente aqui, agi como orientadora, como aprendi com duas grandes orientadoras que tive, a professora Acácia Zeneida Kuenzer e a professora Geneviève Jacquinet Denaunay, de quem fui amiga até o final de sua vida. Aprendi com elas que a orientação de um trabalho acadêmico tem que ser profissional e sério, rigoroso. Depois de defendido, há uma vida inteira para se viver a amizade que dele pode nascer. Foi o que procurei fazer.



## IIa. O que estudei

*Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais,  
é só fazer outras maiores perguntas.  
Guimarães Rosa*

Eu gostava de tudo no meu colégio: do pátio de cimento cercado de prédios, da única árvore do parquinho, do auditório onde via encantada as exposições de audiovisual – o máximo da tecnologia de ensino daqueles anos 1970... -, das irmãs, dos lanches da cantina, do quadro de nossa senhora pintado com giz na entrada da capela, da irmã Elvira na porta conferindo se nossas meias eram mesmo brancas.

Ali peguei gosto pelo estudo e mais ainda pelas letras. Sempre gostei de escrever. Não era ruim em matemática, mas o meu forte era mesmo a língua portuguesa. Por isso no segundo grau (sim era assim que se chamava) escolhi fazer Técnico em Tradutor e Intérprete. Tínhamos aula de português, linguística, literatura, todos os dias, intercalando com aulas de inglês, francês e alemão.

Para o vestibular tinha três possíveis opções: letras, por óbvio, mas naquele momento não queria ser professora. Acompanhava a luta dos professores e da Apeoesp, era muito sofrido. Tradutor e Intérprete, era uma profissão de que não se ouvia falar e tinha em uma única universidade em São Paulo, a Iberoamericana. Não me interessava tanto. Também gostava de arquitetura, mas essa só tinha em São Paulo e era profissão para rico, não tinha cacife para tanto. Jornalismo me parecia ideal. Teria orgulho da profissão, poderia escrever e ainda lutar por um mundo mais justo – àquela época, um sonho de vida. Eu sempre tenho mesmo muito orgulho por ter feito jornalismo.

O resultado do vestibular foi uma festa para mim, que morria de medo de ficar pela primeira vez sem estudar se não desse conta de passar. O curso, na Metodista de Rudge Ramos – hoje Universidade Metodista de São Paulo – foi excelente. Estávamos próximos da Vila Euclides, no centro do movimento sindical que agitava o país. Nossos trabalhos eram nas assembleias ou na porta da Volkswagen. As lideranças sindicais – o Lula entre elas - , nos viam com máquinas fotográficas e nos mandavam subir nos palanques. Imprensa pode! Na verdade a imprensa presente era a alternativa, dos próprios movimentos, da Igreja, das universidades. Mas como o espaço estava ali, o ocupamos.

A universidade foi fundamental para abrir os primeiros horizontes. Participava de tudo o que era promovido – das sessões de cinema aos sábados, ao estágio no Rudge Ramos Jornal; das coberturas das greves, aos congressos ali sediados onde recebiam ex-exilados como o Paulo Freire que acabava de chegar, ou o primeiro prefeito do PT eleito no Brasil, o de Diadema. Aprendíamos que jornalista tem que estar na rua e saíamos à procura do que acontecia em volta, que não era pouca coisa.

Concluída a faculdade, fiquei pela primeira vez sem estudar um ano ou dois. Não me lembro ao certo. Até que comecei a fazer Letras, a segunda paixão. Com várias dispensas, achei que seria rápido. Trabalhava de dia e assistia as aulas à noite.

Um ano, dois, casei e mudei para o Paraná. Não tinha como continuar o curso de Letras, ao menos nos primeiros anos, pois trabalhava numa escola itinerante. Viajava praticamente toda semana.

Quando mudei para Curitiba, já estava mais velha, com 27 anos, e assim que comecei a trabalhar em jornal, em 1989, parei de viajar, retomei o curso de Letras, na Universidade Tuiuti do Paraná - UTP, e ao mesmo tempo, decidi fazer o curso de Mestrado em Educação. Eu não conhecia a Universidade Federal do Paraná, mas havia naquele curso, um professor cuja disciplina era Comunicação e Educação. Pronto, era o que queria. Parei de vez o curso de Letras e dediquei-me ao Mestrado. Fiz o curso no atropelo: meu segundo filho nasceu, teve uma greve imensa de professores, várias aposentadorias, meu filho ficou doente e no final, meu marido ganhou uma bolsa para ir fazer doutorado na França. Naquela época tínhamos que fazer o visto em São Paulo. Fomos os quatro e na volta, no mês de setembro, o marido foi para Paris e eu tinha três meses para concluir a dissertação, aprender francês, fazer projeto pedindo bolsa de

doutorado para a Capes e para o CNPq. Troquei o orientador poeta, da educação e comunicação pela professora Acácia Zeneida Kuenzer, que dispensa qualquer comentário.

Particpei da greve do jornal em que trabalhava, vendi o carro para comprar as passagens das crianças e conclui o texto. Defendi a dissertação dez dias antes do visto vencer, peguei as crianças e fui. Chegando em Paris, fui procurar um lugar para estudar. Eu precisava encontrar um professor que aceitasse me orientar. Através de indicações de amigos cheguei à Paris V e consegui ser aceita pelo professor Roger Sue, um “discípulo do pesquisador Jofre Dumazedier”. Descobri que na Paris VIII uma professora dava uma disciplina que era justamente sobre Tecnologia, Comunicação e Educação. Fui procurá-la e consegui ser matriculada também nesta sua disciplina. Achei o que queria fazer ali e onde queria de fato estudar. Defendi o *memoire* na Paris V e fiz minha inscrição para doutorado na Paris VIII, sob a orientação de Mme. Geneviève Jacquinot. Tínhamos aulas às quartas-feiras, praticamente o dia todo. Ali sabíamos de tudo o que acontecia sobre comunicação e educação em Paris e arredores. Não raro, a professora conseguia ingressos ou isenções de taxas para participarmos de congressos e eventos internacionais.

Meu marido defendeu a tese dele e voltamos para o Brasil. Aproveitei para fazer pesquisa de campo aqui, devolvi o último ano de bolsa a que teria direito e comecei a trabalhar, mesmo ainda tendo que escrever a tese, que defendi em dezembro de 1999.

Depois dela, fiz um curso de especialização em metodologia do ensino superior até que decidi iniciar uma nova graduação. Em 2006 fiz vestibular e passei no curso de Direito. Comecei porque sentia vontade de voltar a estudar e no começo, com várias dispensas, eu tinha poucas aulas na semana. Fui tomando gosto e fui ficando. Saía entusiasmada das aulas, principalmente das mais teóricas, encantada com a dinâmica de um curso de graduação visto àquela altura da vida e pelo lado dos alunos. Foi uma grande experiência. Eu observava tudo – do comportamento dos professores às reações dos colegas – queria entender como é que se aprende de fato um ofício que tem uma parte técnica específica, mas tem também um conhecimento teórico indispensável. Era como se eu fizesse um laboratório para entender melhor um curso de graduação ao mesmo tempo em que o cursava.

Parei o curso de Direito em 2008 para fazer pós doutorado na França. Era o momento de ir e graças à Mme. Jacquinot que me apresentou ao professor Pierre Moeglin, consegui ser aceita na Maison des Sciences de L’Homme, Paris Nord. Fui super bem acolhida e participei do grupo de pesquisa dele, que tinha reuniões em Bordeaux e algumas outras cidades da França, uma vez por mês. Particpei também dos seminários da Maison, um deles em parceria com Grenoble e com o Quebec, através de vídeo conferências. E participei de todos os eventos para os quais fui convidada pela Mme. Jacquinot, que continuava super bem relacionada e atenta a tudo o que acontecia em Paris na área de comunicação e tecnologias educacionais, apesar de já estar aposentada. Aproveitei o período também para escrever alguns textos e ainda estando lá fui convidada a integrar a próxima diretoria executiva da Intercom.

Voltei ao Brasil no mês de julho, assumi a Diretoria Cultural da Intercom em setembro e voltei a me matricular no curso de Direito, que estava pela metade.

Os últimos anos dessa graduação foram os mais difíceis. As matérias técnicas exigiam mais estudos, era preciso fazer uma ginástica para dar conta da grade horária de aluna e de professora, tinha a monografia e o escritório de prática jurídica. No último semestre 2012/2 eu fazia doze disciplinas, preenchendo todas as manhãs e noites com aulas, de direito ou de comunicação. Isso me obrigava a trabalhar praticamente em todos os finais de semana para dar conta de tudo o que tinha para fazer: aulas, orientações, diretoria cultural, pós-graduação e avaliações do Inep. Consegui concluir o curso, fazendo as duas últimas disciplinas – prática jurídica II e IV – num curso intensivo de três semanas no mês de janeiro. A formatura foi em março, quando eu já estava estudando para o exame da OAB.

Até o exame viajei para a França (estava iniciando o convênio internacional com Lyon) e para alguns estados brasileiros para fazer avaliação de curso ou para organizar os eventos da Intercom. Saí da prova e fui para o aeroporto participar de banca para professor na USP.

O resultado do exame da Ordem saiu em julho e foi uma das maiores alegrias da minha vida acadêmica e escolar. Uma alegria comparável apenas ao resultado do concurso para professor na UFPR. Ainda assim, eu sempre achei que naquele eu tinha obrigação de passar (de

tirar 11!) Mas nesse?! Esse era numa área completamente nova! Eu havia conseguido, apesar de todas as condições adversas e mesmo sem saber se exerceria ou não a advocacia. Infelizmente, não pude mais contar para a minha mãe que havia conseguido.

Fiquei um ano sem estudar e em 2014 comecei a cursar a Especialização em Propriedade Intelectual, na Universidade Positivo. Mais um ano e meio de curso, até que em 2015, no segundo semestre, concluí a monografia sobre os direitos autorais e as associações científicas.

O esforço para concluir esse trabalho – prazeroso e interessante – mas sempre feito nos intervalos das inúmeras atividades acadêmicas, me fez prometer que agora definitivamente “chega de estudar”, pelo menos em cursos regulares. Não sei por quanto tempo a promessa vai durar.

**II- Atividades de produção intelectual, demonstradas pela publicação de artigos em periódicos e/ou publicação de livros/capítulos de livros e/ou publicação de trabalhos em anais de eventos e/ou de registros de patentes/software e assemelhados; e/ou produção artística, demonstrada também publicamente por meios típicos e característicos das áreas de literatura, cinema, música, dança, artes visuais e afins.**

O pesquisador belga Armand Mattelart, como presidente do júri, foi o último membro a falar sobre minha tese, no dia da defesa. De tudo o que disse, gravei a sua percepção de que o meu texto revelava que eu tenho mais confiança nos autores que li do que nas minhas próprias reflexões. “Il faut faire confiance à toi”, concluiu.

Não exatamente uma total falta de confiança, mas um exagerado nível de exigência pautou minha produção intelectual durante minha trajetória acadêmica na UFPR. Mais do que preocupada em produzir para atender às exigências das agências de fomento, sempre tive como princípio que só deveria escrever, se fosse realmente algo novo e de muita qualidade. Da mesma forma, sempre procurei produzir a partir das experiências que vivi na universidade como descrevo a seguir.

São ainda do colégio de freiras salesianas de Santo André minhas primeiras noções de como fazer um bom trabalho escolar. Nas aulas da memorável professora Maria Luíza, aprendi a escrever academicamente, a estruturar um trabalho e a articular o texto de autores às minhas próprias reflexões. Na graduação em jornalismo, fiz poucos trabalhos científicos e naquela época nem havia a exigência de se fazer Trabalho de Conclusão de Curso.

No Mestrado em Educação tive minha primeira experiência de pesquisa científica e texto dissertativo. Nos poucos trabalhos feitos até então, os temas de meu interesse versavam sobre televisão, sua história e seus impactos na sociedade brasileira.

Foi esse o interesse que me motivou a fazer a dissertação sobre o papel do telejornal junto aos trabalhadores de Curitiba. Busquei entender que recursos – que eu

denominava de “educativos” - o telejornal utilizava e que cativava os trabalhadores a ponto de o apontarem como sua principal referência para conhecer o mundo ao seu redor.

Para estudar o telejornal e o que chamei de sua dimensão educativa, eu tive obviamente que estudar a televisão e seu impacto na sociedade dos então anos de 1990. Mesmo sem identificar ainda, eu já partia do pressuposto de que os trabalhadores davam sentido às mensagens midiáticas influenciados por suas condições de trabalho, de vida, de pertencimento aos grupos do seu entorno. Eu fazia tal reflexão influenciada pelos textos marxistas que lia ora para fundamentar os trabalhos na igreja, nos movimentos populares e sindicais dos quais já participava, ora pelos recentes livros de comunicação a que tinha acesso, muitos deles publicados ainda em anais mimeografados dos primeiros congressos de comunicação.

A orientação da professora Acácia Zeneida Kuenzer reforçou qualitativamente as referências marxistas, direcionando-as para a Educação. Na dissertação de mestrado fiz uma análise da recepção do telejornal *Aqui e Agora* a partir dos textos de Antonio Gramsci e seu conceito de hegemonia e de contra hegemonia. Relacionei tais conceitos aos de trabalho como princípio educativo, da própria Kuenzer, para poder então abordar o conceito de alienação e o papel do telejornal na formação crítica da classe trabalhadora. Ao afirmar que o “trabalho moderno surge como o novo demiurgo, modelando o homem integralmente, desde a infância, com os brinquedos, hábitos e habilidades até a idade adulta”, Kuenzer me permitia entender esse trabalho como “mediador” da recepção televisiva do telejornal analisado. Mas isso eu só entendi mais tarde, depois de muitas outras leituras e pesquisas.

O doutorado na França me abriu novas perspectivas teóricas. Inicialmente através do Diplôme d’Études Approfondies - DEA em Educação na Paris V, quando o orientador me indicava leituras na área da Sociologia da Comunicação, de Judit Lazar ou na área da Sociologia do Lazer, de Joffre Dumazedier. Foi na Paris VIII, ao me inscrever na disciplina ministrada pela professora Geneviève Jacquinet Delaunay que encontrei novamente a fundamentação teórica para delimitar a pesquisa a ser feita. Da análise mais ampla do papel “educativo” do telejornal numa sociedade em que boa parte da população não concluía o ensino fundamental, passei a pesquisar a recepção desse telejornal, considerando a recepção não mais como um lugar de chegada do processo comunicativo, mas como sua parte integrante e determinante, mediado por condições objetivas e subjetivas.

Os estudos de recepção, por sua vez, me trouxeram de volta para os autores latino-americanos, que inspiravam novas pesquisas pautadas pelo conceito de mediações culturais. Minha tese parte de uma revisão histórico-teórica dos estudos de recepção e faz uma atualização dos avanços da pesquisa em comunicação no continente, apresentando suas peculiaridades.

Normalmente não volto aos textos escritos, mas ao escrever este memorial, voltei aos dois principais textos da minha produção intelectual – a dissertação de mestrado e a tese de doutorado. Reli a fundamentação teórica da minha dissertação e compreendi o quanto ela se insere na história da pesquisa brasileira e latino americana de “denúncia” e de inquietação quanto à relação comunicação-ideologia-sistema capitalista de produção. Amadureci ideias e a maneira de articulá-las com a Teoria da Comunicação, mas a essência já estava ali, na escolha dos autores e do próprio objeto de pesquisa e essa essência permeou toda a minha produção seguinte, o que me deixou gratificada.

Em seguida fui ler os rapports<sup>22</sup> (arguições escritas) feitos pelos membros da minha banca de doutorado. Num deles, numa tradução livre, o professor Erik Neveu diz que o texto mostra capacidade de autorreflexão atenta e que isso compreende riscos e limites às escolhas feitas, mas constitui um indicador de uma postura de pesquisador”. Aponta ainda que a riqueza da tese está na utilização de pesquisas francesas, anglófonas e latino-americanas para fundamentar o objeto e que, ao mesmo tempo, permite ao leitor uma espécie de cartografia dos trabalhos latino-americanos. Essa diversidade de referências teóricas ali encontradas na opinião dele indica igualmente autonomia intelectual.

Mesmo duvidando as vezes dessa autonomia, como bem o disse Mattelart, nunca abri mão da compreensão do papel da comunicação como a linha tênue que garante a Democracia e que por isso mesmo, nos dizeres de Dominique Wolton, com os quais compactuo, deve ser vista e estudada com esperança.

O doutorado me possibilitou olhar o Brasil (e a pesquisa em comunicação) de fora, a relativizar teorias e análises, a fazer comparações e a ser mais exigente, o que certamente limitou a produção que descrevo a seguir.

---

22 Não fui submetida à qualificação como ocorre nos doutorados brasileiros. O texto foi enviado para dois professores externos à Paris VIII que emitiram suas respectivas opiniões favoráveis à realização da defesa da tese.

## 2.1 Artigos em periódicos

O levantamento de minhas publicações desde o curso de doutorado no final do ano de 1999, aponta três temas sobre os quais escrevi e publiquei desde então: i) o ensino de jornalismo, ii) a relação comunicação e educação, seja no ambiente escolar ou nos movimentos populares e, iii) a teoria da comunicação.

Dos artigos em periódicos que mais tenho satisfação de ter escrito destaco três que mais me gratificaram e que espelham os meus interesses científicos. O primeiro, publicado na Revista *MédiaMorphoses*<sup>23</sup> sobre o ensino do jornalismo no Brasil, que me obrigou a fazer uma ampla pesquisa sobre o tema, a escrever e reescrever para adequá-lo ao número especial da revista cujo título era “É necessário formar o jornalista?”. Consegui, ao propô-lo, inserir a discussão sobre o ensino brasileiro de jornalismo numa revista com artigos de vários outros países. Ao mesmo tempo, ao fazê-lo e trazê-lo para o Brasil, divulgando-o para meus alunos, articulo uma compreensão do tema em âmbito internacional, relativizando nossas questões locais e ampliando-as para a reflexão sobre o papel do profissional jornalista na sociedade do século XXI.

O segundo texto que destaco é o publicado na Revista *Comunicação & Educação*<sup>24</sup>, obviamente pela importância de ter um artigo publicado nesta que é a principal revista da área, mas sobretudo, por ter possibilitado, através do texto que pesquisadores brasileiros tivessem contato com o pensamento da minha ex-orientadora, a pesquisadora Geneviève Jacquinot Delaunay. Eu propus a entrevista e a realizei durante uma viagem de trem entre Paris e Poitiers, enquanto ela supervisionava por telephone os cuidados com sua mãe, já idosa. Escrever o texto daquela entrevista me fez perceber o quanto Jacquinot sempre esteve à frente do seu tempo, ao propor ainda nos anos de 1960 uma aproximação entre a tradicional escola francesa e os meios de comunicação. Além disso, nunca havia conversado com ela tão próxima e aprofundadamente sobre o objeto de pesquisa que nos era comum. Como na tese, discutir a pesquisa em comunicação-educação a partir da realidade francesa contribuiu para a compreensão dessa pesquisa no Brasil e suas peculiaridades.

O terceiro texto que destaco ainda não foi publicado, mas já foi aceito pela Revista Brasileira de Comunicação e versa sobre os direitos autorais e a produção científica. Resultado do trabalho de conclusão de curso apresentado para o Curso de

---

23 DALLA COSTA, R.M.C. *Les Défis de l'enseignement du journalisme au Brésil*. *MédiaMorphoses* (Bry-sur-Marne), v.1, p.127-132, 2008.

24 DALLA COSTA, R.M.C. *A Escola e o Fenômeno Midiático. Entrevista com Geneviève Jacquinot Delaunay*. In: *Comunicação & Educação*. Ano XII, n. 3. set/dez 2007, p. 73-80.

Especialização em Direito e Propriedade Intelectual, o texto apresenta um breve histórico dos direitos de autor e o problematiza diante das novas tecnologias de informação e da comunicação. Nele discuto a responsabilidade civil das associações científicas que, equiparadas aos provedores de internet, publicam textos plagiados por terceiros. Para fazê-lo fiz um exercício intelectual para me apropriar do raciocínio jurídico necessário e relacioná-lo às discussões sobre Tecnologias da Informação e da Comunicação na sociedade atual. Não foi fácil concluí-lo a contento dos professores orientadores que me cobravam um maior aprofundamento jurídico do problema que para mim é mais amplo e envolve os entraves da produção científica do século XXI. Ao mesmo tempo, encanta-me, motiva-me a possibilidade de mais uma articulação nas minhas pesquisas em comunicação: agora com o Direito.

No meu currículo lattes constam outros artigos publicados em periódicos, dois dos quais em revistas internacionais (um publicado em inglês e outro em francês). Constam também artigos feitos em co-autoria com alunos orientandos. Fui convidada para organizar um número especial da revista *Distances et Savoirs*, sobre EAD e ainda a coordenar, juntamente com a professora portuguesa, Lia Raquel Oliveira, um dossier com textos sobre a EAD, publicado na revista francesa DMS — *Distances et Médiations du Savoir*, número 8 de dezembro de 2014 — dedicado a Geneviève Jacquinet-Delaunay. Ou melhor dizendo, inspirados nela. Fiz, em parceria com a Lia, a tradução e a edição de todos os textos que serão publicados em dezembro/2016 pela revista *Ação Midiática*, do Programa de pós-graduação em Comunicação da UFPR.

Apesar desses trabalhos, reconheço que deveria ter tido uma maior disciplina no envio de textos científicos para periódicos qualificados da área de comunicação. Meu senso crítico e o acúmulo de tarefas – o texto científico requer tempo e continuidade – não me permitiram ir além.

## **2.2 Livros**

Coordenei e escrevi em parceria com os alunos de graduação Daniele Siqueira e Rafael Costa Machado o livro *Teorias da Comunicação na América Latina: da herança cultural à construção de uma identidade própria*. O livro foi resultado de uma pesquisa feita com alunos da minha primeira turma da graduação na UFPR e tinha a preocupação de oferecer para esses alunos um texto claro que os ajudasse a situar as escolas e autores da Teoria da Comunicação. Ele contextualiza as escolas e seus autores, mostrando o quanto as condições objetivas e subjetivas de cada um deles, determinam suas reflexões

e análises do objeto comunicação. Eu o utilizei nas aulas da disciplina de Comunicação, Sociedade e Cultura, principalmente para introduzir os autores brasileiros e latino-americanos nas aulas de Teoria da Comunicação.

Avaliando-o criticamente, dez anos depois de sua publicação, considero que seu maior mérito é justamente o de propor o estudo dessa teoria a partir dos nossos autores. Contudo, para uma reedição precisaria atualizar algumas descrições como o balanço das teorias no continente e inserir novos autores.

O segundo livro que consta na relação do meu currículo lattes foi proposto e organizado em parceria com o sempre inspirador, professor José Marques de Melo e trata dos paradigmas brasileiros em Ciências da Comunicação. Nele são apresentados artigos sobre as instituições de referência nacional que têm relação com a área da comunicação e sobre os grupos emblemáticos regionais ou locais. Na época da organização deste livro eu coordenava o Prêmio anual Luíz Beltrão e tanto as instituições como os grupos relatados no livro haviam sido contemplados pelo prêmio no decorrer de sua história. Coincidentemente, esse trabalho retrata mais uma vez meu interesse por fazer “mapeamentos” (cartografia) na área da comunicação no Brasil.

Minha produção intelectual sempre foi voltada para o reconhecimento bibliográfico da pesquisa em comunicação no Brasil e na América Latina. A partir desses levantamentos é que se pode partir para análises sobre os seus desdobramentos.

### **2.3 Capítulos de livros**

Tenho quinze capítulos de livros publicados, boa parte deles relacionados ao trabalho desenvolvido na Intercom e a convite do professor José Marques de Melo, o que muito honra minha trajetória. Além desses, procurei através de capítulos de livros propor reflexões sobre as atividades práticas e de pesquisa que desenvolvi no decorrer desses anos.

Assim, os temas abordados são principalmente ligados ao ensino de teoria da comunicação, os estudos de recepção, a história da comunicação e a relação comunicação, educação e cultura.

Fiz dois textos especialmente para os livros anuais publicados pela Intercom, um sobre comunicação e meio ambiente<sup>25</sup> e outro sobre comunicação e esporte<sup>26</sup>.

---

25 DALLA COSTA, R.M.C. “A Pesquisa em Comunicação: meio ambiente e ecologia na região sul”. In: MELO, J. M. de (org). *Mídia, Ecologia e Sociedade*. SP: Intercom, 2008, v.1, p. 413-426.

26 \_\_\_\_\_ “A cobertura esportiva do GRPCOM no contexto sócio cultural paranaense”. In: MARQUES, J. C.; MORAIS, O. J. de (org). *Esp. na mídia: diversão, inform. e educ.* SP: Intercom, 2012, v.1, p. 339-356.



Gostaria finalmente de destacar os dois capítulos que publiquei para os livros feitos coletivamente pela linha de pesquisa Escola e Cultura, da qual faço parte no PPGE. Em um deles faço uma análise do ensino da disciplina Teoria da Comunicação nos cursos de Comunicação Social<sup>27</sup>, objeto de estudo que permanece no meu leque de pesquisas. No segundo faço uma análise dos estudos das metodologias dos estudos de recepção e sua relação com a cultura da escola<sup>28</sup>, no qual tenho como objeto as pesquisas realizadas pelos meus alunos de mestrado. A partir de suas dificuldades metodológicas busco caracterizar as peculiaridades dos estudos de recepção no ambiente escolar.

#### **2.4 Trabalhos Publicados em Anais**

Em todos esses anos na UFPR participei dos principais congressos científicos da área<sup>29</sup>, principalmente os promovido pela Intercom e em todos eles, procurei apresentar trabalhos, sempre relacionados às pesquisas que estava fazendo naquele momento.

Comecei em 2000 apresentando no Alaic, realizado no Chile, os resultados da minha tese, recém defendida, sobre o papel do telejornalismo brasileiro.

A partir daí meus textos versaram sobre a Teoria da Comunicação (estávamos escrevendo o livro sobre teorias na América Latina), a história da comunicação no Brasil (sempre tivemos uma lacuna nesta área), as tecnologias da informação e a relação comunicação e educação.

Destaco nesta produção os textos que fiz em conjunto com minha ex-orientadora, Geneviève Jacquinot Delaunay, para apresentar nos Colóquios Brasil França no ano de 2006 e 2010, sobre as ações institucionais de educação para os meios no Brasil e na França. Mais uma vez, encarrego-me de tentar fazer um mapeamento das ações de educomunicação no Brasil para relacioná-las com as da França, que Jacquinot Delaunay tão bem conhecia.

Tenho alguns textos apresentados em co-autoria com alunos de mestrado e doutorado, normalmente relacionados às suas pesquisas em andamento, mas essa não

---

27 DALLA COSTA, R.M.C. “O Ensino da teoria da comunicação nos cursos de graduação em comunicação social”. In: Tânia Maria Braga Garcia; Leilah Santiago Bufren; Tânia Maria Baibich Faria (org). *Saberes e práticas no ensino superior*. Ijuí, RS: Unijuí, 2008, v.2, p. 153-175.

28 DALLA COSTA, R.M.C. “Estudos de Recepção: uma metodologia de análise dos meios de comunicação e a cultura escolar”. In: Maria Auxiliadora Schmidt; Tânia Maria Braga Garcia; Geraldo Balduino Horn (org). *Diálogos e perspectivas de investigação*. Ijuí, RS: Unijuí, 2008, v.1, p. 95-119.

29 Participei de um Congresso Nacional da Anped e de alguns congressos regionais (Anped Sul), até optar por participar prioritariamente dos eventos da área da comunicação. Apesar disso, sempre incentivei os alunos do PPGE a produzir e enviar textos para os eventos da Anped.

foi uma prática das mais frequentes na minha trajetória, justamente pelo excessivo critério de exigência e por entender que “orientação de trabalho” não significa co-autoria, o que aliás é confirmado pela doutrina que rege os Direitos Autorais.

Finalmente, destaco minha participação mais recente em eventos científicos com textos que abordam minha pesquisa atual sobre o ensino de jornalismo e as novas práticas jornalísticas, apresentados no Congresso da Intercom em 2015 e no Confibercom e III Jornada JADN, em Madrid, na Espanha, e em Lyon, na França, ambos em 2016.

Além dos trabalhos completos, tenho 34 resumos publicados em anais de congressos, a maioria feitos em co-autoria com alunos de mestrado do PPGE e do PPGCOM.

Ao fazer esse relato e uma inevitável autoavaliação da minha produção intelectual nestes 18 anos na UFPR, constato que os seus pontos fortes são a coerência temática – sempre produzi textos ligados às minhas pesquisas, aulas e projetos de extensão: teoria da comunicação, ensino de comunicação (e de teoria ou de jornalismo), comunicação e educação e movimentos populares; e o enfoque em criar cartografia da área, o que a meu ver aponta para uma análise mais ampla da pesquisa em comunicação. Como fragilidades, a quantidade numérica da produção e o risco de todo exercício de mapeamento, que é o de não aprofundar devidamente determinadas análises.

### IIIa. O que me influencia

*Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma ideia ligeira, e eu rastreio essa pro fundo de todos os matos, amém!*

Guimarães Rosa

Talvez uma das minhas maiores dores seja o sentimento de solidão, que eu atribuo ao fato de ter sido filha única. Nunca gostei de estar só e por isso, desde muito cedo saí à procura da “minha turma”. Devia ter uns 13 anos quando fui à Igreja Senhor do Bonfim, em Santo André, e perguntei ao frei Luís se poderia participar do grupo de jovens. “Mas você é muito grande para entrar no Tuca, tem que ir para a Cojosb. Essa era a divisão entre o que hoje chamaríamos de grupo *teen* (até os 14 anos) e grupo de jovens (a partir dos 14 anos).

Entre assim na Cojosb – Comunidade de Jovens Senhor do Bonfim. Apesar do conflito de classe na minha cabeça (para o colégio de rico da cidade, eu era muito pobre e para a comunidade de jovens eu era “patricinha”), essa foi a melhor coisa que fiz na minha vida, meu melhor passo. Na comunidade aprendi a trabalhar em grupo, a fazer projetos e organizar eventos, a dar aulas (de catecismo), a participar de mobilizações populares, a integrar conselhos... Por analogia, fazia ali uma preparação para a futura vida acadêmica.

Nesta comunidade fiz de tudo um pouco: fui catequista, secretária e coordenadora do grupo de jovens, participava do grupo de orações, do grupo de mulheres, das comunidades de base, da Pastoral da Comunicação e, finalmente do Conselho Paroquial. Ali também conheci o meu grande amor – do jeitinho idealista (e romântico!) que sempre sonhei – casei e mudei para o Paraná.

A minha participação nos diversos grupos da Igreja do Bonfim e o contato com o grande frei Luís (que até hoje se dirige a nós como “companheiros de luta”) foi a principal influência que recebi para ser o que sou e defender o que defendo. Ao mudar para o Paraná esse interesse em mobilização popular e social foi se direcionando aos poucos para o movimento sindical (Oposição do Sindicato dos Jornalistas do Paraná), político (núcleos de base do partido dos trabalhadores), profissional (Ativação – Grupo de Comunicação Popular da Escola Sindical Margarida Alves) e, finalmente científico – a Intercom – a partir dos anos 2000.

Foi por conta dessa experiência de organização iniciada aos 13, 14 anos, que tive clareza ao pensar e conduzir o NCEP – Núcleo de Comunicação e Educação Popular – e depois a Diretoria Cultural da Intercom.

Da mesma forma, foi ali que aprendi a defender o trabalho coletivo e o respeito às decisões do grupo, o que sempre procurei construir em todas as instâncias que integrei na UFPR.

Sempre gostei e procurei trabalhar em grupo e os anos de atuação na diretoria da Intercom reforçaram esse meu interesse. A Diretoria Executiva era absolutamente democrática e a opinião de todos era respeitada e valorizada. Discutíamos cada detalhe de uma instituição de mais de mil associados, que faz seis congressos anuais, com pelo menos dois mil participantes em cada um deles. Discutíamos propostas para a área da comunicação no Brasil, na América Latina e no cenário internacional mais amplo, num espírito colaborativo e propositivo. É assim que sempre gostei de trabalhar.

Por isso, em 2015, sempre buscando me direcionar para o Direito, passei a integrar a Comissão de Propriedade Intelectual da OAB-PR e a pensar com o grupo as estratégias de organização e pesquisa nesta temática.

### **III- Atividades de extensão, demonstradas pela participação e organização de eventos e cursos, pelo envolvimento em formulação de políticas públicas, por iniciativas promotoras de inclusão social ou pela divulgação do conhecimento, dentre outras atividades**

#### **3.1 Atividades de Extensão**

##### **3.1.1 Ncep – Núcleo de Comunicação e Educação Popular**

Minhas atividades de extensão na UFPR foram inicialmente pontuais e isoladas. Eu participava à medida em que era convidada para um evento ou outro. Participei da gravação de um programa de rádio (2000), coordenei um mini curso intitulado “Didática e prática de ensino: a questão da comunicação e da cidadania concreta” na XV Semana de Ensino, Pesquisa & Extensão, promovida pelo setor de Educação e orientei o trabalho “Educação e comunicação: reflexões sobre a necessidade de uma educação para os meios, apresentado na XVI Semana de Ensino, Pesquisa & Extensão, realizada no ano seguinte e promovida pelo mesmo setor.

Em 2002 um grupo de alunos me procurou para conversar. Eram alunos engajados politicamente no Cacos – Centro Acadêmico do Curso de Comunicação, mas também no DCE – Diretório Central de Estudantes – e até em partidos políticos e movimentos sociais. Queriam criar um núcleo de comunicação popular que pudesse atuar junto aos movimentos populares de Curitiba e região.

Como eu tinha experiência na atuação em movimentos de igreja – Pastoral da Comunicação – e em alguns movimentos populares, interessei-me pela ideia e com alunos fomos delineando a criação do que chamamos de Ncep – Núcleo de Comunicação e Educação Popular – que além de tudo, como diz o nome, propunha a interface comunicação e educação, objeto de minhas pesquisas.

Começamos a fazer reuniões semanais e a esboçar os objetivos e as linhas de atuação do núcleo. Formalizamos o grupo e começamos a concorrer às bolsas de extensão ofertadas anualmente pela Proec. O Ncep foi o primeiro projeto de extensão a ganhar bolsa no Decom. Inicialmente, em 2003, recebemos três bolsas, o que nos deu condições de realizar os primeiros trabalhos.

Este primeiro grupo decidiu que as bolsas seriam usadas para custear as ações fora de Curitiba, como a criação de uma rádio comunitária em Itaperuçu, na Região Metropolitana de Curitiba, que naquela época era prioridade nos projetos da Proec. O trabalho consistia em fazer reuniões com o grupo que queria criar sua própria rádio e

desenvolver ali, oficinas de capacitação para que aprendessem a estruturar e produzir sua programação.

Nas nossas reuniões semanais, avaliávamos os trabalhos, as dificuldades, os passos seguintes. À medida que o trabalho foi evoluindo, o grupo foi ficando mais conhecido e passou a receber novas demandas e convites para parcerias. Fizemos um projeto para solicitar recursos ao FDA e com a verba recebida, compramos computador, impressora, gravadores e equipamentos mínimos para o trabalho, numa época em que o Departamento tinha enorme carência desses materiais.

Traçamos três linhas de atuação: formação do próprio grupo, através do estudo de textos sobre comunicação e educação popular, ação junto aos movimentos e sistematização dessas ações através da produção de artigos (e algumas monografias dos alunos que iam concluindo seus cursos) sobre o trabalho realizado.

Nesta primeira fase de atuação, o Ncep fez parceria com movimentos sociais como o grupo de Itaperuçu e o Cefúria.

Se em Itaperuçu a ação era mais política e voltada para consolidação de uma rádio comunitária, dentro de uma proposta de democratização dos meios, a parceria com o Cefúria – Centro de Formação Irmã Araújo, era mais voltada para a formação, no nosso caso, para projetos de educomunicação. Assim, organizávamos em conjunto alguns seminários na Vila São Pedro, de formação de jovens para ações de educomunicação, fizemos um Seminário Estadual sobre Rádio Comunitária e participamos na produção de textos para a coleção Comunicação e Cultura Popular. Nos anos de 2004 a 2006 acumulei a função de chefe de departamento e de grande atuação na coordenação do Ncep. Ministrei cursos de extensão como o intitulado “Mídia e Responsabilidade Social”, com 12 horas de duração; apresentei o trabalho Comunicação Popular: Trabalhando com RPG, no Terceiro Enec – Vale do Ribeira: Encontro de Extensão e Cultura, com a carga horária de 8 horas/aula e do evento intitulado 5 Encontro de Extensão e Cultura da UFPR: Equidade, Inovação e Sustentabilidade”, com 22 horas.

Esse primeiro grupo de alunos fundadores do Ncep tinha muito claro o objetivo de despertar no curso um compromisso com os menos favorecidos da sociedade. Decidimos nas reuniões que as bolsas obtidas junto à Proec a cada ano seriam destinadas a novos alunos para que trouxéssemos mais interessados por esse trabalho.

E assim aconteceu. A cada ano, o Ncep foi tendo maior número de alunos, uma vez que os bolsistas de um ano, continuavam como voluntários no ano seguinte e as

bolsas eram um atrativo para alunos novos.

Conseguimos uma sala exclusiva para o Núcleo no departamento de comunicação e os bolsistas se revezavam em plantões que visavam atender ao público, mas também dar maior visibilidade ao grupo.

Com o passar dos anos, aumentou a demanda de escolas que queriam fazer projetos de educomunicação para suas turmas. Alguns professores do Decom passaram a fazer parte do grupo e assumir algumas das atribuições que não paravam de aumentar. A renovação de alunos e de professores acabou por dar um direcionamento novo ao Ncep que se voltou mais às ações de educomunicação junto a escolas.

Afastei-me do grupo em 2008, quando fui para o exterior fazer pós doutorado. Na volta, retomei algumas atividades, participando das reuniões agora coordenadas pela professora Kelly Prudêncio, mas com a criação do Programa de Mestrado em Comunicação e a participação na diretoria da Intercom, acabei saindo do grupo.

O Ncep entretanto, consolidou-se e é hoje o único núcleo efetivo de extensão do departamento. Continua atraindo e sensibilizando novos alunos para a participação em projetos que envolvam e atendam às demandas da comunidade, principalmente as mais carentes. Tive o privilégio de ter sido a primeira professora convidada para criá-lo e formalizá-lo na UFPR. Nele, vivenciei de fato o que é o trabalho de extensão universitária.

### **3.1.2 Cinema na escola**

O projeto Cinema na Escola para professor foi uma ideia que tive e desenvolvi junto com alunos do Programa de pós-graduação em Educação. A ideia era a de possibilitar aos professores de uma escola pública da cidade – escolhemos o Instituto de Educação – uma sessão de cinema gratuito, durante o período em que estivessem na escola, pelo menos uma vez por mês.

Para isso, com os alunos, escolhemos alguns filmes que propiciassem uma discussão sobre a importância da aproximação entre educação e comunicação e elencamos nomes de professores que poderiam participar das sessões para comentar cada filme.

Os professores da escola aderiam à proposta voluntariamente. A escola disponibilizava uma sala e nós projetávamos o filme e propunhamos a discussão no final da sessão.

O projeto foi realizado durante o ano de 2004, perfazendo um total de 64

horas/aula e todos os filmes previstos foram exibidos. O número de professores variava em função do andamento do calendário escolar e das atividades de cada um.

A análise e a avaliação dos resultados desta proposta constam no artigo apresentado no II Congresso Brasileiro de Formação de Professores realizado em Campo Largo, em 2004<sup>30</sup>. Embora o projeto tenha tido curta duração, foi interessante pensar e desenvolver uma ação de extensão em escolas, voltada para professores e, principalmente, sistematizar a experiência sob o enfoque dos textos da Teoria da Comunicação.

### **3.1.3 Outros eventos e cursos na UFPR**

Em 2003 coordenei um Evento de Extensão voltado para os professores do Decom, intitulado “Metodologia e Didática no Ensino Superior de Comunicação Social”, ministrado pela professora e colega do PPGE, Tânia Maria Braga Garcia.

Continuei a participar de eventos de extensão de curta duração nos anos seguintes, como o realizado em 2007, sob o título “O Movimento Popular no Brasil”, com 12 horas. Em 2012, ministrei o módulo Cultura Consumo e Mídia, com carga horária de 30 horas/aula no curso de Extensão promovido pela Copefor, intitulado Mediadores de Leitura na escola: A Leitura Crítica dos meios de comunicação nas aulas de Língua Portuguesa.

### **3.1.4 Café Intercom**

A organização de Cafés Intercom era uma das atribuições da Diretoria Cultural da Intercom – função que exerci nas gestões da diretoria de 2009 a 2011 e de 2011 a 2014.

A ideia do professor José Marques de Melo ao criar o que denominou *Café Intercom*, era a de possibilitar aos sócios da entidade, a apresentação de suas publicações ou a divulgação de suas pesquisas ou ainda a realização de debates sobre temas pertinentes à comunicação em várias cidades do Brasil, durante todo o ano, gerando uma dinamização das atividades científicas da comunicação.

Em São Paulo e no Rio de Janeiro o Café Intercom era feito com certa regularidade graças a convênios feitos com a Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro e a

---

30 DALLA COSTA, R.M.C.; ASSUMPCÃO, A.C.R.; BONIFÁCIO, S.F. “Cinema na Escola: uma proposta de formação de professores para a Educação para os Meios”. In.: *Congresso Brasileiro de Formação de Professores*, 2004, Campo Largo-PR. Anais do II Congresso Brasileiro de Formação de Professores. Campo Largo-PR: Faculdade Cenecista Presidente Kennedy, 2004. V.1. p. 49-49.

Livraria Cultura em São Paulo.

Ao assumir a Diretoria Cultural da entidade em 2009, tratei logo de tentar implantar a ideia em Curitiba. Procurei a Fnac e consegui firmar um acordo que permitia a realização de um Café Intercom por mês, aberto ao público, nas dependências da livraria, no Park Shopping Barigui. A Fnac cedia o espaço devidamente equipado, fazia a divulgação do livro a ser lançado, se fosse o caso, e servia um vinhozinho ou água para os participantes. A Intercom trazia o palestrante ou os debatedores, quando fosse uma mesa redonda.

Durante o ano de 2010 realizamos com regularidade os Cafés Intercom-Fnac em Curitiba, aproveitando a vinda de professores de fora para participar de bancas de mestrado e doutorado, lançamentos de livros de professores da cidade ou mesmo convidando jornalistas para debates propostos sobre temas atuais da comunicação.

O interessante desse trabalho de extensão foi, em primeiro lugar, a possibilidade que ele proporcionava aos usuários da Fnac e de seu café, de se inteirarem das discussões da comunicação nos dias em que o Café ali era realizado. Além disso, esses encontros eram divulgados para professores e alunos dos outros cursos de comunicação de Curitiba, que tiveram também espaço para divulgar o trabalho de seus professores. Consegui assim, criar um evento que se repetia todos os meses e que reunia professores e estudantes de comunicação dos cursos da cidade.

Continuei à frente do Café Intercom Nacional até o ano de 2014, mas em Curitiba ele passou a ser realizado apenas eventualmente, em função do acúmulo de atividades sob minha coordenação nos anos que se seguiram. Um professor, Rogério Covalski, de cuja banca de mestrado eu havia sido membro do júri na UTP, em Curitiba, mudou para o Recife e criou lá um projeto de extensão para a realização dos Cafés e desse projeto, resultaram dois livros, para os quais fiz as apresentações.

Como coordenadora geral desse projeto, eu tinha um cronograma de atividades a ser desenvolvido, que se iniciava no mês de fevereiro de cada ano, com um chamamento geral através do boletim da Intercom, e que prosseguia através da divulgação e da cobertura dos eventos realizados, também para ser publicado no boletim quinzenal da entidade.

Além dos Cafés Intercom, na Diretoria Cultural eu passei a ser responsável pelo Seminário Temático anual realizado na Rede Globo de Televisão, no Rio de Janeiro. Participei do primeiro destes seminários – quando a Intercom e a Globo Universidade – ainda planejavam uma parceria – no ano de 2007, com carga horária de 20 horas/aula.



Firmada a parceria, de 2010 a 2014, coordenei o Seminário, fazendo a seleção dos seus participantes, que eram sócios da Intercom e professores de comunicação de todo o país. Em 2014, além do seminário, organizei uma visita dos alunos do PPGCOM-UFPR ao Projac, passando por São Paulo, onde visitamos o Museu da Língua Portuguesa.

### **3.1.5 Instituto GRPCOM**

Sempre que se discute o ensino de comunicação dois pontos parecem como cruciais: a articulação teoria e prática e a articulação academia e mercado de trabalho. Na realidade, essa articulação está longe de ser atingida, ora porque nem sempre se consegue criar coletivos na academia para se pensar o curso para além de cada disciplina desse ou daquele professor e muito menos, porque são poucos os que se dispõem de fato a um diálogo com o mercado.

Sempre fui procurada pelo Grupo GRPcom para algum tipo de parceria e sempre fui aberta ao diálogo e às discussões de trabalhos conjuntos.

Inicialmente fui chamada para conversar com uma jornalista e uma pedagoga que à época eram responsáveis pelo *Projeto Ler e Pensar*, que estava começando. Fui chamada por trabalhar com a interface comunicação e educação. Fui convidada a falar em um evento que eles organizaram para professores do projeto, mas além disso não fizemos nenhum trabalho conjunto.

Logo em seguida, uma das minhas primeiras alunas de mestrado foi justamente essa jornalista que iniciou o Projeto Ler e Pensar, mas ela já havia se desligado do grupo.

Em seguida, a busca de parceria foi pelo então criado Instituto GRPCOM que queria realizar em conjunto com o Decom-UFPR um curso para seus jornalistas e para futuros trainees (alunos do quarto ano do curso de comunicação da UFPR). A proposta foi amplamente discutida no departamento e gerou muitos problemas entre os que eram contra e os que eram a favor. Ainda assim, um grupo de professores do Decom no qual eu me inseria, conseguiu firmar a parceria e criar o Curso de Extensão Universitária intitulado “Jornalismo Cultural”, realizado em 2004, com 80 horas/aula. Nele, ministrei um módulo que era justamente o que dava nome ao curso, de jornalismo cultural. Participei também de toda a discussão para preparação do curso (um verdadeiro diálogo entre academia e mercado sobre as necessidades de formação profissional) e da sua avaliação no final, esta já prejudicada pelo desgaste causado pelos professores que eram contra a proposta.

Depois disso, voltei a ser convidada para participar das atividades do Instituto GRPCOM só alguns anos mais tarde, em 2012, quando novamente tive uma aluna de mestrado que trabalhava no grupo.

Os projetos de educomunicação haviam evoluído, o Ler e Pensar já era um projeto consolidado e premiado, outros projetos estavam sendo iniciados e me convidaram para integrar o Conselho Externo de Consultores em Educação.

A partir de então, voltei a participar agora com certa regularidade, das atividades do IGRPCOM. Ministrei algumas aulas para o curso de formação que eles faziam para os professores de escolas públicas ligados ao Ler e Pensar e comecei a participar das reuniões e atividades deste conselho externo, chamado a opinar sobre as atividades de educomunicação do grupo, bem como para compor o júri que anualmente escolhe os melhores projetos desenvolvidos pelas professoras também do Ler e Pensar.

Esse conselho externo é formado por quatro professoras (duas do ensino fundamental e médio e duas do ensino superior, de instituições diversas) mais um jornalista do jornal Gazeta do Povo, mais a equipe de profissionais do Instituto. Cada membro expressa livremente sua opinião sobre os projetos e sobre um ou outro ponto, numa espécie de consultoria coletiva, visando a otimização dos projetos ali desenvolvidos.

É um dos trabalhos mais gratificantes que faço atualmente, uma vez que me possibilita um contato direto com as professoras que levam para sala de aula os projetos de educomunicação e com as professoras de outras instituições que pensam a formação desses docentes da rede pública, já sensibilizadas pela necessidade da aproximação entre comunicação e educação.

Regularmente também nos são enviados os exemplares do boletim *O Bolo*, que é feito pelo IGRPCOM e distribuído em toda a rede estadual de ensino, como forma de apoio às atividades do programa.

Finalmente, em 2016, a partir de um convite feito pelo professor Hertz Wendell, que queria organizar algo sobre comunicação e gastronomia, propus a criação de um curso de extensão sobre um novo tema que tem despertado o meu interesse. A proximidade com os profissionais do IGRPCOM facilitou as conversas com as jornalistas do Bom Gourmet e discutimos uma nova parceria. Elaboramos juntos um curso de extensão, de 30 horas/aula voltado para alunos e profissionais de comunicação e profissionais de gastronomia, que analisa essa relação sob os aspectos da publicidade e criação de marca neste setor especializado; a organização de eventos e a crítica

jornalística da área bem como a produção de imagens para o setor. O curso proporciona ainda uma maior interação entre professores da UFPR interessados no tema, profissionais da área e a comunidade externa de uma maneira geral. É gratuito e visa justamente propor uma discussão técnico profissional sobre a comunicação e a gastronomia, até então inexistente na cidade.

O relato das minhas atividades de extensão na UFPR me faz pensar no sentido da extensão universitária, que para mim sempre foi o abrir as portas da universidade para a comunidade externa sem perder o seu foco na produção e sistematização de conhecimento. Ao propor ações abertas para alunos de escolas públicas e movimentos populares, no caso do Ncep, de palestras sobre temas relevantes e atuais da comunicação, no caso dos Cafés Intercom, ou de cursos e visitas em parcerias com empresas de comunicação, no caso da rede Globo e do GRPCOM, sempre tivemos como propósito compartilhar conhecimentos, aproximar públicos cujos interesses fossem discutir nosso objeto de pesquisa que é a comunicação. As atividades de extensão têm sentido à medida em que aproximam a universidade da sociedade justamente para que produção e sistematização de conhecimentos sejam enriquecidas e compartilhadas. No caso das atividades de comunicação é fundamental essa aproximação para que não se perca o contato com a realidade, seus principais sujeitos, e a maneira como interpretam e reconhecem o mundo ao seu redor.

#### IVa. O que eu li

*A gente só sabe bem, aquilo que não entende.*  
Guimarães Rosa

Criada numa família de não leitores, na qual livros – duas enciclopédias, Barsa e Conhecer - serviam para enfeitar a estante, tive nas indicações feitas pelos professores o melhor acesso a bons textos. Talvez por isso, insista em minhas aulas, na indicação de livros para leitura em plena era de textos digitais e instantâneos.

A primeira grande referência nas indicações era a inesquecível professora Maria Luíza. Como ela era extremamente rigorosa e eu tinha que prestar contas em casa com boas notas, seguia à risca suas ordens, muitas vezes não dando conta de apresentar o resultado no prazo por ela estipulado. Foi assim com o texto *A Hora e a vez de Augusto Matraga*, que entreguei um dia depois e tive anotado em vermelho no meu trabalho: entregue fora do prazo, valendo B”. Na verdade, entreguei com atraso porque sempre gostei muito de escrever, e me alonguei nas respostas do roteiro que ela nos deu para fazer, após a leitura. Mas tirei a nota máxima permitida pelo atraso: B e ela ainda elogiou o trabalho para toda a classe. Conquistar a professora Maria Luíza foi uma das minhas conquistas escolares mais significativas.

Toda essa história para dizer que graças ao bom colégio em que estudei, tive desde cedo acesso a boas leituras, em especial clássicos da literatura brasileira. De Antonio Manuel Bandeira a Érico Veríssimo, de quem li a coleção completa, apaixonadíssima pelo seu estilo. Até mesmo quando já estava na faculdade e podia escolher algum tema para trabalho, escolhia obras da literatura, como foi o caso de Grande Sertão Veredas, que me obriguei a ler para fazer um trabalho para o professor Manolo (José Manuel Morán Costas, hoje uma referência na área de Tecnologias na Educação).

Por conta da participação na igreja e da mobilização toda daquele período, acabei tendo acesso também a uma literatura “de esquerda” brasileira e latino americana muito em voga naquela época. A começar pelos livros religiosos de Leonardo Boff, Carlos Mesters, seguidos de Eduardo Galeano, Moema Wiezer, Frei Beto, Paulo Freire. Tínhamos um grupo de estudos na igreja, integrado pelos seminaristas que tinham aula com os ápices da Teologia da Libertação em São Paulo (entre eles o Armando) e um cronograma de leituras e debates.

Na faculdade as principais indicações também iam nessa linha: Augusto Boal, Plínio Marcos, alguns boletins da recém criada Intercom, com artigos dos primeiros alunos de pós-graduação em comunicação no Brasil, como Anamaria Fadul, o próprio José Marques de Melo, Carlos Eduardo Lins da Silva... Líamos também muitos materiais alternativos e alguns artigos científicos sobre comunicação popular de autores como Regina Festa e Círculo Peruzzo.

Numa rápida avaliação do meu curso de graduação, posso afirmar que sua grande ênfase era para a formação de jornalistas críticos e sintonizados com as mudanças políticas necessárias para o país como a luta contra a carestia, a volta dos anistiados e a campanha pelas diretas. Líamos mais economia, política e sociologia do que teoria do jornalismo. A formação técnica-profissional ficou num segundo plano e não acho que isso foi ruim, porém deixou lá suas marcas e uma delas é a propensão à ênfase em um jornalismo sempre ligado a posicionamento político e ideológico mais amplo e menos específico. Outra marca foi a ausência de estudos teóricos mais aprofundados sobre a comunicação, o que passei a perseguir nos meus projetos de pesquisa na UFPR.

No Mestrado em Educação minhas leituras continuaram nesta linha. Minha orientadora, professora Acácia Kuenzer é marxista, o que iluminava adequadamente o meu objeto de estudo – a recepção do telejornal *Aqui e Agora*. Aprofundei-me nos estudos de Antonio Gramsci e os conceitos de hegemonia e contra hegemonia, conectados com o que se começava a fazer no Brasil em termos de estudos de recepção.

Foi no doutorado na França que voltei à Teoria da Comunicação e passei a perseguir a compreensão teórica do fenômeno da comunicação. Inicialmente, ainda no DEA, dediquei-me à leitura de autores da sociologia da comunicação, como Joffre Dumazedier, Judith Lazar e Francis Bale. Em seguida já sob a orientação de Mme. Geneviève Jacquinot, passei à leitura de

obras e autores mais específicos da área como os publicados nas revistas *Hermes*, do CNRS, e a *Reseaux*. Conheci os autores da Escola de Chicago, os Estudos Culturais, os autores ingleses dos estudos de audiência e os autores franceses que se ocupavam da relação comunicação-educação, como a própria Jacquinot, e Louis Porché. Conheci autores franceses que estudam televisão e mais especificamente o telejornalismo, como Gerárd Le Blanc e Arnaud Mercier. Ao voltar ao Brasil, em 1996, retomei contato com as pesquisas brasileiras e seus novos autores, muitos deles presentes no Colóquio Brasil-França, realizado naquele ano em Grenoble. Retomei a leitura de autores latino-americanos, alguns ainda desconhecidos para mim, como Guillermo Orozco, Néstor García Canclini e Jésus Martin-Barbero.

Aos poucos fui ampliando o leque de leituras e fazendo as conexões necessárias para tecer a tese. Lembro-me de um encontro de orientação no qual Mme. Jacquinot me pediu para falar da pesquisa latino americana em comunicação: “o que esperamos de um aluno da América Latina é que nos apresente seus autores, não queremos a releitura dos nossos”. Esse pedido fez com que eu passasse a priorizar a leitura desses autores e acabou influenciando minha atuação profissional como professora de Teoria da Comunicação.

Ainda na França, retomei o contato com a obra de Armando Mattelart, que eu havia conhecido na graduação através do conhecido livro *Para ler o Pato Donald*. Conheci a obra do sociólogo Dominique Wolton, que passou a fundamentar a minha reflexão sobre o papel dos meios na sociedade do século XXI.

O início da minha atividade profissional como professora do ensino superior na volta ao Brasil me fez buscar novos autores para subsidiar e atualizar o conteúdo de minhas aulas. Desde então procuro acompanhar todos os lançamentos de textos sobre Teoria e História da Comunicação, tema pelo qual passei a me interessar ao assumir essa disciplina da UFPR. Igualmente dediquei-me aos textos de metodologia da pesquisa em comunicação das professoras Maria Immacolata Vassalo de Lopes e Lúcia Santaella.

Além deles, neste período todo dediquei-me igualmente à leitura de obras cada vez em maior número dedicadas à interface da comunicação-educação, em especial dos autores uspianos, como Ismar de Oliveira Soares (um dos meus professores de graduação), Adilson Citelli, Roseli Fígaro e Maria Aparecida Baccega. Para subsidiar os estudos de recepção, acompanho os textos de Nilda Jacks, Mauro Wilton de Souza e Ana Carolina Escosteguy.

Já os estudos sobre o ensino de jornalismo são fundamentados principalmente em obras de José Marques de Melo e Eduardo Meditsch, além obviamente dos documentos produzidos sobre o tema recentemente.

Neste percurso de leituras, procurei acompanhar as principais discussões teóricas sobre os objetos com os quais trabalho – teoria e história da comunicação, estudos de recepção, comunicação e educação e ensino de jornalismo – e obviamente não deixei de fazer leituras sobre temas próximos ou interligados como tecnologias na educação, semiologia da comunicação, cultura na escola, cultura e comunicação, entre outros. No pós doutorado, por exemplo, entrei em contato com obras de autores como Pierre Moeglin e Philippe Bouquillion.

O que considero importante salientar numa análise autocrítica dessas minhas leituras são dois pontos para mim fundamentais. O primeiro deles é a relação direta de tudo o que li com o contexto de cada período em que vivi: das leituras ideológicas dos anos de 1970 e 1980 aos textos de maior consistência teórica, resultado do avanço científico da pesquisa em comunicação no Brasil e no mundo, neste século XXI. O segundo é a articulação de tais leituras com o conteúdo de minhas aulas, dos trabalhos que oriento e dos textos que escrevo. Percebo que é possível acompanhar uma evolução da pesquisa em comunicação a partir das referências bibliográficas da minha produção intelectual, o que evidencia o seu amadurecimento.

## **IV- Coordenação de projetos de pesquisa, ensino ou extensão e liderança de grupos de pesquisa**

Minhas atividades de pesquisa na UFPR sempre estiveram ligadas às disciplinas que lecionei na graduação e no mestrado e doutorado, à minha atividade na extensão e às relações que sempre tive com professores da França, em especial Mme. Geneviève Jacquinet-Delaunay, Jean François Cerisier, Luís Busato e Arnaud Noblet.

### **4.1 Projetos e Grupos de Pesquisa**

O principal projeto de pesquisa que desenvolvi nestes anos todos foi o intitulado “O diálogo entre as ciências da comunicação e da educação: das realidades institucionais aos questionamentos epistemológicos”. Registrado no ano 2000<sup>31</sup>, este projeto está ativado, pois trata justamente do estudo que acompanha minha atividade didática na pós-graduação, sobre os fundamentos teórico metodológicos da interface comunicação e educação e é sobre ele também que versa a maior parte da minha produção intelectual, relatada no item IV.

Se inicialmente a aproximação entre comunicação e educação tinha um claro viés político e ideológico, como evidenciam os textos produzidos até a década de 1980, aos poucos, à medida em que se consolidam nas universidades, em especial na USP, os estudos sobre o tema, um conjunto de conceitos e metodologias passam a dar sustentação teórico-metodológica para as pesquisas que não param de crescer.

Através da orientação de dissertações de mestrado e de teses de doutorado, procurei, em conjunto com os alunos, aprofundar os conceitos fundamentais dessa interface, tais como os conceitos de comunicação e educação e o de educomunicação.

O Grupo de Pesquisa que abrigou esse projeto foi criado em 2004, com o nome de Comunicação, Sociedade e Cultura (registrado no CNPq). Desde então, como líder, procurei sistematizar as ações de extensão que desenvolvia no Núcleo de Comunicação e Educação Popular, bem como as dissertações desenvolvidas pelos alunos de Mestrado e Doutorado em Educação. Já a professora Myrian Del Vecchio, vice-líder do grupo, desenvolveu no mesmo período pesquisas sobre comunicação, ciência, tecnologia e sua relação com a sociedade e cultura.

As leituras, pesquisas e análises que fazemos neste grupo articulam os textos da teoria da comunicação, em especial os que mencionam a relação comunicação e cultura,

---

31 Registrado no Banpesq/Thales: 2000007864.

os estudos sociológicos sobre o papel da comunicação na sociedade tecnológica do século XXI, a relação comunicação e educação neste contexto e os estudos de recepção. Além de coordenar este grupo, participei também do grupo Cultura, Práticas Escolares e Educação Histórica, inserido na linha de pesquisa Cultura e Escola e, do grupo de estudos Professor, Escola e Tecnologias Educacionais (Gepete), ambos com professores do PPGE.

No primeiro grupo, o de Cultura e Práticas Escolares, participei como docente integrante da linha, como orientadora de pesquisas que se inseriam nesta discussão teórico-metodológica e tenho como principal resultado a publicação de dois artigos, um em cada um dos livros preparados pela referida linha, já mencionados no item III, deste memorial.

Já minha participação no Gepete foi mais intensa, uma vez que trouxemos para este grupo a pesquisa que fizemos através do Convênio Internacional com a Universidade de Poitiers, na França. O objeto de estudo deste acordo é o uso de tecnologia na educação e integramos uma ampla pesquisa que envolvia todas as instituições participantes do Consórcio que geriu o Máster Euromime até o ano de 2016. Comecei a participar deste Máster em 2008, quando recebi uma bolsa do grande Projeto Erasmus Mundus, da União Europeia, para ir a Poitiers e participar durante um mês das atividades do projeto em Poitiers, em Lisboa e em Madrid. Em seguida, recebemos várias vezes a visita de pesquisadores deste Máster e integramos a UFPR na rede que investigava o uso de tecnologias por professores e alunos dos diversos países envolvidos.

Convidei a professora Gláucia da Silva Brito para participar da pesquisa, uma vez que era ela o principal nome do PPGE na pesquisa sobre Educação e Tecnologia. Ela, por sua vez, convidou a professora Sueli Scherer (professora substituta na UFPR) e assim, por três anos seguidos tivemos representantes da UFPR nas atividades de Poitiers. Além da ida para lá, continuamos a desenvolver pesquisas na área. O Gepete reúne professores do ensino fundamental e médio nas suas atividades e sistematizou várias pesquisas em artigos publicados no decorrer desses anos. Seu foco investigativo é o uso de tecnologia na educação, em especial no ambiente escolar, presencial ou virtual. Com a criação do PPGCOM, em 2010, acabei me afastando do Gepete – que era voltado especificamente para a Educação e formação de professores – e centralizei minhas pesquisas na relação comunicação, sociedade e cultura, através sobretudo dos estudos de recepção. Fizemos, a professora Gláucia e eu, uma espécie de “divisão”

tácita para orientar alunos de mestrado e doutorado em Educação: ela assumia os temas mais voltados para o uso da tecnologia na educação e eu assumia os temas voltados para as questões teórico-metodológicas da interface comunicação-educação, principalmente as que envolvem os meios de comunicação de massa, o consumo midiático e a cultura das mídias. Continuamos juntas no Acordo UFPR e Universidade de Poitiers, tendo inclusive participado das atividades de encerramento do Máster Euromime, em setembro de 2016, em Poitiers, onde participamos como membros dos juris das bancas de defesa dos últimos *memoires* dos alunos. Igualmente partilhamos muitas de nossas bancas de alunos orientandos, pois tanto no PPGE como no PPGCOM somos as mais próximas do ponto de vista do quadro teórico e conceitual.

O fato de ter feito mestrado em Educação e doutorado em Comunicação e de atuar em um programa de pós-graduação em Educação, nota 5 da Capes, me fez sentir durante muito tempo que eu precisava aprofundar meus estudos na área da Educação, dividir minha produção e participar de eventos das duas áreas, e por isso como descrevi acima, fiz parte de vários grupos de pesquisa ao mesmo tempo.

Até o momento em que reconheci que o meu objeto de interesse e o meu referencial teórico sempre foi o da Teoria da Comunicação. Reconheci que o meu olhar investigativo sempre partiu da minha compreensão do conceito de comunicação e que era através dele que eu me aproximava da Educação.

Restringi minha atuação ao grupo Comunicação, Sociedade e Cultura até que em 2012, ao iniciar um novo Convênio Internacional, iniciei também uma nova pesquisa – sobre novas práticas jornalísticas – e passei a participar do grupo de Pesquisa Click – Comunicação e Cultura Ciber – liderado pela professora Myrian Del Vecchio.

Desde então estou, juntamente com alguns alunos de mestrado e de doutorado, inserida na pesquisa que procura investigar as novas práticas jornalísticas tendo como objeto comum o periódico online *Huffington Post*. Quando iniciamos a pesquisa nas primeiras reuniões que fizemos em Lyon, na França, estabelecemos três eixos de análise: um voltado para as redações jornalísticas (de que forma as novas tecnologias da Informação e da Comunicação alteram as práticas cotidianas do “fazer jornalismo”); o ensino de jornalismo (como as instituições de ensino superior de comunicação estão preparando os profissionais para atuar nestas “novas” redações) e, finalmente, o mercado – as empresas de comunicação – (como essas empresas estão se adequando às novas tecnologias). Feito esse esboço, dediquei-me à pesquisa sobre o ensino de jornalismo, pelo qual já tinha interesse e já havia produzido textos, e suas mudanças a



partir dessas novas tecnologias.

Convidei professores de outras instituições de Curitiba para integrar a pesquisa de âmbito internacional. Tínhamos como proposta que a UFPR federalizasse um grupo interinstitucional que envolvesse professores de outros programas de pós-graduação do Paraná. Apresentamos a proposta numa espécie de fórum de programas de pós-graduação em comunicação do estado, mas na prática, apenas pesquisadores e alunos de duas instituições aceitaram participar e o fizeram efetivamente: UTP (Universidade Tuiuti do Paraná e UP (Universidade Positivo).

Desde 2012 quando iniciamos as discussões até a presente data, já realizamos três seminários acadêmicos para apresentar os resultados desta pesquisa: o primeiro em Lyon, em 2014, o segundo em Curitiba, na UP, em 2015 e o terceiro novamente em Lyon, em 2016. Vários dos textos apresentados no seminário de 2015 foram publicados na Revista Ação Midiática, do PPGCOM-UFPR, na edição de dezembro de 2015. Agora em 2016, no retorno do seminário realizado em Lyon, a professora Kati Caetano, da UTP, começou a articular a criação de uma rede de pesquisadores nacionais para investigar o tema jornalismo e a ciber cultura, convidando-nos a todos do Click, para fazer parte.

É sobre isso que tenho escrito meus últimos textos e sobre esse objeto que pretendo continuar trabalhando. Ressalto aqui que a pesquisa sobre o ensino de jornalismo remete a uma reflexão mais ampla e atual sobre o papel da comunicação na sociedade do século XXI e aí tem aderência também ao grupo Comunicação, Sociedade e Cultura, do qual continuo líder.

Finalmente, gostaria de dizer que enquanto pesquisadora, meu interesse é o de buscar entender o sentido dessas tecnologizadas na sociedade atual, e que para isso, busco a interdisciplinaridade cada vez mais imprescindível nos estudos de comunicação. Durante o evento sobre proteção de dados pessoais, promovido em Poitiers no âmbito do Convênio sobre Novas Tecnologias na Educação, ficou muito evidente a necessidade de se relacionar os estudos de teoria da comunicação, de educação, das próprias tecnologias e os de direito, no esclarecimento das novas implicações das possibilidades que os novos dispositivos midiáticos trazem.

Esse é o desafio que enfrentarei a seguir: o de investigar o papel do jornalista – sobretudo no que diz respeito à sua formação – numa sociedade caracterizada por Tecnologias da Informação e da Comunicação que transformam as relações sociais, educativas, econômica e política das pessoas que a compõem.

## 4.2 Iniciação Científica

Fui a primeira professora do Decom a conseguir uma bolsa de iniciação científica para os alunos, no período em que tínhamos que brigar nas plenárias departamentais para permitir que o aluno fizesse monografia e não “um produto”, como trabalho de conclusão de curso.

Como era a primeira professora a atuar também num programa de pós-graduação e como ministrava disciplinas teóricas, os alunos que queriam fazer mestrado, procuravam-me para fazer iniciação científica. Durante alguns anos tive pelo menos uma bolsa de iniciação científica e dos alunos que orientei, uma fez Mestrado na Educação, uma na Economia e outra na área Administrativa.

Parei de propor projetos de Iniciação Científica quando acumulei as atividades na diretoria da Intercom, no PPGE e no PPGCOM. Tinha muitos orientandos de mestrado e doutorado, além de ser responsável por bolsa permanência, extensão e de monitoria.

Nas aulas na graduação, entretanto, sempre incentivei a participação dos alunos em pesquisas e em eventos da pós-graduação, principalmente após a criação do PPGCOM e da realização anual do Empecom<sup>32</sup>.

---

32 Enpecom – Encontro de Pesquisadores em Comunicação, promovido pelo PPGCOM desde 2010.

## Va. Onde trabalhei

*Somente com a alegria é que a gente realiza  
bem – mesmo até as tristes ações.  
Guimarães Rosa*

O meu primeiro dinheirinho ganhei dando aulas de Mobral. Eu tinha 15 anos e soube que se conseguisse montar uma classe com 30 alunos, poderia ser professora e que aquilo me renderia uma espécie de salário mensal. Para conseguir a classe, precisava ter alunos e para ter alunos tinha que fazer a divulgação da possível classe pelos bairros. Fiz uns panfletos, mimiografei e fui distribuí-los por todas as padarias, vendas e farmácias do bairro, do outro lado da cidade onde eu morava. Consegui minha primeira classe com alunos de todos os tipos: adultos que queriam aprender a escrever – o alvo do programa – mas também excluídos de toda sorte, portadores de pequenas ou maiores necessidades especiais que não tinham escola que os aceitasse.

Dos 15 aos 18 anos, trabalhei com esses alunos, estabelecendo laços afetivos, ensinando, acompanhando os esforços de sobrevivência de cada um e suas histórias. A boa aceitação desses alunos me rendeu a indicação para dar aulas particulares de alfabetização para uma senhora de uma das famílias mais ricas de Santo André, que era analfabeta porque no seu tempo, mulher não podia estudar. Além dessas aulas particulares – pois afinal ela não frequentaria uma sala de Mobral - eventualmente, eu fazia algum trabalho temporário, como por exemplo aplicar questionários de casa em casa para o censo do IBGE ou dar aulas de redação comercial para funcionários da indústria Lorenzetti.

Com 18 anos fiz concurso para trabalhar como escriturária em escolas da rede estadual de ensino de São Paulo. Continuava no ambiente escolar mas agora na área administrativa. Trabalhei em duas escolas, uma de ensino fundamental e outra de ensino médio, conciliando o trabalho de oito horas com a faculdade de jornalismo. Nesta segunda escola, vivenciei experiências interessantes. Eu estava envolvida com os grupos de igreja, que por sua vez se identificavam politicamente com os movimentos de esquerda e o colégio era o palco de duas grandes oposições: de um lado tinha um diretor de extrema direita, que chamava a polícia para prender alunos revoltados e de outro tinha os professores mais radicais da Apeoesp, que lideravam as grandes passeatas realizadas naquele momento histórico no ABC. Foi um grande aprendizado.

Cansada daquele trabalho limitado, arrisquei pedir demissão (ele oferecia certa estabilidade) e procurei me candidatar como professora. Eu precisava manter o vínculo com o estado, pois meu pai estava doente e era tratado no hospital para servidores públicos estaduais. Eu não tinha licenciatura e sim bacharelado e só podia dar aulas de sociologia, eventualmente, e só na falta absoluta de professores formados em letras, poderia dar aula de língua portuguesa. Consegui aulas em Paranapiacaba, um distrito de Santo André, acessível apenas pela linha do trem e em Utinga, outro bairro cortado pelo mesmo trem. Foram dois ou três anos, à frente de muitas classes de ensino de segundo grau.

Saí quando me mudei para o Paraná, ao casar. A primeira cidade em que moramos – ou deixamos nossas coisas – foi Francisco Beltrão. Trabalhávamos os dois numa escola sindical itinerante, a Escola Margarida Alves (ESMA). Os cursos eram para lideranças políticas, sindicais, populares e sociais, organizados em quatro semanas de aula, em cinco estados das regiões sul, sudeste e centro oeste. Nós, os professores, viajávamos e ficávamos uma semana em cada local dando o curso. Depois de dois meses voltávamos, assim sucessivamente até concluir as quatro etapas. Paralelamente, eu participava do Ativação – uma espécie de sub grupo da ESMA, cujos cursos eram de comunicação popular. Fazíamos cursos de rádio popular, oratória, redação e audiovisual.

No ano seguinte, mudamos para Curitiba e aí eu procurei emprego em jornal. Um dos assessores da escola me indicou para uma jornalista, Elza de Oliveira Filha, que se tornou minha melhor amiga na cidade e me indicou para o Jornal Indústria e Comércio. Entrei no jornal e ganhei uma amiga que mudou a minha vida. Convidada por ela, comecei a participar das reuniões da Oposição Sindical para o Sindicato dos Jornalistas do Paraná e fui, pouco a pouco,

conhecendo os jornalistas de Curitiba. A redação do I&C também foi uma grande escola, com o Aroldo Murá, sendo chamado de professor e realmente nos ensinando muito sobre o jornalismo local. Ali tinha muita gente de fora, do RS, de MG... Uma das jornalistas, mineira, a Débora, me falou que o curso de jornalismo da UEPG, em Ponta Grossa, precisava de professor... Consegui com o Murá dispensa para não trabalhar às sextas-feiras – desde que deixasse uma matéria fria pronta – e comecei a dar aulas naquela universidade.

Neste período também eu trabalhava como assessora de imprensa da CUT Paraná. Era um pouco difícil conciliar os trabalhos de manhã numa Central Sindical de Trabalhadores, à tarde num Jornal empresarial e às sextas-feiras num curso de jornalismo, além de um ou outro trabalho como *free lancer* da Revista Veja, mas eu gostava muito de tudo o que fazia. Aliás, sempre trabalhei com muita paixão...

Por um mês, acho que em dezembro de 1990 ou janeiro de 1991, fiquei desempregada. Saí de Ponta Grossa, da CUT e já havia pedido demissão do I&C. Havia feito seleção para o Mestrado em Educação na UFPR e enquanto esperava o resultado procurava um emprego que me permitisse fazer o curso – se aprovada na seleção. Entrei em uma editora que fazia jornais para empresas, para um segmento de turismo e um jornal dos Editais. A redação era pequena, dois ou três jornalistas, um fotógrafo, uma diagramadora e a parte administrativa. Consegui fazer o Mestrado e no ano seguinte, voltei para a redação de um jornal diário, desta vez o Correio de Notícias.

Aí já estávamos em 1993, eu tinha dois filhos pequenos e um marido que queria fazer doutorado fora. A bolsa dele saiu no mês de julho. Ele viajou em setembro para preparar nossa ida e iniciar o curso. Eu fiquei com as crianças, a dissertação para redigir – eu escrevia à mão e ia na casa de um amigo que tinha computador para digitá-la – o francês para aprender e uma greve para fazer, pois o Correio de Notícias estava nos seus últimos dias. Deu tempo de defender a dissertação e enviar os projetos de doutorado para a Capes e o CNPq. Viajamos os três no dia 10 de dezembro de 1993.

Voltamos da França em julho de 1997. Estávamos os dois desempregados, ele já doutor e eu ainda com um ano para fazer a pesquisa de campo e concluir a redação da tese. A princípio eu não deveria trabalhar, mas o momento era propício, novos cursos superiores eram abertos na cidade, um perto de casa, o da UTP – Universidade Tuiuti do Paraná. Eu disse que poderia dar apenas uma disciplina, pois precisava terminar a tese. Feito: teoria da comunicação para as quatro turmas do curso de comunicação do turno da tarde. Passei a trabalhar todas as tardes, menos às quintas-feiras. O ambiente era agradável e movimentado, a universidade estava crescendo, tinha projetos de todos os tipos e logo fui me envolvendo. O principal deles foi o da criação do Programa de Mestrado, que depois se tornou o primeiro em comunicação do Paraná.

Não cheguei a ficar um ano na UTP. Fiz concurso na UFPR em abril de 1998 e em maio, tomei posse, iniciando assim a experiência profissional mais duradoura e desafiante nesta trajetória toda.

## **V- Coordenação de cursos ou programas de ensino básico, técnico, tecnológico, graduação ou pós-graduação**

Como tenho feito na narração do presente memorial, o relato das minhas funções em cargos de coordenação de cursos e de projetos seguirá a ordem cronológica em que aconteceram.

Desde os tempos de participação em grupos de jovens eu tive a noção clara de que não tenho muito “jeito” para cargos de chefia. Meu senso de organização e minha capacidade para planejamento são sempre mais úteis em cargos de apoio à chefia, como secretariado, por exemplo. Mas, na universidade pública, em alguns momentos, você é

levado a assumir cargos de coordenação de projetos, principalmente se quiser ver suas ideias implementadas. Foi com este espírito que assumi algumas coordenações, como relato a seguir. Vou me restringir aqui a coordenações de projetos e cursos, deixando para o item XII, o relato de cargos administrativos, como o de chefia de departamento.

### **5.1 Coordenação de Curso de Especialização**

Assumi a coordenação do Curso de Especialização em Tecnologias na Educação porque queria que o Departamento de Comunicação começasse a investir em pós-graduação e acreditava que a partir da especialização chegaríamos ao Mestrado. Comecei a falar da ideia com alguns professores e por ter a iniciativa, o meu nome foi logo cogitado para a coordenação. No primeiro ano de trabalho, quando discutimos e sistematizamos a proposta, tive o apoio da professora Patrícia Monsão Mollo, que tinha mais experiência na UFPR e foi fundamental na definição do curso. Como já relatei no item 1 (ensino), discutimos disciplina por disciplina, ementa por ementa até montarmos a estrutura do curso. Procuramos criar disciplinas que envolvessem a maior parte dos professores do Decom e que relacionassem a teoria e a prática. Na formulação da proposta, fiquei como coordenadora e ela como vice. O projeto foi encaminhado para todas as instâncias necessárias a fim de ser formalizado.

Iniciamos a divulgação, dividindo entre nós duas as despesas do folder que mandamos imprimir. Tivemos cerca de 40 pré inscritos, que resultaram em 33 matrículas efetivas.

Antes do início do curso a professora Patrícia entrou em licença para tratamento de saúde, não voltou para o Decom e, em seguida, se aposentou.

Fiquei assim, antes mesmo do início do curso, sem ter um vice-coordenador com o qual pudesse dividir a responsabilidade e as questões do curso. A professora alegou que como acontece em toda licença saúde, tinha direito de receber o valor mensal que lhe caberia como vice-coordenadora e o projeto não tinha como arcar com uma substituta pagando dois vices coordenadores. Fiquei sozinha e essa foi minha primeira experiência ruim em um cargo administrativo. Tinha que lidar sozinha com questões pedagógicas da interface comunicação-educação e ao mesmo tempo com a total falta de estrutura administrativa do departamento, como laboratórios defasados para um curso intitulado Tecnologias de Educação, falta de funcionários técnico administrativos, entre outros.

Percebi logo de início a lógica perversa do “quem pariu Mateus que embale”,

que seria dita nos corredores mais tarde, quando organizamos o Intercom Sul, pois na hora que tinha algum problema a especialização não era do Decom e sim, da coordenadora. O curso que ao ser planejado procurou envolver a maior parte possível de professores do departamento, atribuindo-lhe aulas, era só meu na hora em que ninguém sabia onde estava a chave do laboratório, onde a aula deveria ser dada, etc. Mas eu havia assumido a coordenação e tinha certo que deveria concluí-la juntamente com os propósitos do curso, até o fim.

Passados todos esses anos, olho para esse curso de especialização como um primeiro grande desafio teórico metodológico vencido. Na abertura do curso, convidamos duas professoras para falar, a então diretora do Setor de Humanas, professora Silva Araújo, e a professora Acácia Kuenzer, minha ex-orientadora de mestrado, então diretora do setor de Educação. As duas expuseram a necessidade e a urgência da aproximação entre as duas áreas. Foram falas brilhantes e ainda me lembro da professora Acácia fazendo pequenos rabiscos numa folha de papel enquanto falava a professora Silva. Em seguida, foi ponto a ponto fazendo ela, sua fala, provocando a todos para a reflexão que o curso propunha.

Na prática, entretanto, essa aproximação não é tão pacífica quanto parece. A sala de aula tinha alunos oriundos de escolas fundamentais e médias, que nada sabiam do mundo da comunicação e tinha jornalistas, alguns poucos sensibilizados pela interface, que estavam ali porque era a primeira especialização oferecida pela UFPR nesta área. Como trabalhar conteúdos de uma e de outra área numa turma tão heterogênea e com interesses diversos? Em algumas disciplinas os debates foram acirrados, alguns alunos reclamavam do “nível elevado demais” de uns professores, enquanto outros apontavam justamente isso, como ponto alto do curso.

Eu acompanhava todas essas discussões de perto. Trouxemos professores de outros departamentos para dar aula e de outras instituições também. Tínhamos um corpo docente altamente qualificado de professores da casa e convidados, como José Manuel Morán, Décio Pignatari, Ana Luíza Sallas. Insistimos no rigor das orientações para que as monografias de conclusão de curso fossem de qualidade e assim aconteceu.

Naquele momento, ano de 2000/01, tivemos uma primeira experiência de pós-graduação em comunicação na UFPR, com debates de alto nível, embora nem todos ainda estivessem preparados para isso. Fizemos uma avaliação criteriosa de cada disciplina do curso, que foi apresentada e aprovada em plenária departamental.

No que diz respeito à parte teórico metodológica, a diversidade na abordagem

das disciplinas foi o grande ganho do curso para os alunos tanto da educação como da comunicação, que certamente tiveram pela convivência de um ano em sala de aula, uma oportunidade de conhecer na prática que aproximação o curso propunha.

Do ponto de vista administrativo, boa parte dos problemas que tivemos foi pelo fato dos cursos de especialização – que viveram um *boom* em Curitiba no final dos anos de 1990 – estarem sendo muito questionados na universidade pública. Alguns viam tais cursos como porta aberta para privatização e eram terminantemente contra, principalmente aqueles que cobravam mensalidade dos alunos, como era o caso do nosso. Não tínhamos também um posicionamento jurídico claro o suficiente para esclarecer dúvidas como a da licença saúde da vice-coordenadora ou a melhor forma de resolver os problemas de inadimplência, por exemplo.

Assim, sem ter onde buscar fundamentação legal e tentando evitar qualquer tipo de problema jurídico que prejudicasse o departamento e a UFPR, conseguimos negociar um a um os pagamentos em atraso e concluir o curso. Mesmo com todas as dificuldades encontradas, além dos ganhos pedagógicos acima mencionados, encerramos o curso de especialização com um pequeno lucro financeiro para o Departamento de Comunicação, além de pagar todas as taxas previstas pela Universidade para cursos nesta modalidade.

O relatório final do curso foi concluído por mim, aprovado na plenária departamental e encaminhado para as instâncias competentes. Os certificados foram expedidos para a quase totalidade dos alunos e este ficou registrado como o único curso de especialização do Decom até a presente data.

## **5.2 Coordenação da Pós-Graduação Stricto Sensu**

Sempre tive como um dos propósitos da minha atuação no Decom a criação de um programa de pós-graduação. Na hora de discutir um projeto, entretanto, esbarrávamos num problema crucial: a baixa qualificação do corpo docente (que foi se qualificando na primeira década do século XXI) e conseqüentemente, sua baixa produtividade acadêmica. A isso, acrescento, o meu ponto de vista de que demoramos também para formar um coletivo capaz de pensar e sistematizar uma proposta dentro das exigências da Capes.

Demorou para que o Decom tivesse professores não apenas titulados, mas com experiência em programas de pós-graduação, imbuídos de uma nova mentalidade, voltada para a pesquisa e para a produção acadêmica. Com os concursos realizados a partir do ano 2000, aos poucos, esse quadro foi mudando. Ao tomar posse como

professora efetiva do departamento, em 2008, a professora Kelly Prudêncio, começou a articular um grupo dedicado a formular uma proposta de mestrado. Ainda afastada para o pós-doutorado, comecei a participar do projeto, ora enviando sugestões, ora ajudando a formular as linhas de pesquisa que dessem conta de agrupar os objetos de pesquisa dos professores do departamento.

Quando o concluímos, e aí já estava inserida na equipe, fui indicada para ser a primeira coordenadora, pois naquele momento era a professora em atividade com mais tempo de trabalho no Decom e a única com pós-doutorado. Aceitei meio relutante, pois estava envolvida com os trabalhos na Diretoria Cultural da Intercom e ainda estava concluindo minha graduação em Direito. Novamente foi a vontade de ver o projeto vingar que me fez aceitar.

O PPGCOM começou para atender uma demanda de pós-graduação no Paraná, que tinha apenas um curso de mestrado numa instituição particular e acabara de ter outro aprovado na Universidade Estadual de Londrina. Mas tinham também uma expectativa da comunidade acadêmica de comunicação nacional, agrupada na Compós - Associação de Programas de Pós-Graduação. Muitos deles lamentavam sempre que nos encontravam em congressos da área o fato da Universidade Federal do Paraná ainda não ter o seu Programa de Pós-Graduação. Fomos praticamente incentivados/intimidados pela Capes a criar o PPGCOM, para atender a sua política de expansão de cursos, que fez com que a área passasse a ter 44 programas, contra os 15 que tinha até os anos 2000.

Nesse clima de grande expectativa iniciamos a primeira turma, cujas dissertações foram defendidas no ano em que a UFPR completou 100 anos, em 2012. O Programa foi estruturado em duas linhas, uma voltada para a relação comunicação e educação e outra voltada para comunicação e política, sendo que obviamente, pelo meu histórico de pesquisa, fiquei na primeira linha.

A criação do PPGCOM-UFPR foi aos poucos mudando o perfil do próprio departamento, através da organização de atividades que passaram a articular o mestrado à graduação, como os estágios docência, as ofertas de disciplinas optativas e a realização anual do Enpecom – Encontro de Pesquisa em Comunicação. As defesas iniciadas em 2012 propiciam a vinda de professores de todo o Brasil para o Decom, que além de participar das bancas, fazem palestras e mesas redondas para as quais os alunos da graduação são também convidados.

Minha atuação na coordenação não foi de todo tranquila. O modelo que eu tinha de pós-graduação era o do PPGE, mais especificamente da linha Escola e Cultura, que é



uma linha absolutamente inclusiva e democrática, onde todas as decisões são tomadas em conjunto. No PPGCOM deparei com outras formas de encarar a pós-graduação, como aquela que prefere não preencher todas as vagas ofertadas, a ter projetos que não são de excelência aprovados. Foi assim, difícil convencer o colegiado a ampliar o número de 10 para 12 vagas, logo na primeira seleção de alunos. Foi igualmente difícil me adaptar ao trabalho num programa onde as decisões nem sempre eram amplamente discutidas – sob o argumento de que perde-se muito tempo em reuniões – e por isso eram tomadas em “*petits comités*”. Tive dificuldade para entender que aquele era um outro programa, com características próprias, que devia seguir seu próprio rumo, embora naquele momento, seus professores procurassem implantar – cada um a seu modo – o modelo dos programas dos quais fizeram parte, ou como alunos, ou como professores. Oficialmente também o cargo de coordenador ainda não estava consolidado na instituição, com a devida remuneração. Havia uma promessa de um “enxoval” do Projeto Reuni para cada novo programa de pós-graduação (que compreendia pagamento do coordenador, um funcionário técnico administrativo, pelo menos uma vaga para professor), mas nunca o recebemos. Tivemos toda sorte de problemas em função disso, sendo o principal, a falta de funcionário técnico-administrativo por um bom tempo.

Como coordenadora do PPGCOM participei das reuniões da Compós, à qual fomos credenciados, e participei das demais representações na universidade – Conselho Setorial e PRPPG. Participei também das primeiras discussões para a criação do fórum paranaense de programas de pós-graduação.

Hoje, passados esses anos, reconheço que poderia ter sido mais flexível em alguns pontos, em prol de um coletivo mais eficaz no cumprimento das metas de um programa de pós-graduação. Passado um ano e meio na função, pedi para sair e passei o cargo para a vice-coordenadora, professora Luciana Panke. Avalio que o grande mérito da minha coordenação foi a disposição para criar e consolidar a Pós-Graduação no Decom. Embora o sonho fosse antigo, foi com os novos professores, em especial a professora Kelly Prudêncio, que ele se realizou e, são esses que devem lhe dar as feições de um programa voltado para os novos desafios da área da comunicação. Particularmente, cabe-me cada vez mais, o papel de contribuir para as reflexões de fundo, a fim de não perder o rumo dos seus bem traçados objetivos de investigação científica.

## Via. Com quem me relacionei

*Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura.*

*Guimarães Rosa*

Recorro aqui ao velho ditado popular “diga-me com quem andas que te direi quem és”, para explicar o quanto as pessoas com quem me relacionei, dão sentido à minha trajetória acadêmica na UFPR. Felizmente sempre estive cercada de pessoas que me desafiaram a crescer e a produzir, sobretudo pelo próprio trabalho que desenvolvem e por serem inspiradoras.

Como não gosto de fazer nada sozinha sempre busquei parcerias e encontrei muitas pessoas dispostas a trabalhar junto. No Decom, devo destacar as parcerias com as professoras Patrícia Mollo Monsão, Celsi Bonstrump Silvestrin, Gláucia da Silva Brito, Kelly Prudêncio e Myrian Regina Del Vecchio e dos professores Mário Messagi Júnior, Luiz Paulo Maia e Hertz Wendel, nos projetos que realizamos juntos e que descrevi em diferentes partes desse memorial.

No PPGE destaco a grande parceria com a professora Tânia Maria Braga, sempre pronta a ouvir, a discutir junto as orientações, a ler e reler os artigos para o livro que a linha publicou em conjunto. As reuniões da linha Cultura e Escola sempre me proporcionaram grande aprendizado sobre a inclusão e democracia na universidade pública, principalmente pela atuação das professoras Leilah Bufren, Maria Aparecida Schmidt, Tânia Baibich, além da Tânia Braga e das professoras Acácia Kuenzer e Lígia Klein, do PPGE, mas de outras linhas. Conviver com estas professoras mudou e qualificou minha maneira de pensar a educação e a universidade pública.

Fora da UFPR procurei estabelecer parcerias com professores que atuavam em outros cursos de comunicação e em o fazendo, fomos criando redes de trabalho e de amizades. Primeiramente, cito a parceria criada para a organização do Intercom Sul, em 2006, com os professores Elza Aparecida de Oliveira (UP, na época); Kati Caetano (UTP), Mônica Fort (PUC-PR à época), Guto Moliani (UTFPR), Tomás Barreiros (Facinter à época), Graciela Presas (UTP à época). Formamos um grupo sem rivalidades, que trabalhou e deu conta da organização de um congresso que teve três vezes mais o número de participantes que imaginávamos no começo.

Nos anos seguintes tive parceiros inesquecíveis na diretoria da Intercom: Antonio Hohlfeldt, Marialva Barbosa, Nélia Del Bianco, Iluska Coutinho, Maria Cristina Gobbi, Ana Carolina Temer, José Carlos Fernances, Osvando Oliveira, Fernando Ferreira, Paula Puhl, Paula Cündari, Tassiana Camargo e, claro, o professor José Marques de Melo, colocando todo mundo para trabalhar para dar conta de viabilizar suas tantas ideias para a área da comunicação. Conviver com essas pessoas me desafiou a procurar saber mais, fazer melhor, avaliar, redirecionar estratégias, mas sobretudo, trabalhar em equipe, colaborar. Foi minha melhor experiência na área acadêmica de comunicação.

Finalmente, destaco os relacionamentos internacionais que acabei estabelecendo com professores franceses, principalmente, mas também norte americanos. Ter sido orientanda da professora Geneviève Jacquinet Delaunay me abriu uma série de portas para relacionamentos que mudaram minha trajetória profissional e acadêmica. A partir dela conheci o pesquisador Armand Mattelart, que foi presidente do meu júri de tese; o pesquisador Dominique Wolton, que veio a Curitiba fazer a conferência de abertura do Congresso Nacional da Intercom, realizado em 2009; o pesquisador Pierre Moeglin, que aceitou me receber na Maison des Scientes de l’Homme para o estágio pós doutoral e o professor e pesquisador Jean François Ceresier que me convidou para fazer parte do Máster Euromine sobre tecnologias na educação.

Na França ainda, através da Intercom e a organização dos colóquios franco-brasileiros conheci o professor Luiz Busato, que integrou o meu júri de tese e depois me convidou para criar com ele o Convênio com a Universidade de Lyon, onde conheci também o professor Arnaud Noblet e a professora Rayya Roumanos. Por este convênio fiz novos projetos conjuntos que envolvem a professora Myrian Regina Del Vecchio, que aceitou a parceria e arregaçou as

mangas para o trabalho e as professoras Zaclis Veiga, da UP e Mônica Fort e Kati Caetano, da UTP, que passaram a integrar a pesquisa internacional feita no âmbito do convênio.

Por conta da temática, ora comunicação popular, ora comunicação e educação e dos trabalhos que fui orientando no decorrer destes anos, fui fazendo convites para bancas de professores de outras instituições, como a ECA-USP, a Metodista de São Paulo, entre outras e me relacionando com os professores dessas instituições.

Nos últimos anos, atuando na Terceira Câmara do Cepe tenho convivido também com as professoras Eva Dalmolin, Lilian Daisy Wolff e Marisa Castilho com as quais dividimos nossas preocupações e opiniões sobre o dia a dia da UFPR.

Finalmente, nos embates cotidianos da vida no Decom, acabamos por formar “informalmente” um grupo que poderíamos chamar de coletivo de mulheres (com as professoras Gláucia, Regiane, Kelly, Myrian e Luciana), sobretudo para pensar e defender a qualidade da pós-graduação.

Como professora e pesquisadora da Comunicação não poderia deixar de explicar o quanto a rede de relacionamentos criada ao longo dos anos, determinou e qualificou minhas decisões e minhas principais ações na trajetória acadêmica na UFPR.

## **VI Participação em bancas de concursos de mestrado ou de doutorado**

### **6.1 Bancas de Mestrado**

Tive a honra de participar de inúmeras bancas de defesa de dissertação de mestrado (69 no total) e de defesa de teses de doutorado (8 no total), dentro e fora da UFPR, de vários estudantes que hoje são professores muito especiais do nosso estado, ou Brasil afora, de alguns profissionais que hoje atuam em diferentes áreas, como será narrado a seguir.

Não vou detalhar aqui a participação em bancas de TCC ou defesas de monografias de especialização, nem as bancas de qualificação de mestrado e doutorado, devidamente relacionadas no meu curriculum lattes. As de qualificação, normalmente são mencionadas nas defesas.

### **6.2 Bancas de Mestrado na UFPR**

A primeira banca de mestrado da qual participei, foi no PPGE no ano de 2001, de uma aluna que fez um rigoroso estudo sobre Tecnologia e Educação, mostrando o quanto a tecnologia acaba sendo imposta aos professores, através de projetos que atendem muito mais aos interesses de empresas do que da educação. A autora, Eliane Basílio de Oliveira, é hoje uma professora de comunicação de instituições particulares da cidade (Unicurtiba e UP). Eu acabara de entrar no PPGE e gostei muito da experiência de poder acompanhar de perto um trabalho tão bem elaborado como aquele.

Depois dele, comecei a participar regularmente de bancas na UTP a partir de 2002 e, no PPGE-UFPR a partir de 2003, quando minhas primeiras orientandas defenderam suas dissertações. Em cada uma delas, trazia um convidado de fora, normalmente do Núcleo de Comunicação e Educação da USP, com os quais fui aos poucos estreitando os laços justamente por conta dessas vindas e algumas idas para participação em bancas.

Fui convidada para integrar a banca de alunos orientados por outros colegas do PPGE, obviamente cujos trabalhos tinham maior proximidade com minha temática, como os orientandos da professora Gláucia da Silva Brito, da professora Leilah Bufren, do professor Luís Fernando Cerri e da professora Susana da Costa Ferreira.

Além do PPGE, fui também convidada para participar de bancas de mestrado na Sociologia, como a da jornalista Waldemira de Lourdes Graçano, em 2004 e na Filosofia, com a dissertação do publicitário André Tezza Constantino, em 2011.

Com a criação do PPGCOM em 2010, e o início das primeiras defesas de mestrado em 2012, minha participação nesta atividade aumentou. Além das bancas dos meus orientandos, as quais presido, participei de bancas de outros colegas da linha de Comunicação e Educação como pode ser comprovado no meu lattes.

Assim, desde 2001 participei de um total de 69 bancas de defesa de mestrado, na UFPR, na UTP, na UTFPR, na UEM, e em Poitiers, na França.

### **6.3 Bancas externas à UFPR**

Apesar de ter trabalhado apenas nove meses na Universidade Tuiuti do Paraná, fiz ali laços de amizade que fizeram com que eu mantivesse proximidade principalmente com o Programa de pós-graduação em Comunicação, criado no ano 2000, do qual fiz parte das discussões iniciais até me desligar da instituição para ingressar na UFPR.

Graças a esta pequena participação recebi com certa regularidade convites para integrar bancas de defesa de mestrado e agora mais recentemente também de doutorado. Comecei a participar das bancas do Mestrado em Comunicação e Linguagens da UTP em 2002, e tive a honra de ajudar a formar, assim, professores que hoje atuam em diversas instituições do estado do Paraná e do Brasil como Roberto José Bitencourt, Rogério Luiz Covalleski, Márcio Ronaldo Santos Fernandes, Denise Regina Stacheski, Paulo Eduardo Siva Lins Cajazeira, Marco André Medeiros, Juliana Pereira de Souza, entre outros.

Participei ainda de bancas em outras instituições de ensino do estado, como na UTFPR, onde muito me honrou fazer parte da banca de Frederick Marinus Constant Van Amstel, em 2008. Fred, como era conhecido no Decom, foi um aluno “explosivo” na Comunicação, um dos autores de um boletim denominado *O Lenhador*, que fazia duras críticas a professores e à administração da UFPR. Na defesa, ao relatar seu referencial teórico, se referiu a mim como a professora que o havia apresentado a teóricos como Jesús Martin-Barbero, o que foi muito gratificante.

Ainda na UTFPR participei de outras duas bancas de mestrado, das alunas Elisabete dos Santos, em 2010 e Márcia Rozane Balbinotti de Lourenço, em 2011.

Fui convidada também para a banca da defesa de mestrado da professora que até então eu não conhecia, Iris Yae Tomita, na Universidade Estadual de Maringá, que fez um trabalho sobre publicidade e educação. Anos depois, a Iris foi minha orientanda de doutorado no PPGE, como será relatado e hoje é uma grande amiga e parceira nos congressos da Intercom, entre outros.

Finalmente, participei pela primeira vez em 2016, de duas bancas de defesa do Máster Euromime, na cidade de Poitiers, na França. Na primeira banca, a do aluno brasileiro Elton Vinicius Silva, fui presidente do júri e fiz minha arguição e minhas perguntas em francês, porque cada aluno teve que responder às arguições nas três línguas do convênio: português, espanhol e francês. Na segunda, li o texto em francês e fiz minha arguição em português para a aluna síria – Zinat Khalil – poder responder nessa língua. No final de todas as defesas, fizemos uma reunião com todos os presidentes dos júris para darmos as notas de todas as defesas realizadas naquela semana. Encerrou-se assim minha participação no Euromime, que também estava concluindo suas atividades.

#### **6.4 Bancas de Doutorado: UFPR**

Participei até agora de oito bancas de defesa de doutorado dentro e fora da UFPR. A primeira foi no Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 2002, cuja autora era a professora Myrian Regina Del Vechio Lima. Seu trabalho apresentou uma análise da relação comunicação, ambiente urbano e desenvolvimento na campanha da prefeitura de Curitiba do ‘Lixo que não é lixo’. Não tínhamos ainda Programa de pós-graduação em Comunicação e os professores do Decom ou faziam seus doutorados fora do estado ou buscavam estudos interdisciplinares da comunicação, como foi o caso.

Esse foi o primeiro exercício de leitura e arguição de uma tese de doutorado, o que muito me honrou naquele início de carreira na UFPR.

O Segundo convite que recebi foi para integrar uma banca de doutorado na ECA USP, em São Paulo. A aluna – Maria Lúcia Becker – era uma ex integrante do Cefúria, uma *ong* que trabalha com o movimento popular em Curitiba. Becker fez uma análise de dois programas municipais de acesso público à internet: o Farol do saber, em Curitiba e um projeto de periferia e cibercultura de São Paulo. O trabalho era voltado para a relação entre tecnologia e cidadania e foi defendido na ECA – o “berço” dos estudos de educomunicação no Brasil. A Maria Lúcia estava muito próxima de militantes com os quais eu havia trabalhado no movimento sindical e participar de sua banca de defesa me permitiu rever vários deles. Além disso, seu texto foi muito bem feito o que resultou numa excelente contribuição para minha reciclagem sobre o tema.

No ano seguinte fui convidada para participar da banca de doutorado da jornalista e amiga Elza de Oliveira Filha, na Unisinos, RS e confesso que esta foi minha participação mais difícil em banca. A Elza é minha amiga e “conselheira” desde que cheguei em Curitiba. Queria que eu fizesse parte de sua banca de mestrado, mas a orientadora vetou o meu nome, justamente por saber da nossa amizade. No doutorado em outro estado, o nome passou. Eu não podia dizer não para quem sempre me socorria e socorre em toda e qualquer situação. Ao mesmo tempo, não podia fazer uma leitura do seu trabalho como o fiz de todos os outros. Tive que ter um distanciamento e um discernimento que me chamava o tempo todo – mais do que qualquer outro - ao profissionalismo e ao compromisso ético do avaliador. Eu não fujo do trabalho, mas para dar conta deste, tive que fazer um esforço de concentração, leitura e análise muito além do que imaginava ser capaz. Apesar de ter consciência disso, sabia também que era uma honra igualmente além do que imaginava merecer, avaliar a tese de doutorado de quem sempre foi em Curitiba, modelo de jornalista e de redatora, de seriedade e ética na profissão, além de ter sido uma excelente aluna do curso de graduação em jornalismo da própria UFPR, onde obteve o primeiro lugar no vestibular. Foi a primeira e única vez até agora que integrei uma banca de doutorado no estado do Rio Grande do Sul, tradicional pelos seus excelentes cursos de pós-graduação na área.

Bem mais leve foi a tarefa de integrar a banca de doutorado no curso de Letras da UFPR do jornalista Marcelo Fernando de Lima, que fez um excelente trabalho sobre o suplemento *Mais* da *Folha de São Paulo*. Soube tempos depois, que ele era o marido

da Eliane Basílio, autora da primeira banca de mestrado da qual fiz parte. O trabalho relacionava literatura e jornalismo, num texto muito bem estruturado e claro.

Em 2014 fui convidada pela professora Myrian Del Vechio para compor a banca de defesa de doutorado do nosso ex-aluno de graduação, Pedro Junior da Silva, sobre comunicação ambiental e construção do risco, no Programa de Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR. O Pedro foi um excelente aluno na graduação em comunicação, com quem sempre tive muita afinidade e de quem fui orientadora do TCC. Um pouco mais velho do que os alunos da sala, sempre teve maior compreensão e interesse pelos textos e debates que propunhamos, o que acabou nos aproximando. Depois da graduação, ele fez mestrado em Sociologia e, mais tarde ainda, voltou a me procurar para fazer estágio docência na minha disciplina de Teoria da Comunicação, quando já cursava o doutorado. Seu trabalho refletia essa sua caminhanda teórica, iniciada na graduação. Na defesa ele relatou essa nossa proximidade acadêmica tecida desde os tempos da graduação.

Na UTP fui convidada para participar da defesa de tese da aluna e professora Juliana Pereira de Souza, que eu havia conhecido na defesa da dissertação de mestrado, da qual também fiz parte da banca. A defesa de tese da Juliana Souza foi uma daquelas aulas inesquecíveis de comunicação e linguagem que pude compartilhar com as amigas Kati Caetano, Sandra Fischer e Anushk Lemos. A Juliana trabalha com a comunicação, o design, a linguagem e a estética. No mestrado havia estudado os brinquedos criados a partir de desenhos animados que depois virou um livro no qual fiz um pequeno texto de apresentação. No Doutorado fez um estudo sobre os videogames, que resultou num texto bem fundamentado e muito bem articulado.

Além dessas bancas presidi as duas bancas de defesa de tese das alunas que orientei no PPGE – Natália Bueno, em 2013, e Iris Yae Tomita, em 2014. Na primeira, um texto denso de mais de 400 páginas, a aluna faz uma análise das implicações da tecnologia na escolar a partir de textos marxistas, sobretudo de Lukas. Já a Iris, faz um estudo sobre a educomunicação na escola, fazendo uma grande e aprofundada releitura dos principais autores desta infarce relacionando-os com cursos superiores no Paraná.

### **6.5 Participação nos processos seletivos para mestrado e doutorado (PPGE e PPGCOM-UFPR)**

Eu sempre gostei de participar de todas as atividades da UFPR, do vestibular à colação de grau, e sem dúvida, a seleção de alunos para os programas de pós-graduação é uma das tarefas mais difíceis. Comecei a participar deles no PPGE e foi nestes processos que tive uma das maiores lições práticas sobre os princípios de uma universidade pública e o seu papel na sociedade. Os processos seletivos da linha Escola e Cultura sempre foram muito democráticos e sérios – todos os professores podem participar da elaboração da prova, à sua aplicação e correção, bem como das entrevistas. Os critérios de escolha são revisados caso a caso e uma reunião final, da qual todos participam, avalia cada particularidade (projeto bom sem um orientador, vaga a ser transferida de um para outro, adequações necessárias). Há um propósito de inclusão implícito em todo o processo e de reconhecimento da necessidade de “igualar os desiguais”. A leitura das provas normalmente é feita por eixo temático, sempre por mais de um professor. As entrevistas são feitas por bancas também compostas por três até cinco professores. Os currículos são cuidadosamente analisados à luz de critérios estabelecidos pela linha, mas que são coerentes com a proposta do programa.

Apesar de todo esse cuidado, o processo é difícil, pois sempre temos muitos candidatos – cerca de 10 ou 12 para cada vaga – e temos que fazer escolhas que por mais embasadas que estejam em critérios e princípios, acabam definindo a vida de pessoas que não conhecemos. É sempre muito difícil e árduo este trabalho.

No PPGCOM participei de poucos processos seletivos, dois em especial, o do primeiro ano, no qual já de início consegui ampliar de dez para 12 o número de vagas ofertadas. Como a cada ano é montada uma nova comissão para fazer o processo seletivo – diferentemente do que ocorre no PPGE, onde todos os professores participam – só voltei a fazer parte da comissão em 2014, juntamente com as professoras Kelly Prudêncio, Myrian Del Vechio e Celsi Bronstrup Silvestrin.

### **6.6 Participação em bancas de concurso para professor efetivo**

Não vou mencionar aqui as bancas examinadoras para professor substituto das quais participei e que estão devidamente especificadas no meu lattes.

Para professor efetivo participei de duas bancas examinadoras no Decom, uma em 2002, que resultou na contratação da professora Virgínia Lemos Leal e outra em 2013, que resultou na aprovação e contratação do professor Fábio Hansen.



Curiosamente as duas bancas foram para ocupar uma vaga de professor do curso de Publicidade e Propaganda, embora minha habilitação seja Jornalismo. Os dois processos foram tranquilos e tive a sorte de trabalhar com colegas, da UFPR e de fora, que foram colaborativos e abertos. Lembro muito bem que nos dois casos discutimos muito o perfil de cada candidato e o perfil de professor que precisávamos em cada momento para o departamento. Sempre que procuro identificar uma contribuição minha para o Decom, penso que a melhor delas foi a de ter presidido a banca que aprovou o professor Fábio Hansen para fazer parte dele. Tenho essa certeza em cada email que ele nos envia, como coordenador de curso, pela sua maneira de conduzir seu trabalho, pela delicadeza e ao mesmo tempo firmeza com que trata os colegas, pela suas conexões fora da UFPR que ampliam as possibilidades do curso, entre outras tantas qualidades.

O outro concurso para professor do qual participei foi histórico para mim por duas razões: a primeira porque era na ECA-USP, para uma vaga de professor para a disciplina da Educomunicação, que é exatamente o meu objeto de estudo; a segunda porque viajei depois de sair da segunda fase do exame da OAB. Era uma tarde daquelas bem frias de Curitiba, fiz a prova com toda a tensão que ela causa, saí dali e fui direto para o aeroporto, pois o concurso começava no dia seguinte. Na banca, as professoras Maria Aparecida Bacega, Clovis Barros Filho, Roseli Fígaro e Rosane Rosa. Foram quatro dias de discussões e acompanhamentos de provas, leituras e aulas didáticas na melhor companhia possível para o tema. No final, deu tudo certo, a escolha do professor e a aprovação na OAB.

### **6.7 Outras bancas**

Além das bancas aqui mencionadas participei eventualmente como comissão julgadora de alguns concursos e prêmios, que comentarei no item IX. Participei também das comissões de avaliação de curso, que descreverei no item XI. Igualmente fiz parte de bancas para seleção de alunos bolsistas para Projetos de Extensão, conforme relato no item III deste memorial.

Como procurei relatar, o mais difícil da participação em banca é ter que tomar decisões que definem a vida de outra pessoa, como por exemplo a das seleções de alunos para mestrado e doutorado. Essa é uma das atribuições que mais exige esforço e dedicação no trabalho de professor de uma instituição pública como a UFPR.

## VIIa. Por onde andei

*A gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?*

*Guimarães Rosa*

Quando eu era criança as viagens mais longas que fazia eram ou para a praia, na cidade de Santos, litoral paulista, onde morava a família do meu pai ou para Campinas, no interior, de onde tinha saído a família da minha mãe.

Depois que conheci o Armando, não parei mais de viajar. Por várias razões, na maior parte dos casos, a trabalho, a vida me possibilitou viajar muito e conhecer lugares e pessoas muito especiais.

A primeira grande viagem que fiz foi de ônibus, de São Paulo, para Guaraniáçu, no interior do Paraná. Durante aquelas 12 ou 13 horas de viagem eu me perguntava como o mundo podia ser tão grande e como eu pude gostar de alguém que vinha de tão longe.

O segundo marco na conquista do mundo, foi a ida para o doutorado na França, primeira vez que andei de avião e que saí do país. Coloquei inúmeras etiquetas de identificação nas crianças de dois e quatro anos – com medo de perdê-las no desconhecido Charles de Gaulle – e fui embora. Durante o período que moramos lá, de dezembro de 1993 a junho de 1997, aproveitamos para conhecer tudo o que foi possível: praticamente todas as regiões da França e outros vários países europeus, ou melhor algumas de suas principais cidades na Itália, Portugal, Espanha, Holanda, Inglaterra, Alemanha, Tchecoslováquia... Íamos a passeio nas férias nossas e das crianças, de ônibus, de trem, de carro, de barco... do que fosse possível. No verão acampávamos, no inverno, ficávamos em todo tipo de hospedagem disponível, de chalés, a *chambres d'hôte*, em meio a fazendas e pequenas cidades do interior.

Na volta ao Brasil, fomos conhecer e mostrar para os filhos, o nosso país. Foi interessante voltar com eles para São Paulo, que andam por todas aquelas ruas tão familiares para mim, como turistas. Mas a maior parte das viagens foram feitas a trabalho, ou para participar de congressos, ou para organizar as atividades da Intercom ou para fazer avaliações de curso, ou para dar cursos de especialização. São estas, afinal de contas, que contam para a avaliação do presente memorial.

A primeira dessas viagens para dar cursos, foi para dar aulas na Escola Itinerante da Fenaj, ainda em 1997. Passei duas semanas no Norte do país, em Porto Velho e Rio Branco, ministrando aulas de jornalismo para profissionais provisionados dos dois estados nos quais não tinha ainda cursos de graduação em comunicação. Eu trabalhava na Universidade Tuiuti, mas as aulas foram agendadas para as duas semanas que antecediam o Natal, o que me fez chorar praticamente todos os dias de saudades das crianças.

Depois disso não parei mais. Passei no concurso e através do meu trabalho levei o nome da UFPR para a Europa, na França, em especial, onde participei de Colóquios e de Congressos da SFISC (Sociedade Francesa de Pesquisa em Informação e Comunicação), onde fiz dois convênios internacionais e onde publiquei e coordenei a publicação de revistas. Mas fui em nome da UFPR também para congressos na Espanha e em Portugal, sempre apresentando textos relacionados às minhas pesquisas (2008, 2014 e 2016). Consegui recursos aqui e lá fora e passei a incentivar intercâmbios de alunos e professores entre os países conveniados.

Na América Latina, participei de congressos – em especial os promovidos pela Alaic – Associação latino Americana de Investigação em Comunicação) no Chile, no Peru e no México (2000, 2014 e 2016).

No Brasil, participei regularmente de todos os congressos regionais (SUL) e nacionais da Intercom desde 2003, em cidades de todas as regiões. Fui a primeira professora do Decom a fazer parte de uma diretoria nacional de uma associação científica da área, o que abriu portas e possibilidades para os demais professores não só da UFPR como de outras instituições de Curitiba e do Paraná.

Além dos trabalhos desenvolvidos na Intercom, como avaliadora de curso, percorri e percorro o Brasil igualmente de Norte a Sul, visitando escolas, conhecendo professores, alunos e dirigentes das mais variadas instituições de ensino deste país.

Todas essas viagens contribuíram para a minha formação, inspiraram-me a novos projetos, possibilitaram oportunidades de trocas de conhecimento e experiências, além de ampliar minha visão de mundo e meu respeito pelas pessoas e pela imensa diversidade cultural do Brasil e do mundo.

Por onde andei, levei a UFPR e me apresentei como sua professora, e de cada lugar onde fui, trouxe alguma coisa que mudou para melhor minha maneira de nela atuar.

## **VII- Organização e/ou participação em eventos de pesquisa, ensino ou extensão**

Desde os tempos de estudante do curso de jornalismo sempre participei dos eventos científicos da área. Fiz meu curso de graduação na Universidade Metodista de São Paulo, que fica em Rudge Ramos, próxima ao estádio da Vila Euclides, onde o movimento sindical – sobretudo dos metalúrgicos – fazia naquele mesmo período as assembleias históricas do ABC. Antes de iniciar o curso de jornalismo, já participava de vários eventos promovidos ora pela Igreja, ora pelos movimentos populares e sindicais da região.

Tudo isso para dizer que sempre tive interesse e entusiasmo para participar de eventos, fossem eles religiosos, reivindicativos, sindicais, populares ou, já na vida acadêmica, científicos.

Foi no curso de graduação que comecei a participar dos Congressos da UCBC – União Cristã Brasileira de Comunicação – que naqueles tempos difíceis de perseguição aos professores e intelectuais, abrigava em seus congressos os primeiros pós graduandos da área da comunicação e seus estudantes de graduação. É esse grupo que em 1978 vai criar a Intercom, que em pouco tempo se transforma na maior associação científica da área.

Pois bem, do final do curso de graduação ao início da vida acadêmica na UFPR, há um espaço de cerca de 15 anos, período em que minha vida mudou significativamente. Casei e mudei para o Paraná, onde trabalhei numa escola sindical<sup>33</sup> e posteriormente em jornais de Curitiba como repórter e editora e, ao mesmo tempo, na Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG como professora. Comecei por duas vezes a cursar a graduação em letras, não conseguindo concluir por ter mudado de

---

<sup>33</sup> *Escola Sindical Margarida Alves*, criada em 1986, com sede em Francisco Beltrão-PR (depois transferida para Curitiba), por movimentos populares e sindicais, com atuação predominante na Região Sul do Brasil. Em seguida, os membros deste grupo criaram o DESER – Departamento de Estudos Sócio Econômicos Rurais, com sede em Curitiba, que continua até hoje fazendo o mesmo trabalho.

cidade nas duas vezes e fiz o curso de Mestrado em Educação na UFPR nos anos de 1991 a 1993. Em seguida, fui para o doutorado na França, onde participava de todas as atividades para as quais era convidada, normalmente pela minha orientadora, Mme Geneviève Jacquinet Delaunay.

Em 1996, voltei para o Brasil por apenas um mês e visitei o professor José Marques de Melo, na Universidade Metodista e a professora Margarida Kunsch, por indicação dele, na ECA-USP para refazer contatos com os professores do tempo da graduação e da Intercom. Do encontro, resultou o convite para participar do Colóquio Brasil França, a ser realizado em Grenoble, no mês de junho.

Participar desse colóquio foi decisivo para o futuro da minha inserção na Intercom e na comunidade acadêmica nacional. Além dos professores vindos do Brasil, conheci os professores de Grenoble, um dos quais – professor Luís Busato – com quem faria convênio internacional, muitos anos depois, como consta no item XII deste memorial. Conheci ainda alguns outros doutorandos brasileiros com quem mantive contato e parcerias informais até o final do doutorado.

A partir daí, sempre procurei participar dos eventos promovidos pela Intercom e algumas de suas associações co-irmãs, como a Alaic - Associação Latino Americana de Pesquisa em Comunicação – por exemplo.

A descrição dos eventos nos quais participei e os que organizei retrata a opção que fiz na construção da minha carreira acadêmica: minha participação em congressos científicos se articula com as pesquisas que fiz no decorrer desses anos, bem como com as disciplinas que ministrei. Assim, embora eu trabalhe com a interface Comunicação-Educação, o meu olhar para esta nova área de conhecimento sempre foi a partir dos referenciais da comunicação, o que me fez optar pela participação quase que exclusiva em eventos desta área.

No currículo lattes, no item participação em eventos, constam 77, o que faz uma média de 4,2 eventos por ano, considerando o período de 1998 a 2016. Quantitativamente esta é uma prova de que sempre fui muito participativa nos eventos da área, porém, como ressaltai, o mais importante para mim é o fato de cada uma dessas participações estar articulada a uma das minhas atividades na UFPR, como demonstrarei em detalhes a seguir.

## 7.1 NA UFPR

Na UFPR participei de todos os eventos com os quais tinha algum tipo de envolvimento como as Semanas de Ensino Pesquisa e Extensão, promovidas pela PRPPG, que reúnem as pesquisas de Iniciação Científica e/ou os projetos de extensão. Assim, sempre que tinha alunos de IC, bolsistas ou não, e projetos de extensão participei das referidas semanas, sendo que quando convidada, participava também como membro das bancas avaliadoras, como consta no meu currículo lattes.

Participei do Congresso de Humanidades, promovido pelo Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, em 2000 e do evento denominado Re-orientação da Educação para a Sustentabilidade, em 2001.

Além de participar, como gosto de receber “visitas em minha casa” sempre quis trazer eventos para o Decom e organizei alguns deles internamente. O primeiro, foi um seminário de pesquisa, que fiz com a professora substituta Elza Oliveira Filha, logo no início da carreira. Neste seminário, os professores, os primeiros que haviam voltado de seus doutorados ou que o estavam cursando ainda, apresentaram suas pesquisas para os colegas que os comentavam em forma de debates. Foi uma primeira tentativa de iniciar a pesquisa no departamento.

Como parte das atividades do NCEP – Núcleo de Comunicação e Educação Popular – organizei os Encontros de Extensão e Cultura no Ncep em 2002 e 2003 e o Seminário de Rádios Comunitárias, intitulado “O Papel dos meios de comunicação na sociedade”, em 2003.

O principal evento, entretanto, foi a organização do VII Simpósio Regional Sul da Intercom, em 2006, que teve cerca de 1.200 inscritos. Como descrevi no item XII, ele foi um marco na história do Decom, por dar visibilidade ao curso no cenário regional e nacional. Internamente também nos aproximou da reitoria e nos ajudou nas negociações que se seguiram para a obtenção de verbas para a compra de equipamentos para os laboratórios.

Como coordenadora do PPGCOM, em 2010 participei da organização, juntamente com a professora Regiane Ribeiro que assumiu a coordenação do evento, do I Enpecom – Seminário de Comunicação – que desde então tem sido exitoso e com um número crescente de inscrições a cada ano.

Em 2014 assumi a coordenação da comemoração dos 50 anos do Curso de Comunicação da UFPR. Como eu já tinha uma parceria com o IGRPCOM inserimos as comemorações nesta parceria e conseguimos ampla divulgação das atividades propostas

nos veículos do grupo. Organizamos um jantar comemorativo, reunindo professores, alunos e ex-alunos, fizemos uma série de publicações de professores no jornal Gazeta do Povo, além de um seminário no auditório do Decom, com profissionais das três habilitações – ex-alunos da casa – para falar sobre o mercado de trabalho. A participação não foi muito grande, mas os que participaram gostaram muito de todas as atividades promovidas.

## 7.2 Na INTERCOM

Talvez uma das melhores coisas que o passar do tempo nos proporcione seja o reconhecimento de alguns aprendizados fundamentais. Aprendi, desde a época em que participava de um grupo de jovens na Igreja Senhor do Bonfim, em Santo André, que um bom líder é aquele que, como se diz na França, “fait confiance à toi”. O frei Luiz, um frade italiano de esquerda, liderava os grupos de jovens da Igreja e punha todo mundo para trabalhar. Dava tarefas que não imaginávamos ser capazes de fazer e quando nos dávamos conta, já era para sentir orgulho da coisa feita.

Depois dele, tive a oportunidade de conviver por um tempo pequeno com o líder do Movimento dos Sem terra, João Pedro Stédile, que fazia como o frei Luiz. Às vezes, ao parar num posto de estrada no meio de uma viagem, ligava para alguma de suas lideranças e pedia algo. A mim, que não era integrante do movimento mas era uma “jornalista amiga” pediu que fizesse uma reportagem sobre um acampamento em Santa Catarina. Lá fui eu, dormir no meio das vacas e comer pão com açúcar para dar conta da missão, principalmente para honrar a confiança em mim depositada.

Foi com este espírito que entrei para a Intercom, cujo principal e grande mentor é o professor, jornalista e pesquisador José Marques de Melo. Pediu que fizéssemos um *Intercom Sul* em Curitiba e que logo depois sugeriu o meu nome para representar a região Sul na diretoria da entidade, então sob sua presidência. A ele, não dá para dizer não e cada uma das missões que confia aos seus alunos, professores, sócios da Intercom, prova o quanto Lins da Silva tem razão ao dizer no prefácio do livro de Marques que:

ao contrário da tradicional linha brasileira de “para os amigos, tudo; para os inimigos a lei”, ele sempre exigiu mais dos amigos do que dos outros. No comando da ECA, da pós-graduação da Metodista ou da Intercom, José Marques esperava dos que lhe eram mais próximos que dessem o exemplo para toda a comunidade: mais

trabalho, mais dedicação, absoluta correção. É difícil escapar das cobranças de José Marques<sup>34</sup>.

Pois bem, o professor José Marques confiou em mim e me deu a tarefa de “promover a Intercom” no sul do país. Na verdade, mais no próprio Paraná, e em Santa Catarina, pois o Rio Grande do Sul, com suas várias escolas de comunicação e seus programas de pós-graduação, já tinha nomes de referência na Intercom. A organização do Intercom Sul já serviu para uma ampla divulgação da entidade, pois convidei todos os cursos de comunicação de Curitiba para fazer parte da comissão responsável pelo evento e a parceria funcionou muito bem.

Depois disso, intermediei a conversa com os professores da Universidade Positivo para a realização do Congresso Nacional em Curitiba em 2009. Quase que por email e telephone, pois eu estava na França, fazendo pós-doutorado. O fato é que a partir de 2006 até setembro de 2014, estive diretamente ligada à Intercom, trabalhando ativamente na organização de várias de suas principais atividades.

Fui convidada para fazer parte da Diretoria Executiva por email, pelo professor Antonio Hohlfeldt, quando, como eu disse acima, estava fazendo pós-doutorado na França. Continuamos a conversa por emails de um lado e de outro e nossa chapa assumiu no Congresso realizado em Natal, no mês de setembro. Neste congresso, os professores e alunos da UP já anunciaram Curitiba como sede do congresso em 2009. Antes de voltarmos, fizemos uma reunião com o professor José Marques, que numa folha de papel escrita a mão especificou o que a entidade sede deveria fazer. A Intercom já era a maior entidade científica da área da comunicação, mas precisava profissionalizar sua administração, principalmente o que diz respeito a organização de congressos regionais e o nacional.

Foi essa a meta da diretoria na primeira gestão – 2008 a 2011. Cada uma das diretorias deveria organizar suas atividades, estabelecer regras, critérios, institucionalizar as ações em parâmetros que pudessem ser avaliados e discutidos. Tínhamos duas reuniões anuais de toda a diretoria, onde cada um apresentava e discutia com os outros os seus projetos. Transformamos a Intercom. O trabalho da professora Nélia na estruturação dos congressos regionais e da professora Marialva do nacional era impressionante. E os resultados apareciam: o número de inscritos quadruplicou. O Congresso Nacional de Curitiba, foi um “espetáculo”, parafraseando a própria

---

34 LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. In: MARQUES DE MELO, José. *Teorias da Comunicação: paradigmas latino-americanos*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998. (Prefácio).

professora Marialva. Foi o maior de todos, com quase cinco mil inscritos. Os três professores – André Tezza, Zaclis Veiga e Elza Oliveira – debutaram como organizadores de um evento desse porte, surpreenderam e se surpreenderam. A UFPR no início foi chamada para ser co-promotora do evento e sua marca permaneceu em todos os materiais produzidos até o final do congresso. Mas sua participação foi ínfima, foi individual, apesar de o professor Tezza ter vindo pessoalmente ao Decom para falar da parceria. A professora Luciana Panke organizou as oficinas, um ou outro professor se engajou em algumas das atividades, eu trabalhei como diretora da Intercom, cuidando do que cabia à diretoria cultural e dividindo com o professor Edgar Rebouças a coordenação do Colóquio Brasil-França. Vários professores do Decom nem foram ao Positivo nos dias do evento. O Congresso foi um sucesso, lembrado em todos os anos seguintes, como o de melhor estrutura física, o mais bem organizado e o de maior número de inscritos. O êxito foi tamanho, que a Intercom convidou a UP para sediar outro congresso nacional em 2017, quando a entidade completará 40 anos.

Passado o primeiro ano, as funções da Diretoria Cultural foram bem definidas e ampliadas – passei a coordenar o Prêmio Luís Beltrão e os Seminários Temáticos Intercom Globo Universidade, além das demais tarefas, como descreverei abaixo.

### **7.2.1 Organização dos Congressos Regionais e Nacional da Intercom**

A Diretoria Executiva da Intercom, juntamente com uma equipe de organizadores locais, é a responsável científica por cada congresso que realiza. Assim, todo início de ano, nos reuníamos em São Paulo para, no primeiro dia do encontro, discutir os congressos do ano. Decidíamos quem da diretoria acompanharia cada encontro regional e as principais questões referentes ao congresso nacional, como tema e convidado para a conferência de abertura e demais mesas que compõem seu imenso congresso. Como a partir de 2010 comecei a coordenar o Prêmio Luís Beltrão tinha a incumbência de promover uma espécie de lançamento do Congresso Nacional na cidade sede, ao fazer o lançamento do prêmio, geralmente no mês de abril.

Particpei assim da organização dos Congressos Nacionais da Intercom de Curitiba (2009), Caxias do Sul (2010), Recife (2011) Fortaleza (2012), Manaus (2013) e Foz do Iguaçu (2014) quando nova chapa assumiu a direção executiva da entidade. Esse foi um dos trabalhos mais prazerosos que fiz na minha vida acadêmica.



### 7.2.2 Coordenação de Prêmios

A Diretoria Cultural era responsável pela promoção e realização dos diversos prêmios promovidos pela Intercom. O principal deles é o Luís Beltrão, que em quatro modalidades, premia autores (maturidade acadêmica e liderança emergente) e grupos (inovador e instituição paradigmática) que tenham trabalho de destaque na pesquisa em comunicação em todo o país. Como é um prêmio que visa valorizar a qualidade acadêmica da área, planejamos fazer do lançamento um primeiro momento de debate sobre um tema pertinente e atual, convidando ex-contemplados pelo prêmio para falar. No final da conferência, seguida de debate, lançávamos o calendário do prêmio que consistia em um período para indicações feitas por todos os associados, votação pelo júri (formado por ex-presidentes e ganhadores na modalidade maturidade acadêmica), divulgação do resultado e entrega solene durante o Congresso Nacional do ano. Todo esse trabalho era feito em parceria com o boletim da Intercom, para o qual eu enviava as respectivas notas informando cada passo da premiação durante todo o ano.

Para a entrega solene, preparávamos uma solenidade em conjunto com a instituição sede do congresso, que normalmente providenciava uma atividade cultural e com a *Globo Universidade* que patrocinava o Prêmio. Na minha opinião, essa era a atividade de maior responsabilidade da Diretoria Cultural na Intercom, pois é o principal e mais antigo prêmio conferido pela maior associação científica de comunicação do Brasil.

Também ficava sob a coordenação da Diretoria Cultural a coordenação e organização dos Prêmios Estudantis, que consiste no reconhecimento dos melhores trabalhos apresentados nos Grupos de Trabalho dos Congressos Nacionais nos seguintes termos: Prêmio Vera Giagrande (textos de graduação), Prêmio Lígia Alverbuck (textos de especialização), Prêmio Francisco Morel (textos de mestrado) e prêmio Freitas Nobre (textos de doutorado). Assim, terminado o congresso nacional, cada coordenador de GT enviava para mim os trabalhos que tinham sido apontados como melhores. Para cada prêmio eu escolhia cinco jurados, de todas as regiões do Brasil e enviava os textos. Em seguida, fazia a média de notas para cada prêmio e identificava os três melhores classificados em cada uma das modalidades. Esses doze trabalhos eram inscritos no Colóquio Acadêmico, que a Diretoria Cultural organizava como parte das atividades do Congresso Nacional do ano seguinte. Neste colóquio, os três melhores trabalhos de cada modalidade eram novamente apresentados para uma nova banca de professores que os avaliava para definir primeiro, segundo e terceiro lugar. A entrega solene dos prêmios

acontece na mesma noite de entrega do Prêmio Luís Beltrão, promovendo um encontro das diversas gerações de pesquisadores da área. Toda a divulgação de cada etapa destes prêmios também era feita via boletim, através de notas previamente agendadas, conforme previa o plano de atividades desta Diretoria.

Os prêmios estudantis me davam um enorme trabalho para conseguir os jurados, cobrar as notas e prazos (dependendo do prêmio, o jurado tinha que ler 20 ou 30 papers), organizar o colóquio acadêmico, mas era uma das atividades mais gratificantes desta diretoria, justamente por reconhecer o trabalho que é feito nos cursos. A forma como o organizamos, a mudança de jurados em todos os anos, promovendo uma diversidade de vozes nas avaliações e a expansão dos cursos de comunicação pelo Brasil, contribuiu para que o prêmio fosse ano a ano, apontando o novo mapa da pesquisa e das temáticas em comunicação no Brasil. Era muito boa a sensação de estar por trás de um trabalho de abrangência nacional e que envolvia tanta gente – dos participantes dos GTs que os indicavam aos juris do Colóquio Acadêmico que apontava a classificação final.

Um outro prêmio sob minha responsabilidade naquele período foi o Concurso de Charges e Cartuns, resultado de uma parceria entre a Intercom e o Museu da Imprensa de Portugal. Esse era um concurso específico, aberto a alunos, pesquisadores e professores do Brasil e de Portugal. Eu fazia a divulgação das inscrições e as analisava para deferir ou não a partir dos critérios estabelecidos, enviava os trabalhos para um corpo de jurados – especializados em publicidade e propaganda – fechava as notas, divulgava os resultados e fazia a entrega dos prêmios num evento de cartum, também abrigado no Congresso Nacional da Intercom.

Como relatei no item introdutório, a tarefa desse grupo executivo da Intercom foi a de profissionalizar cada uma das suas diretorias. Na Cutural, por exemplo, em relação aos prêmios, atualizamos o estatuto do Prêmio Luís Beltrão e o cumprimos à risca e formatamos os Prêmios Estudantis e o de Cartum, definindo parâmetros de premiação e julgamento, cronogramas e regras. Infelizmente o de Cartum não teve continuidade por razões alheias à Intercom.

### **7.2.3 Seminário Temático – Globo Universidade**

O primeiro Seminário Temático promovido pela Intercom-Globo Universidade foi realizado em 2007 e participei como convidada do professor José Marques de Melo, que formou um grupo de cerca de 30 professores de comunicação.

A Globo Universidade organizou um evento de dois dias inteiros no qual, através do trabalho de sua equipe de profissionais, esboçava os primeiros passos de uma aproximação entre a empresa e o mundo acadêmico da comunicação. Na sua primeira edição trouxe figuras-chaves da empresa para falar – do setor administrativo ao da criação – que afinal de contas é sua grande matéria-prima. Além dos debates seguidos de muita discussão, fizemos uma visita nas dependências do telejornalismo da emissora, no Jardim Botânico e no Projac – Central de Produções de Jacarepaguá – nos estúdios e nas cidades cenográficas onde são produzidas as principais telenovelas brasileiras.

Depois disso, a parceria Intercom Globo Universidade foi se delineando: patrocínio do Prêmio Luís Beltrão, participação nos congressos regionais e no nacional e um Seminário Temático anual para 30 professores, cada ano articulando o tema ao mesmo do Congresso Nacional da Intercom.

Os dois seminários seguintes, o de 2008 e o de 2009, foram realizados sob a coordenação do professor José Marques de Melo, que escolhia alguém para ajudá-lo na seleção dos textos e na organização da programação. A partir de 2010, ficou sob a incumbência da Diretoria Cultural a organização também deste seminário, que consistia na abertura de inscrições e sua divulgação no boletim da Intercom, seleção dos textos e mediação entre a Globo Universidade e os sócios da Intercom para viabilizar o encontro. A programação é feita pela Globo e a certificação, como atividade de extensão, fica por conta da Intercom. Aqui também procuramos estabelecer regras e critérios para a escolha dos participantes, para possibilitar a ida de um número cada vez maior de sócios. Cada um só podia ir uma vez, tinha que ser sócio e estar em dia com a anuidade da entidade; em cada edição, procurava-se ainda levar sócios de todas as regiões do país. Coordenei esses seminários anuais de 2010 a 2014.

#### **7.2.4 Seminário de Telejornalismo – Intercom-RPC**

Sempre tive muitas ideias e fui atrás de colocá-las em prática. Se a Intercom firmava parceria com a Globo Universidade e criava uma série de eventos em parceria, por que não tentar com o GRPCOM de quem eu estava próxima por conta da participação no Conselho de Educação? Levei a ideia do seminário temático de telejornalismo só para professores para a coordenadora do IGRPCOM naquela época, Clarice Lopes, que já me colocou em contato com as pessoas responsáveis. Expliquei a ideia e passamos a programar o Seminário: seria de um dia, na sede da emissora, para professores de comunicação do Paraná, com o objetivo de aproximar os cursos de

comunicação dos profissionais do Mercado e discutir a formação do jornalista, sob a coordenação da Diretoria Cultural da Intercom.

O primeiro seminário foi realizado em 2010, na sede da RPC como previsto. Participaram jornalistas e profissionais do grupo tanto do jornal Gazeta do Povo, como da televisão, retransmissora da Globo no Paraná, como das Rádios Mundo Livre e 98 FM. As discussões foram excelentes e tanto o grupo como nós da Intercom apostamos na continuidade da proposta. E assim repetimos o seminário nos anos de 2012 e 2013, trazendo outros diretores da Intercom para participar e articulando o tema do seminário ao tema do Congresso como no caso da parceria com a Globo nacional. Fiz um artigo sobre o Seminário Intercom-RPC, que foi publicado no livro do Congresso da Intercom de 2013<sup>35</sup>.

Em 2014, inovamos e fizemos o seminário em Foz do Iguaçu, como pré atividade do Congresso Nacional da Intercom. Excepcionalmente abrimos vagas para professores de todo o Brasil, congressistas e o seminário foi realizado na sede da afiliada da Globo na cidade. Em 2016 - mesmo estando fora da diretoria da Intercom – consegui reaver a parceria e o Seminário Regional foi realizado na sede da emissora, como atividade do pré congresso Regional da Intercom – Intercom Sul 2016.

Apesar da qualidade dos debates realizados, da cuidadosa programação, das vantagens oferecidas – como transporte e alimentação para os professores de fora de Curitiba – poucos professores do Paraná se interessam pela proposta e não se dispõem a passar um dia num seminário assim. Já sócios da Intercom de estados vizinhos como Santa Catarina e São Paulo, pediram para participar e aprovaram a ideia. Com a realização do Intercom Nacional, na UP em 2017, a parceria deve repetir o feito. Mesmo fora da diretoria da Intercom, trabalhei na articulação inicial da proposta fazendo a mediação entre o Grupo GRPCOM e a Intercom porque acredito que essa relação empresa e escola de jornalismo tem um papel fundamental na melhora da qualidade da produção jornalística.

### **7.2.5 Cafés Intercom**

Uma última incumbência da Diretoria Cultural da Intercom era a de coordenar a realização de Cafés Intercom por todo o país. A experiência de levar para outras praças o que já era feito em São Paulo e Rio – eventuais lançamentos de livros e debates

---

35 DALLA COSTA, R.M.C. “A Cobertura esportiva do GRPCOM no contexto sócio cultural paranaense”. In: José Carlos Marques; Osvando J. de Moraes (org). *Esportes na mídia: diversão, informação e educação*. São Paulo: Intercom, 2002, v.1, p. 339-356.

promovidos por sócios da Intercom – era um desafio e precisava ser organizada. Todo começo de ano a Diretoria Cultural fazia também através do boletim da Intercom uma ampla divulgação e um chamamento aos sócios da Intercom para promoverem Cafés em suas cidades, dinamizando as atividades científicas de comunicação em cada região. A Intercom ficava responsável pela divulgação do evento no boletim e pela certificação dos organizadores locais. Fiz uma espécie de orientação geral para divulgar para sócios interessados e em algumas cidades conseguimos realizá-los com regularidade como em Recife, por exemplo, cujos Cafés Intercom viraram um projeto de extensão sob a coordenação do professor Rogério Covaleski e resultou na publicação de dois livros. Em Curitiba, coordenei durante um ano a realização mensal do Café Intercom, como está relatado no capítulo III, referente às atividades de extensão.

### 7.3 Outros

Depois de participar ativamente de uma instituição do porte da Intercom, todas as demais atividades de organização devem ser relativizadas. No Decom, em 2014, organizei as comemorações pelos 50 anos do Curso de Comunicação da UFPR, como já descrevi em itens anteriores. Embora tenhamos previsto eventos festivos como o jantar de confraternização com ex-alunos, procuramos dar ao evento um caráter científico, que possibilitasse uma reflexão sobre o próprio curso, o papel da comunicação nos dias atuais e a relação universidade e mercado. Em parceria com o IGRPCOM conseguimos incentivar alguns professores do Decom a publicar suas reflexões, através de textos opinativos no Jornal Gazeta do Povo.

Fora isso, passei a integrar em 2016 a Comissão de Cultura e Propriedade Intelectual da OAB-PR, que já no primeiro ano de atuação decidiu propor a realização do I Congresso Nacional de Comissões de Cultura e Propriedade Intelectual da OAB. Nesta organização fiquei encarregada de propor as regras para apresentação de *papers* científicos e de ajudar na organização de suas apresentações. O Congresso já está sendo divulgado e será realizado nos dias 8, 9 e 10 de dezembro de 2016.

Um novo caminho se abre e muito trabalho terei pela frente.

### **VIIIa. O que eu falo**

*Aqui digo: que se teme por amor; mas que,  
por amor, também, é que a coragem se faz.  
Guimarães Rosa*

Costumo dizer para os meus alunos que cada autor, por mais livros que escreva, tem sempre uma ideia central sobre qual desenvolve sua obra. Como professora e pesquisadora da comunicação, tenho também a minha, que orientou o meu trabalho acadêmico nestes anos.

Primeiramente, parto da ideia de que a comunicação – enquanto linha tênue que separa a democracia do autoritarismo – é imprescindível para a sociedade do século XXI. Estudá-la, como diz Dominique Wolton, é apostar na humanidade, na capacidade do homem de fazer coisas boas e para o bem.

Ao partir dessa ideia ampla sobre comunicação, defendo-a com unhas e dentes e não aceito a crítica maniqueísta e vazia de que os meios manipulam as massas. Através do estudo e das aulas de História da Comunicação procuro mostrar que cada meio/forma de comunicação – da fala à internet – é resultado do desenvolvimento do homem nas suas dimensões antropológica, técnica-econômica e social. Assim em cada momento histórico, a comunicação influenciou e foi influenciada pelo contexto político e econômico e pelas relações sociais estabelecidas.

Daí a necessidade de pesquisá-la, de entender conceitos chaves da Teoria da Comunicação, capazes de iluminar e fundamentar as análises sobre o papel por ela desempenhado na sociedade tecnológica, que como diz Jacquinet Delaunay, é cada vez mais a nossa.

A comunicação a meu ver é a “chave” para a compreensão da sociedade atual. É complexa, multi e interdisciplinar. Para pesquisá-la é preciso estudar muito e cada vez mais. As Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação provocam mudanças na maneira como as pessoas percebem o mundo, como se percebem nele, na forma como aprendem, como se relacionam, como se expressam, como dão sentido às mensagens que recebem. A maioria das tramas resultantes dessas novas relações permanecem desconhecidas e é preciso investigá-las como possibilidade de entender o nosso tempo.

É o que tenho insistido em falar nas minhas aulas, nos textos que escrevo, nas organizações das quais participo...

### **VIII- Apresentação, a convite, de palestras ou cursos em eventos acadêmicos**

Como relatei em itens anteriores minha atuação acadêmica sempre se concentrou em três eixos temáticos principais: Teoria da Comunicação (aí inserindo estudos de recepção); Comunicação e Educação (na escola e/ou nos movimentos populares) e Ensino de Jornalismo.

Foi para falar destes três temas que recebi a maioria dos convites para proferir palestras, dar entrevistas ou integrar mesas redondas e fóruns de discussões em eventos acadêmicos ou de extensão.

O primeiro registro que tenho foi da gravação do Programa Gabarito, da Rede CNT, em outubro de 1998, para falar sobre a qualidade da informação veiculada pela

TV brasileira. Em 2000 participei da gravação do Programa Sônica Baroque. Neste mesmo ano fui convidada para falar sobre a televisão brasileira, no Segundo Ciclo de Ideias promovido pelo Sindicato dos Jornalistas do Paraná, no Memorial de Curitiba. Participei também do Segundo Fórum de Projetos Experimentais em Jornalismo, para o qual fui convidada para integrar o Painel intitulado “Projetos Experimentais e Diretrizes Curriculares: possibilidades e desafios”.

Em seguida proferi palestra no Seminário Educação e Informação, promovido pelo Programa Ler e Pensar – Gazeta do Povo nas Escolas, em 1999, iniciando uma parceria com o projeto que permanece até os dias atuais. Em 2009 e 2010 fui novamente convidada para proferir palestra para os professores no Curso de Extensão promovido pelo projeto.

No ano 2000 fui convidada também pelo Idec para falar sobre Educação Popular na Defesa do Consumidor, em um seminário promovido na cidade de Tubarão em Santa Catarina. Essa foi uma das palestras mais gratificantes que fiz, teve boa interação com os presentes e me proporcionou uma reflexão sobre a aplicação prática da teoria da comunicação na vida em sociedade.

Fui convidada pelo PPGE para falar sobre o papel do telejornal junto a classe trabalhadora – resultado da minha tese defendida em 1999 -, no Seminário de Pesquisa I, da linha de Saberes, Cultura e Práticas Escolares e para integrar a mesa redonda intitulada Comunicação nos Movimentos Sociais, realizada em 2003, como uma das primeiras ações do Núcleo de Comunicação e Educação Popular, que passei a coordenar. No mesmo ano, também como atividade ligada ao núcleo, proferi palestra no Seminário de Rádios Comunitárias, realizado em parceria com o Cefúria – Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araujo e no XI Encontro Regional dos Estudantes de Comunicação Social, realizado na UFPR.

Em 2004, convidada pela PUC-RS proferi palestra sobre o Núcleo de Comunicação e Educação Popular: a inserção do aluno de comunicação nos movimentos sociais através de um projeto de extensão. O evento foi promovido pelo Curso de Especialização Comunicação para o Terceiro Setor, da Fundação Irmão José Otão.

Como entusiasta da área da comunicação, sempre gostei de incentivar estudantes a fazer graduação na área e algumas vezes me candidatei para proferir palestra sobre o curso de jornalismo no evento UFPR: Cursos e Profissões, como em 2004.

Em 2006 fui convidada pela Globo Universidade para participar do IV Fórum TV e Universidade, promovido pela Rede Globo e Canal Futura. Neste evento, pessoas de todas as regiões do Brasil puderam apresentar suas análises sobre a relação juventude e televisão, bem como propor sugestões para a programação televisiva da emissora e do Canal Futura, que faz um trabalho diretamente com as universidades.

Em 2007 fui convidada para fazer uma exposição no XI Colóquio Internacional sobre a Escola Latino Americana de Comunicação, realizado em Pelotas no RS, integrando o colóquio intitulado “Pensamento Comunicacional Latino Americano: a Diáspora que fez Escola”.

No mesmo ano, fui convidada como expositora do painel “O Mercado da Comunicação e as Relações com o Mercado”, juntamente com os professores José Marques de Melo e Eduardo Medistch, entre outros, referências no tema.

Particpei, em 2009, de uma entrevista para o Programa Release, veiculado pela TV CWB (TV Comunitária de Curitiba).

Em 2010, durante a realização do Colóquio Brasil-França, apresentei no CNRS de Paris, a conferência intitulada: *Approches sur l’Integration Sociale, Nouvelles Technologies de l’Information et de la Communication et Educommunication*. No mesmo ano, fui convidada pela Unibrasil para falar sobre o Mercado de trabalho em jornalismo, no V Ciclo de Debates, promovido pela instituição.

No ano seguinte, como coordenadora do PPGCOM, à época, fui igualmente convidada para representar o programa e integrar a mesa redonda intitulada “Questões teórico metodológicas da pesquisa em Jornalismo”. No segundo semestre deste mesmo ano, fui convidada pela PUC-PR para ministrar a palestra “A Importância da Pesquisa Científica em Comunicação” na III Jornada da rede Cobinco – rede do Corredor Bioceânico Norte de Comunicação. Fui também convidada para proferir palestra para os coordenadores e funcionários da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, sobre Educomunicação, em Curitiba.

No VII Simpósio Nacional de Ciências da Comunicação – Sinacom 2012 – realizado em São Paulo, proferi palestra na mesa redonda intitulada “História das Ciências da Comunicação no Brasil”, no qual falei sobre o artigo produzido para a revista do IPEA.

Em 2013, coordenei a mesa redonda “Jornalismo e Ditadura Militar no Paraná”, organizada pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão Jornalismo e Memória, do Decom-UFPR.



No mesmo ano fui convidada para fazer a mediação na conferência de abertura do XIV Intercom Sul, realizado em Santa Cruz do Sul-RS. Recebi ainda um convite para falar sobre “Educomunicação: uma proposta de diálogo entre comunicação e educação”, para diversas unidades (por skipe) do GT de Educomunicação e Tencologias Educacionais da Rede Marista de Solidariedade, em Curitiba.

Na comemoração dos 50 anos do Curso de Comunicação Social da UFPR organizei a palestra “Desafios do Comunicador ante a Divergência Tecnológica”, realizada em 2014 no Decom.

Finalmente, proferi uma conferência sobre Jornalismo Especializado em Gastronomia no Evento de Extensão Comunicação e Gastronomia, realizado em parceria com o Bom Gourmet.

A organização de todos os certificados dessas palestras e participações como expositora em eventos científicos me fez rever a tensão que vivi ao preparar alguns dos temas solicitados, como por exemplo a relação da comunicação popular com a defesa do consumidor, que era nova para mim até aquele momento ou mesmo o tema jornalismo especializado em gastronomia, que até então eu nunca havia estudado. Esse é o melhor exemplo que tenho da minha característica de “não recusar trabalho”. Ao aceitá-los acabei me obrigando a estudar e sistematizar conhecimentos novos, que obviamente me ajudaram a crescer e a melhorar minha atuação na UFPR.

## IXa. O que tenho a agradecer

*Um amigo... é que a gente seja, mas sem  
precisar de saber o porquê é que é.  
Guimarães Rosa*

Partindo sempre da certeza de que “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”, reconheço que uma de minhas marcas é “jamais esquecer o que me fazem de mal e de bem”. Isso faz de mim uma pessoa que se ainda não aprendeu a relevar todas as mágoas, é ao menos, extremamente agradecida a todas as pessoas que me fizeram algo de bom na minha trajetória. No caso, aqui na UFPR tenho muitas pessoas a quem sou infinitamente grata e com quem fiz parcerias incríveis.

A primeira delas, talvez tenha sido com o professor Mário Messagi Jr., o grande pensador do curso de comunicação da UFPR. Não conheci ninguém tão envolvido e comprometido com o departamento como ele. A seu modo – nem sempre tão organizado e disciplinado – ele pensa o Decom na estrutura da UFPR e é o que mais entende desses meandros. Com ele sempre tive uma parceria implícita: dividimos as mesmas disciplinas, brigamos pela mesma teoria da comunicação. Na verdade mais do que disputá-las, nós nos revezamos algumas vezes nestes anos e sempre conversamos sobre a melhor maneira de conduzi-las. O professor Mário também sempre foi parceiro no sentido de contribuir para alguns afastamentos – o para capacitação em 2014, por exemplo – assumindo minha disciplina. Mesmo que nunca tenhamos formado “chapa” para nada, sempre estivemos do mesmo lado e ter o seu apoio foi essencial para a maior parte das atividades que aqui realizei. Um dia, escrevi para ele contando que havia sido chamada pelo reitor para assumir por alguns minutos a presidência do Cepe e que havia recusado. Ele me disse prontamente: “eu teria aceitado”, ao que lhe respondi “mas você quer ser reitor eu não”. Sempre achei que ele quer ser reitor. Hoje tenho certeza de que merece sê-lo, pelo tanto que ama e vive esta UFPR.

Uma parceria inicial e fundamental foi a da professora Patrícia Mollo Monsão que me ajudou a pensar o curso de especialização. Sem as dúvidas e os senões que colocava, fruto da sua experiência na universidade, teríamos tido muito mais problemas. Ao iniciar o curso, ela me deixou sozinha, mas o apoio dado até aquele momento foi fundamental.

No PPGE tenho muito a agradecer a professora Dolinha – Maria Auxiliadora Schmidt – por ter confiado em mim e ter me dado as primeiras orientações para participar do programa. Tenho uma imensa gratidão à professora Tânia Braga, pelo que ela é, pela sua maneira de conduzir por tantos anos a linha, pela maneira como acolhe as pessoas e nos ensina a ser professoras. Fiz boas parcerias em bancas com as professoras Leilah Bufren e a professora Suzana Ferreira e, finalmente, uma parceria online com a professora Tânia Baibich, com quem discuti os passos iniciais da elaboração deste memorial, além de parcerias em bancas para professor e seleção de alunos para mestrado e doutorado. No PPGE vivi a experiência de trabalho coletivo, democrático e partilhado, que sempre sonhei viver numa universidade pública, e sem dúvida alguma, foi por ter tido a chance de ali estar e de conviver com essas professoras.

Em seguida, voltando ao Decom, destaco igualmente a parceria do professor Luiz Paulo Maia, por quem sempre tive um carinho e uma admiração especial, desde que ele participou como membro da minha banca de mestrado no PPGE. Dividir com ele a chefia de departamento foi muito importante para mim. Ele me deu todo respaldo que eu precisava nos momentos que tive que tomar algumas decisões mais duras. Também assumiu toda a parte do levantamento dos equipamentos necessários para os laboratórios que precisavam ser renovados e participou comigo das conversas nas instâncias superiores para conseguir a verba necessária.

Outra parceria essencial foi a da professora Celsi Bronstrup Silvestrin para a realização Intercom Sul em 2006. A professora Celsi trabalhou nos bastidores, organizou os alunos que garantiram toda a parte operacional do evento e foi incansável na tarefa de conduzir comigo o coordenação do evento.

Com a professora Gláucia tive uma parceria no PPGE por sermos de áreas próximas: ela trabalha com educação e tecnologias e eu com educação e mídias. Isso nos fez parceiras em

muitas e muitas bancas, em processos seletivos e no Acordo com a Universidade de Poitiers, além de alguns cursos em EAD e de extensão.

Não posso deixar de citar o trabalho da professora Kelly Prudêncio que resultou na criação do PPGCOM. Ela viabilizou em forma de projeto viável a intenção de um Programa de Pós-Graduação, que no final das contas, favoreceu todo mundo. Foi com ela que tive as divergências mais inteligentes da vida acadêmica, pois eram divergências por concepções diferentes de conduzir a pós-graduação e não por picuinhas, como acontece na maioria das vezes.

Por fim, foi muito agradável e positiva a parceria com a professora Myrian Del Vecchio, que arregaçou as mangas e construiu comigo o Convênio Internacional sobre Novas Práticas Jornalísticas. Foi uma grande descoberta e aprendizado tê-la comigo nesta tarefa.

Aliada a esta parceria e à criação do PPGCOM, conseguimos criar uma espécie de grupo das mulheres – formado pelas professoras Celsi, Gláucia, Kelly, Luciana, Myrian e Regiane – que foi obrigado muitas vezes a se organizar para defender direitos e que com isso criou laços permanentes de amizade e carinho.

Finalmente não poderia deixar de mencionar o carinho recebido por tantos e tantos alunos – às vezes em forma de contestação – mas que sempre me ensinaram algo novo ou exigiram de mim uma tomada de posição.

A cada uma dessas pessoas, deixo o mais sincero agradecimento.

## **IX- Recebimento de comendas e premiações advindas do exercício de atividades acadêmicas**

Os principais prêmios que recebi desde o início de minhas atividades na UFPR, em 1998 até a presente data, dizem respeito a orientação de trabalhos que se destacaram no cenário estadual e nacional da pesquisa em Comunicação.

O *Prêmio Sangue Novo* organizado anualmente pelo Sindicato dos Jornalistas do Paraná, é um dos principais concedidos no estado para alunos dos cursos de comunicação social.

Alguns de meus alunos – e eu indiretamente – o obtiveram em 1999, 2003 e 2007, por monografias consideradas as melhores daqueles respectivos anos.

Um desses trabalhos, o da aluna Daniele Siqueira, concorreu também ao *Prêmio Pão de Açúcar*, promovido pela Intercom, de melhor monografia de graduação no Brasil e recebeu Menção Honrosa.

Além desses prêmios, fui homenageada nas turmas de formandos do ano de 2001 das Universidades Tuiuti do Paraná e Federal do Paraná, o que muito me honrou.

## Xa. O que dizem de mim

*Apertou em mim aquela tristeza, da pior de todas,  
que é a sem razão de motivo ...  
Guimarães Rosa*

Na prática, nem sempre dá para sair cantarolando o “deixem que digam, que pensem, que falem...”, como se fosse realmente possível ignorar o que dizem e pensam sobre nós. À medida em que vamos ficando mais velhos, vamos relativizando a questão. Já não importa tanto o que dizem, mas quem diz, como diz e com que finalidade. Ainda assim, para mim, talvez mais do que para outros, sempre foi difícil não “sentir” o que dizem e pensam sobre mim.

Mais uma vez é o professor José Marques de Melo que me socorre. No livro intitulado *Timoneiros*, da Coleção Fortuna Crítica, por ele sugerida, o segundo capítulo, escrito pela minha amiga e jornalista Elza de Oliveira Filha, faz um balanço crítico da minha contribuição acadêmica à frente da Diretoria Cultural da Intercom<sup>36</sup>. O capítulo – com o título que menciona minhas “múltiplas habilidades” - faz um resumo da minha vida explicando como as condições históricas e sociais determinaram minha produção. Narra em detalhes meu trabalho à frente da Diretoria Cultural e em seguida, procura sistematizar minha produção intelectual. Destaca meu interesse pela Teoria da Comunicação, os estudos de recepção e, a Educomunicação. Para finalizar, insere no texto dois depoimentos de alunos meus, uma ex-orientanda de doutorado, a professora Iris Yae Tomita e o jornalista e também professor, doutorando, Luís Otávio Dias. Enfatizando o título do capítulo, ambos reafirmam as tais múltiplas habilidades, que se desdobram numa agenda sempre cheia de trabalho.

Essa é a principal referência que tenho sobre o que falam sobre o meu trabalho, a mais objetiva apesar de tanto a autora do capítulo como os dos depoimentos serem amigos próximos. Além dele, acabei encontrando, na organização dos documentos para este memorial, alguns “recados” escritos por alunos. Como o da minha orientanda Lisandra Ogg Gomes, que me escreveu no final da dissertação para agradecer e falou sobre “minha simplicidade e humildade” para orientar.

Tenho ainda uma “carta de referência” escrita pelo aluno que orientei na primeira monografia do Decom – o hoje advogado e Promotor de Justiça, Guilherme Perin que afirma:

Conheço-a desde 1998, ano que ingressei no curso de graduação de Comunicação Social da UFPR. Durante suas aulas encontrei na professora Rosa Maria Dalla Costa uma professora exemplar, com um profundo interesse no aprendizado de seus alunos, apresentando a matéria de Teoria da Comunicação, com dedicação e muito conhecimento e estimulando em seus alunos a reflexão crítica. Apesar de ser sua primeira turma na UFPR, já demonstrou desde o início ter um conhecimento avançado sobre a matéria, melhor do que qualquer outro professor na ocasião.

A aluna e caloura de jornalismo deste ano de 2016, Josiane Paixão, disse em seu email:

A matéria *História Social dos Meios de Comunicação* é uma das bases para o desenvolvimento de um profissional excelente. Nos fez enxergar por completo a trajetória dos meios de comunicação e sua importância para a sociedade. Ao meu ver, foi além do plano de estudos proposto a medida em que mais do que nos capacitar a analisar criticamente e compreender a história social dos meios, nos deu subsídios e aptidão para fazer discursões muito mais abrangentes e nos comportarmos de modo maturado no âmbito acadêmico universitário. Trabalhamos as três habilitações em conjunto, realizamos seminários, debates, análises de conteúdo, entrevistas e ainda um julgamento judicial onde simulamos os componentes de um tribunal em sala de aula. Essa experiência foi de grande

---

<sup>36</sup> OLIVEIRA FILHA, Elza. “Rosa Maria Cardoso Dalla Costa: Uma profissional de múltiplas habilidades”. In: MORAIS, Osvaldo J. de; PEREIRA, Clarissa Josgrilberg; ARAGÃO, Iury Parente (orgs). *Timoneiros*. Coleção Fortuna Crítica, vol. 7, 2014, p. 49-66.

relevância para o crescimento da capacidade de desinibição e argumentação da nossa turma.

Felizmente tenho a honra de ser lembrada positivamente por um número considerável de alunos. Mas também recebi críticas de todos os lados nestes anos. O pior momento foi quando exerci a função de chefe de departamento, entre 2004 e 2006. Eu sentia-me na obrigação de fazer as coisas e fazia e, por isso, algumas vezes fui considerada “um trator”, autoritária, como a “tia” da escola, maternal demais para um curso de comunicação.

Fui alvo de notícias nos jornais *O Lenhador* e em alguns jornais feitos pelos alunos durante esses anos. Bem ou mal, às vezes mais, às vezes menos, falaram de mim. De tudo o que acabei sabendo desses dizeres, o que mais me gratifica é aquele dos alunos que, ao me encontrar, contam que continuaram seus estudos pelos incentivos ouvidos em minhas aulas.

## **X- Participação em atividades editoriais e/ou de arbitragem de produção intelectual e/ou artística**

### **10.1 Comitê Editorial**

O primeiro comitê científico e editorial que integrei foi na Revista de Estudos da Comunicação da PUC-PR (ISSN 1518-9775), então sob a editoria de Maria Teresa Martins Freire. Eu e a professora Celsi Bronstrup Silvestrin, representávamos a UFPR neste conselho que tinha professores de diversas instituições do Paraná e de outros estados.

Em seguida, fui convidada para integrar o Conselho Editorial da Revista Comunicação & Educação (ISSN 0104-6829), o que muito me honrou, justamente por ser esta a principal publicação brasileira sobre o tema.

Em 2009 atuei como parecerista externa da Revista Comunicação & Sociedade (ISSN 01012657), publicada pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, onde fiz minha graduação em Jornalismo.

No ano seguinte, integrei o Corpo Consultivo da Revista Científica do Colégio Militar de Curitiba, editada pelo Major Raul Kleber de Souza Boeno.

Atuei ainda como editora associada da Revista Brasileira de Ciência da Comunicação (ISSN 1809-5844 – impresso e ISSN 1980-3508 – online).

Além de participar como parecerista das publicações impressas acima citadas, atuei eventualmente como parecerista de revistas online como a Ação Midiática, produzida pelo PPGCOM-UFPR e como consultora *ad hoc* de diversos eventos científicos, como o Primeiro Congresso de Humanidades, realizado em 2000, na UFPR; o Anped Sul (Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul) em vários anos; do Programa de Iniciação Científica da UFPR, igualmente por vários anos; e de eventos

científicos de outras instituições de Curitiba, como a Facinter em 2010, e de universidades de outros estados, como da Unemat, em 2007. Participei também do comitê científico de diversos congressos regionais e nacionais da Intercom (entre os anos de 2010 e 2014); do Celacom 2007 e de eventos internacionais, como o Colloque Bilateral Franco-Brésilien, realizado em Dijon, em 2010.

Avaliei trabalhos submetidos à 62ª Reunião Annual da SBPC, em 2010 e fui ainda parecerista do GT Comunicação e Cidadania do XXI Encontro Anual da Compós, realizado em 2012, em Juiz de Fora; do VI Seminário Regional de Jornalismo, realizado pela Intercom em parceria com o GRPCOM, em 2013 e como parecerista do GT Comunicação e Educação do Congresso Internacional Lusocom, nos anos de 2014 e 2016.

## **10.2 Comitê Julgador**

Participo anualmente como membro do juri do Concurso Cultural Ler e Pensar, promovido pelo IGRPCOM, no qual avaliamos os melhores projetos realizados por professores do ensino público nas escolas estaduais do Paraná. Esse é um dos trabalhos que mais aprecio justamente por me possibilitar o contato com professoras que viabilizam no seu cotidiano projetos da interface comunicação e educação. Apresentam-nos em seus relatos como a teoria pode ser colocada em prática de forma criativa, normalmente comprometida com uma ação social e utilizando poucos recursos.

Fui convidada para integrar a Comissão Julgadora do Primeiro Prêmio Inepar/SJPP Nacional de Jornalismo de 1998, promovido pelo Sindicato dos Jornalistas do Paraná, em parceria com a Inepar.

Em seguida, antes de assumir a diretoria cultural da Intercom, fui membro do Juri dos Prêmios Estudantis Intercom: Prêmio Lígia Averbuck, em 2006. Fui também membro do juri do 2º Prêmio Cristina Tavares, promovido pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Pernambuco, no ano de 2014 e do Prêmio de Melhor Dissertação e Tese, promovido pela Compós, em 2015.

Finalmente, enquanto diretora cultural da Intercom, nos anos de 2009 a 2014 coordenei o Prêmio Luiz Beltrão e os Prêmios Estudantis Lígia Averbuck; Francisco Morel, Vera Giangrande e Freitas Nobre.

Atuar como parecerista ou como membro de juri de algum prêmio sempre foi uma das tarefas mais difíceis para mim, que mais exigiu esforço, dedicação, concentração e autocrítica.

## XIa. O que não consegui fazer

*Eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! (...) Este mundo é muito misturado ...*

*Guimarães Rosa*

Desde o início de minhas atividades na UFPR até a presente data, fiz coisas que não imaginava que pudesse fazer ao me inscrever para aquela vaga de professor de Teoria da Comunicação. “A UFPR abre um leque de possibilidades de atuação, aprendizado, realizações”, eu insisto em dizer isso para os meus alunos calouros em cada início de ano letivo.

Como sempre fui movida por ideias e pela vontade de me envolver em projetos e desafios, aqui tive a chance de desenvolver vários deles. Mas algumas coisas que considero importantes, com as quais sonhei para minha carreira, não consegui fazer.

A primeira delas, foi contribuir para criar um espírito coletivo e colaborativo no Decom. Talvez pelo histórico do movimento de jovens de uma igreja combativa e atuante, eu sempre sonhei com projetos que envolvessem todos os professores, que fossem assumidos como projetos do departamento: com objetivos que fossem além do enriquecimento individual do currículo lattes. Foi com esse espírito que propus o curso de especialização e foi justamente ao coordená-lo que percebi que o projeto era só meu e que eu devia dar conta dele, sobretudo das dificuldades que ele apresentasse. O curso foi concluído com êxito e não deixou pendências, mas a experiência solitária e preocupante não me motivou a continuá-lo.

A segunda tentativa de criar um “coletivo” que lutasse por algo bom para o curso, foi quando propus sediar o Intercom Sul em 2006. Apesar de ter contado com a parceria da professora Celsi Bronstrup Silvestrin e da ajuda pontual de vários professores, mais uma vez o projeto era tido como meu. Alguns professores vendo a aflição dos dias que antecediam um evento que foi imaginado para ter 400 participantes e teve 1.200, chegaram a afirmar “quem pariu Mateus, que o embale...”. Consegui criar uma equipe interinstitucional, com professores de todos os outros cursos de comunicação da cidade, mas no Decom, poucos se envolveram, poucos participaram seja inscrevendo textos, ou assistindo as mesas redondas e palestras realizadas. Isso me “desencantou” um pouco. Percebi que a pluralidade de uma instituição pública exige que você saiba lidar com diferentes interesses individuais.

A partir daí, desisti de grandes projetos coletivos internamente. Logo em seguida, fui convidada para fazer parte da diretoria nacional da Intercom e lá vivi a experiência de trabalho coletivo e democrático que queria para o Decom. Continuei igualmente buscando parcerias interinstitucionais, como a que fizemos com a Universidade Positivo para a realização do Congresso Nacional da Intercom, em Curitiba, em 2009, ou a que temos agora no Convênio com Lyon, do qual participam a UP e a UTP. Sempre fui aberta a trabalhar com professores de outras instituições e a tentar construir coletivos de comunicação. Na volta do pós doutorado em 2008, passei a integrar o grupo de três professoras que discutiam a criação do PPGCOM, nova esperança de um projeto coletivo, que acabou nas mãos desse pequeno grupo. Nasceu o PPGCOM, que pelas próprias exigências da Capes, exige um trabalho mais conjunto dos seus integrantes, que por sua vez, representam pouco mais de um terço do total de professores do departamento de comunicação.

Se não ter contribuído para a formação de um coletivo é o primeiro ponto de uma auto avaliação, um “mea culpa”, o segundo é o de não ter trazido para a UFPR nenhum dos vários eventos nacionais da área da comunicação, em especial os congressos da Intercom e da Compós, os principais. A experiência sofrida na realização do Intercom Sul em 2006, quando alguns professores diziam o tempo todo que “não ia dar certo”, que passaríamos uma “vergonha nacional”, o medo de fracassar e de ser responsabilizada por isso, impediu-me de ousar e arriscar.

Nesta avaliação propiciada pelo memorial descritivo, reconheço que quando o desafio é individual e exige unicamente o meu esforço e dedicação, não penso duas vezes para fazer o que é preciso, beirando inclusive a impetuosidade. Quando depende ou compromete o grupo, eu recuo.

No meu modo de pensar um curso de comunicação, seja de graduação ou de pós, deve fazer um planejamento estratégico que vise garantir a participação de seus professores nos principais fóruns acadêmicos da área. Isso inclui inscrição de trabalhos e inserção em grupos de pesquisa e a organização de eventos em sua própria casa. O Decom teve um impulso neste processo a partir da criação do PPGCOM, em 2010, mas ainda há muito o que fazer.

## **XI- Assessoria, consultoria ou participação em órgãos de fomento à pesquisa, ao ensino ou à extensão**

### **11.1 Conselho IGRPCOM**

Fui convidada para fazer parte do Conselho Pedagógico externo do IGRPCOM, que desenvolve uma série de projetos de educomunicação, como o Ler e Pensar e o Televisando o Futuro. É uma atividade não remunerada que é exercida a partir da demanda e da programação do próprio instituto.

O grupo é formado por outros professores, do ensino público e particular, fundamental, médio e superior, além de ter também um jornalista do Jornal Gazeta do Povo, do grupo.

Normalmente, mas não é regra, pois como expliquei depende dos projetos de cada ano, temos uma reunião no início do ano no qual discutimos os projetos do grupo, cujo ápice é sempre a comemoração do Dia dos Professores, em 15 de outubro. Na festa comemorativa, o IGRPCOM faz a entrega dos prêmios dos projetos realizados durante o ano, em especial do Ler e Pensar, que envolve escolas de todo o estado.

Todos os professores envolvidos no projeto são convidados a participar de um concurso no qual apresentam as ações desenvolvidas com o jornal em sala de aula. Nós do Conselho atuamos no processo de escolha dos melhores trabalhos, que culmina com a escolha dos premiados.

Nos últimos anos, decidimos que deveria haver uma apresentação oral dos melhores trabalhos escolhidos. Assim, todo mês de setembro agendamos um dia para assistir e avaliar cada um desses trabalhos e fazer a discussão final que define os três premiados.

Além disso, recebemos mensalmente o boletim produzido pelo IGRPCOM, denominado “O Bolo”, que contém reportagens, ideias de utilização do jornal em sala de aula e uma série de informações voltadas para a capacitação permanente do professor.



O Instituto promove uma série de outras ações e tem parcerias com várias entidades empresariais, de terceiro setor e educacionais da cidade, para as quais o Conselho também é convidado.

Desde o convite para integrar o Conselho, tenho acompanhado com interesse a seriedade com que os profissionais do grupo – alguns orientandos de mestrado – desenvolvem projetos de educomunicação dentro das limitações e desafios de uma empresa. Tenho também sentido a grata satisfação de partilhar com outros profissionais da área da educação, momentos de discussões propositivas e em prol da melhoria do ensino em todos os níveis, no estado do Paraná.

## **11.2 Inep**

Cadastrei-me para ser avaliadora de curso no Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – em meados da primeira década do século XXI. A motivação maior era o interesse que sempre tive pelo ensino superior, em especial o de jornalismo, pois comecei como avaliadora de curso.

Particpei de cursos de capacitação que foram dados desde então e acompanhei as mudanças introduzidas no processo de avaliação de cursos.

Particpei de avaliações com mais ou menos membros – no início os avaliadores de curso eram acompanhados por um institucional – e viajei para todas as regiões do país. Cheguei a fazer avaliações com alguns colegas do departamento, que com o passar do tempo foram deixando de fazê-las.

Eu, ao contrário, passei a fazer também avaliação do curso de Direito, institucional e de polo EAD. Só deixei de aceitar as designações em 2008, quando estive afastada para fazer pós-doutorado no exterior.

Normalmente, faço uma média de seis avaliações por ano. A exceção foi 2015 quando fiz 11 no período de fevereiro a agosto.

O meu interesse por esse trabalho é muito grande: à medida que visito outras instituições e cursos, aprendo o que pode ser feito no nosso próprio curso e tenho uma noção do ensino superior em todo o país. Noção, aliás, enriquecida também durante o trabalho como diretora cultural da Intercom. Para mim, esse “sair de casa e olhar a casa do vizinho” é fundamental para o reconhecimento das próprias forças e fragilidades.

Esse trabalho me faz sentir integrada a uma proposta mais ampla de ensino superior para o país. Claro que algumas avaliações são protocolares e que temos poucas condições de apontar o que deve de fato ser mudado. Mas de algum modo, o simples

fato de existir um sistema de avaliação implantado em todo o território, com critérios amplamente divulgados, com polos diferenciados a serem avaliados e com regularidade, já é um sinal de um controle mínimo de qualidade.

Às vezes é difícil sair de casa no meio de um domingo, ficar três dias fora, para visitar uma cidade a uns 200 quilômetros de uma capital da região Norte, por exemplo. Não há dinheiro que pague a falta que sinto da minha casa nestes momentos. Aliás, muitas vezes pagamos para ir, pois o pagamento das diárias chega a atrasar dez ou 15 dias. Mas continuo aceitando as designações por compreender que faz parte do meu trabalho.

Uma vez, em Teresina, encontrei uma professora, um pouco mais velha, que disse exatamente isso: “eu pensei antes de vir e de deixar minha família em casa em pleno domingo, queria desistir. Mas pensei no transtorno para a escola que me esperava e para os alunos que dependiam desse ato para terem sua vida acadêmica regularizada e acabei vindo.” Agora, recentemente, em 2016, fui avaliar um polo presencial EAD em Tucuruí, no Pará. O A instituição estava há dois anos esperando a equipe de avaliadores do Inep para iniciar o curso. Agradeceram-nos inúmeras vezes por termos aceitado ir tão longe...São esses encontros que fazem valer a pena o trabalho.

Fazer parte do banco de avaliadores do Inep contribui ainda para as discussões internas do departamento e as tentativas de tentar adequá-lo às exigências do MEC. À medida do possível tenho procurado deixar isso claro nas reuniões que participo, principalmente nas do NDE do curso de jornalismo.

Finalmente, para exercer a função de avaliador temos que acompanhar permanentemente a legislação relativa ao ensino superior e às especificidades dos cursos, o que dificilmente faria de outro modo.

### **11.3 Ministério da Justiça**

Em abril de 2012 recebi um telefonema do professor Edgar Rebouças, com quem eu havia trabalhado na Intercom, dizendo que havia indicado o meu nome para fazer parte de um grupo de assessoria ao Ministério da Justiça.

Logo em seguida, uma funcionária do Ministério me ligou e disse que o trabalho consistiria em ajudar o grupo a coordenar uma pesquisa que deveria subsidiar os parâmetros de uma normatização indicativa de faixas etárias para a programação televisiva.

Fui designada para compor a comissão e recebi todo o material para analisar digitalizado. Particpei de uma reunião no Ministério da Justiça em Brasília, no qual discutimos com a empresa contratada para fazer a pesquisa, os itens a serem ou não considerados.

#### **11.4 Advogada dativa da OAB**

Como sou funcionária pública federal contratada em regime de dedicação exclusiva, estou impedida de exercer a advocacia, mas posso exercer a função de advogada dativa da OAB. Ou seja, aceitei “advogar” gratuitamente em alguns processos, normalmente disciplinares, contra advogados da própria OAB, o que me permite ter um contato mínimo com a profissão, sem atrapalhar minha atuação na UFPR.

#### **11.5 Assessoria para a Empresa de Águas de Joinville**

Em 2016 fui procurada pelo assessor de comunicação da Empresa de Águas de Joinville para assessorar a elaboração de um projeto de educomunicação que a firma pretende desenvolver junto às escolas públicas do município. Fiz, juntamente com dois ex-orientandos, um do PPGE e outro do PPGCOM, uma proposta que foi analisada e deverá ser implementada nos próximos meses. Essa está sendo uma excelente experiência de assessoria para mim, a esta altura da minha trajetória acadêmica, justamente por me possibilitar a atuação prática na área da educomunicação e por conseguir envolver ex-orientandos.

No cômputo das atividades de assessoria, avalio que o decorrer dos anos me possibilitou ter uma experiência, sobretudo na área da educomunicação, que me permite contribuir na sistematização de projetos práticos na área, o que mais uma vez, é muito gratificante.

## **XIIa. O que ainda vou fazer**

*Tudo que já foi, é o começo do que vai vir,  
toda a hora a gente está num cômputo.  
Guimarães Rosa*

Quando eu era criança passava as férias sonhando com o início do ano letivo, com o novo material escolar, as novas disciplinas. Ao finalizar esse memorial, retomo a sensação de um novo ano letivo que está para começar.

Os planos são movidos pelo mesmo interesse de estudar que sempre moveu minha vida. Quero ler uma relação de livros (sempre tenho uma e vou clicando um a um os livros quando consigo vencê-los); quero estudar Direito (preciso me apropriar desta área); quero escrever um livro de teoria da educomunicação; quero continuar a pesquisa internacional sobre Novas Práticas Jornalísticas...

Entre tantos projetos que normalmente temos a cada final de ciclo, seja ele o ano letivo ou uma etapa na carreira, tenho dois grandes projetos que gostaria de ter tempo para me dedicar. O primeiro é fazer uma sistematização teórica na área da interface comunicação-educação, discorrendo sobre seus principais conceitos, relacionando-os com os projetos que orientei. Não se trata de uma nova pesquisa, mas sim da organização de conceitos presentes nos trabalhos de alunos já concluídos e nos artigos já escritos, obviamente aprofundados e atualizados.

O segundo projeto é o de aprofundar as leituras que me permitam estabelecer relações entre os estudos de Direito – em especial os que tratam da Propriedade Intelectual – as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação e suas implicações culturais e sociais. Esse estudo insere-se no âmbito dos dois convênios internacionais que coordeno – o de Poitiers e o de Lyon – e através dele, quero continuar investindo na internacionalização da UFPR.

Esses dois grandes projetos de pesquisa estão conectados à medida em que pensar a comunicação social na sociedade do século XXI é pensar nas suas inúmeras interfaces, cada vez mais determinadas pelas tecnologias da informação e da comunicação. Penso que devo investir numa reflexão mais madura sobre todas essas relações, valendo-me da experiência e dos conhecimentos que acumulei até aqui.

Paralelamente, quero poder também investigar e produzir sobre jornalismo especializado em gastronomia, uma área pela qual tenho me interessado cada vez mais. Mas isso, posso fazer nas horas de folga.

## **XII- Exercício de cargos ou funções na Administração Superior, Setorial, Departamental, Coordenações de Cursos de Ensino básico, técnico, tecnológico, graduação e/ou pós-graduação, representação em órgãos colegiados superiores.**

A grande diferença de uma instituição de ensino superior pública e privada é que na pública, o professor é chamado a pensar todo o processo de ensino, inclusive, tendo em alguns momentos que administrá-lo, através de funções que vão além do seu trabalho docente.

A rigor, não somos preparados para isso, mas aos executá-las incorporamos à nossa vida profissional e acadêmica uma série de conhecimentos imprescindíveis para o exercício da própria docência. Aprendemos a ter uma visão mais abrangente e real da vida na universidade, seus limites e suas possibilidades.

Eu nunca quis chegar à reitoria, mas também não fugi às minhas responsabilidades quando pelas circunstâncias mais diversas, algumas já relatadas nos itens anteriores, fui levada a assumir funções administrativas, como segue no relato.

### **12.1 Colegiados de curso**

Como o Departamento de Comunicação nunca teve muitos professores, (hoje somos 23 - 21 doutores, um mestre e um graduado) e temos até o ano de 2016<sup>37</sup>, três habilitações, todos participavam do colegiado. Assim participei regularmente das reuniões do colegiado do curso de comunicação, principalmente nos primeiros anos, quando o quadro docente era menor. Atualmente não faço mais parte do colegiado que, para viabilizar de forma mais rápida suas principais questões, passou a ser constituído por um grupo menor, representando até então as três habilitações.

Normalmente nas reuniões de colegiado de curso são discutidas as questões do dia-a-dia da sala de aula, os pedidos de alunos e os ajustes necessários para essa ou aquela disciplina. Lembro-me de ter participado de grandes discussões sobre mudanças dos Trabalhos de Conclusão de Curso, por exemplo. Defendi a possibilidade de alunos das três habilitações fazerem monografia, se assim o quisessem, e não apenas projeto, como era obrigatório.

Sempre tive posições claras e firmes em relação ao rigor que devemos ter nas atividades de ensino na universidade e, sobretudo, na defesa de regras claras que sirvam e sejam cumpridas por todos. Mas os colegiados têm toda sorte de demanda: de aluno que tenta revalidar disciplinas cursadas em cursos técnicos, a justificativas para exceder o número de faltas ou mudar-se de cidade e – pasmem! – continuar matriculado.

Procurei nestas reuniões o mesmo princípio que mantenho na condução das minhas disciplinas: não exijo do aluno aquilo que não pude lhe dar. Ou seja, quando o problema da falta de cumprimento da regra geral é gerado pela universidade (greve, falha administrativa, etc...), sou favorável ao aluno e à aprovação de excepcionalidades. Quando o problema é causado pelo aluno (emprego, interesses diversos, etc), sou favorável ao cumprimento da regra geral, para garantirmos a seriedade do processo.

Outra discussão interessante para o colegiado do curso no decorrer desses anos foi vez ou outra a publicação de jornais, boletins ou panfletos pelos alunos. Alguns deles, criticavam professores e o próprio curso, e ao colegiado os casos chegavam com

---

<sup>37</sup> A partir de 2017, seguindo as Diretrizes Curriculares Nacionais do MEC, o Departamento de Comunicação passará a ter três cursos independentes e não mais habilitações. São eles o Curso de Jornalismo, o de Relações Públicas e o de Publicidade e Propaganda.

pedidos de providências administrativas. Ora, as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação mudaram ainda mais esse quadro ao possibilitar que representantes discentes transmitissem detalhes das discussões do colegiado nas redes sociais. Sempre fui contrária a qualquer tipo de censura à expressão e felizmente o colegiado nunca tomou nenhuma medida neste sentido.

Com o ingresso de novos professores, foram criados colegiados representativos no curso de graduação e fiquei vários anos afastada dessas reuniões, até ser nomeada para o NDE do curso de Jornalismo, em 2015.

Comecei então a participar das discussões específicas sobre a formação do jornalista e a proposta de reformulação do seu currículo para atender às novas diretrizes curriculares nacionais.

### **12.2 Colegiado na Pós-Graduação**

No PPGE nunca participei do colegiado. O programa é grande – só a linha Escola e Cultura é maior do que o PPGCOM – e como sou lotada na Comunicação nunca fui representante de linha no colegiado do Programa.

No PPGCOM, entretanto, participei desde o início e defendi que o colegiado fosse constituído por todos os professores, uma vez que ainda somos em número reduzido. Participo regularmente das reuniões como consta das referidas atas.

### **12.3 Coordenação de Curso e Especialização**

Relatei em dois pontos anteriores minha atuação como coordenadora do Curso de Especialização em Tencologia na Educação, promovido pelo Decom.

Do ponto de vista administrativo foi essa minha primeira experiência diante das fragilidades técnicas da universidade pública: falta de funcionários, falta de infraestrutura, excesso e morosidade burocrática, etc...

Diferentemente de instituições particulares, o coordenador ou chefe administrativo não tem o poder real para exigir dos colegas, que amanhã estarão no seu lugar, o cumprimento de suas funções. Entretanto, dele, enquanto chefe, tudo pode ser exigido e é sobre ele que recaem as mazelas de toda a precariedade do sistema.

Enquanto coordenadora da especialização fui cobrada pelo funcionário que saiu antes do final da aula e trancou a sala onde o professor havia guardado sua bolsa, pela avaliação do professor, na qual o aluno fez um comentário desfavorável, pela lista de

chamada que não ficou pronta para o horário da aula, etc...

Há uma sobrecarga de atribuições e de responsabilidades para os que exercem funções administrativas e justamente por isso, é importante que haja o revezamento e a alternância nestes cargos. Normalmente, quando no exercício destas funções, os professores diminuem sua produção acadêmica e o ritmo de suas pesquisas, embora não deixem de ser cobrados por isso, pelas agências de fomento ou mesmo pelos processos avaliativos a que estão submetidos. No meu caso, ao rever minhas atividades para escrever este memorial, constatei que não necessariamente diminuí minhas outras atividades nos períodos em que exerci cargos administrativos, como provam o lattes e os documentos arquivados.

#### **12.4 Chefia de Departamento**

Assumi a coordenação do Departamento de Comunicação em 2004, em parceria com o professor Luiz Paulo Maia, meu suplente. Combinamos, ao montar a chapa, fazer uma gestão partilhada e decidimos tomar em conjunto todas as decisões.

A eleição foi tranquila e pelo menos, por parte dos alunos, tínhamos o apoio da grande maioria. O propósito da nossa gestão era abrir as portas para o atendimento de alunos e professores e estar presente a maior parte do tempo do departamento.

Foi o que fizemos. Revezávamos o Luiz Paulo e eu, a permanência na sala da chefia e fomos pouco a pouco tomando conhecimento de como tudo funcionava – ou deveria funcionar – ali. Nosso primeiro desafio foi o de estabelecer algumas regras de organização com os funcionários que prestavam serviços nos laboratórios técnicos (rádio, televisão, fotografia), na sala de empréstimos de equipamentos e na secretaria. Tinha funcionários efetivos e seniores e vários pedidos para remoção para o Decom, que tivemos logo de início que resolver.

Fizemos reuniões e procuramos criar normas onde não existiam, como por exemplo, para empréstimo de equipamentos e uso de laboratórios. A quantidade de equipamentos e de salas para cuidar era imensa e assustadora. O chefe de Departamento de Comunicação é uma espécie de síndico de um conjunto de prédios, onde estão instalados a imprensa universitária, a rádio web e a televisão UFPR, a reserva técnica do Museu de Arqueologia, além do Cacos e da Fábrica de Comunicação. Assim que assumimos, fomos também procurados pelo correspondente da revista Ciência Hoje, que queria um espaço para instalar uma pequena redação, onde abrigaria alunos estagiários de jornalismo.

Ainda estavam em construção e/ou reformas as agências de Publicidade e Propaganda e Relações Públicas e a redação do Jornal Laboratório. Era preciso assegurar a reforma e a compra dos equipamentos. O campus era cercado por um muro baixo, que não oferecia nenhuma segurança, era preciso pedir para refazê-lo.

Os alunos tinham a tradição de fazer vinhadas, desde quando o curso funcionava no prédio da Praça Santos Andrade, e tais festas geravam vários problemas como brigas e sujeira pelos banheiros, causando reclamações por parte dos funcionários terceirizados.

Enfim, havia uma série de problemas a serem resolvidos: da regularização do horário de trabalho dos funcionários ao investimento em laboratórios e infraestrutura mínima para o funcionamento do curso, além da necessidade sempre presente da contratação de novos professores.

Fomos pouco a pouco conquistando nossos objetivos. Participamos das discussões no Setor, na Pró-Reitoria de Administração – cujo pró-reitor era o professor Zaki Akel Sobrinho – e na reitoria sobre a televisão universitária e a necessidade de recursos para compra de equipamentos para a TV e para o Departamento separadamente. Conseguimos a aprovação de um projeto de R\$ 400 mil reais, a ser executado em duas etapas, que corresponderia a uma grande compra de equipamentos, cujas discriminações foram feitas pelos professores de televisão, rádio e informática. Demos um salto quantitativo nesta área, sobretudo graças à atuação do Luiz Paulo à frente da compra dos equipamentos.

Administrativamente, procuramos acertar a documentação e o controle das atividades acadêmicas. Fiz pessoalmente uma leitura de todas as atas do Departamento, elaborando para cada qual uma espécie de sumário que permite identificar o que foi discutido em cada reunião. Neste trabalho identifiquei a ausência de várias outras e de algumas de pouco teor informativo, problemas que evitamos nas atas referentes à nossa gestão.

Procuramos também acertar a grade horária das disciplinas, tentando concentrar todas as obrigatórias no turno da manhã a fim de que os alunos pudessem fazer estágios à tarde e à noite.

Paralelamente às questões administrativas, através da participação na Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – nos propusemos a sediar em 2006 o Intercom Sul – congresso regional da entidade, que teve cerca de 1.200 inscritos dos três estados da região, além de professores e pesquisadores.



O evento deu visibilidade ao Decom dentro e fora da UFPR. Dentro, porque conseguimos trazer o reitor – Antonio Carlos Moreira - para sua abertura e obter dele o compromisso com a melhora do curso. Fora, porque conseguimos fazer um evento bem organizado, que mostrou à comunidade acadêmica nacional, que estávamos dispostos a participar dos grandes eventos da área. Esse Intercom Sul não foi o primeiro grande evento organizado pelo Decom, como me contaram alguns professores que já haviam organizado um Sipec Sul anos antes, mas marcou o início de uma nova etapa de desenvolvimento do curso, que culminou com a criação do Programa de pós-graduação em 2010. Para fazê-lo, criamos um grupo de trabalho com professores de todos os cursos de comunicação de Curitiba, o que foi muito proveitoso para todos e garantiu o êxito do evento.

Dali para frente não paramos mais. Trabalhávamos diariamente para dar conta da administração de um departamento com três habilitações, diversos laboratórios com equipamentos diferenciados, diferentes tipos de contratos de trabalho de funcionários (dedicação exclusiva, cedidos, seniores...) e de professores (substitutos, 20 horas, 40 horas, 40 horas DE). Sempre tem alguém precisando de uma assinatura do chefe para aquele momento, esteja você onde estiver. Várias vezes tive que ir ao Decom fora do horário de trabalho para atender a um desses pedidos urgentes, que garantiriam uma passagem para participar de um congresso, uma licença, ou qualquer outro tipo de documento que precisa do aval da chefia.

Várias vezes passei o final de semana, especificamente a sexta-feira, com o celular à mão para resolver algum problema da “vinhada” dos estudantes.

Nosso esforço – meu e do professor Luiz Paulo – foi sempre o de procurar fazer apenas o que é permitido, mas esse propósito tantas e tantas vezes esbarrava na falta de regulamentação para uma coisa ou outra, para a falta de autoridade, que não nos permitia fazer nada contra aqueles que não cumpriam o minimamente estabelecido e todas as demais fragilidades do serviço público. Sem contar a insistente ameaça de um ou outro professor insatisfeito, que se recusava a participar e colaborar, mas anunciava o tempo todo possíveis processos administrativos contra essa ou aquela medida da chefia. Vale também ressaltar que no período em que fui chefe de departamento apenas um semestre diminuí minha carga horária e continuei ministrando disciplinas na graduação e no PPGE, conforme relatei no item I do memorial.

Participávamos também das reuniões do Conselho Setorial e das demais incumbências de um chefe de departamento.

Os anos de 2004 a 2006 foram assim marcados por muito trabalho diário, mas sobretudo, por um longo aprendizado do que é de fato o serviço público universitário. Assumi a coordenação com boa vontade e fico feliz de poder relatar essa atividade na minha história acadêmica. Fiz o que sabia e o que pude, nas condições que existiam naquela época e nos espaços ocupados pelo Decom na UFPR. O meu maior mérito nesta função foi o de não fugir do trabalho, mesmo quando exaustivo e sem as condições mínimas para exercê-lo. A maior falha, incomodar-se demais com o fato de nunca conseguir agradar a todos e não conseguir assim, formar o coletivo com o qual tanto sonhei. Sem dúvida alguma, foi a minha experiência mais dolorosa na UFPR, mas foi cumprida, rigorosamente até o último dia do mandato que me foi dado.

### **12.5 Coordenação de Curso de Pós-Graduação**

Como já relatei no item V do memorial fui a primeira coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Decom, do final de 2009 a meados de 2011.

Embora, como também já narrei, sempre tenha lutado para que tivéssemos um curso de pós-graduação no departamento, no final o que resultou mesmo na aprovação e criação do curso foi o empenho pessoal da professora Kelly Prudêncio, a quem ajudei apenas na finalização do projeto. Assim, ao contrário das outras funções que assumi – como a chefia, por exemplo – desta vez eu não me sentia à vontade, não me sentia de fato coordenadora do projeto, mas aceitei assumir o cargo por que estaria assim, de alguma forma contribuindo para a viabilização do curso. Eu era um nome um pouco mais conhecido no cenário nacional, em função do trabalho na Intercom e além disso, a professora Kelly seria afastada do curso por praticamente um ano, devido a uma licença gestante.

Novamente foi o senso de responsabilidade e o princípio de “não fugir ao trabalho” que me fez aceitar assumir essa coordenação. E novamente era preciso organizar tudo, começar do começo, estabelecer as primeiras normatizações próprias de um curso de pós-graduação, fazer os trâmites burocráticos na UFPR e fora dela junto à Capes e à Compós (Associação Brasileira de Programas de pós-graduação em Comunicação). Era preciso conseguir um funcionário técnico administrativo e começar a organizar o registro da vida acadêmica, formalizar um colegiado, implementar as bolsas.

Tudo isso mais uma vez exigiu muito trabalho, mas sobretudo, um desgaste pessoal muito grande, para alguém que repito – incomoda-se enormemente com o fato

de sempre estar desagradando alguém. Dediquei-me até o limite de minhas forças e passei o cargo para a vice-coordenadora, professora Luciana Panke, cerca de um ano e meio após ter assumido.

A coordenação de uma pós-graduação é uma função administrativa diferente da chefia de departamento e, na minha opinião, mais próxima da função do magistério superior. Embora o coordenador de um programa de pós-graduação tenha que administrar salas, equipamentos, um certo montante financeiro e o registro acadêmico do curso, o seu trabalho é mais intelectual, uma vez que a ele cabe pensar e conduzir as diretrizes do programa. Apesar de eu ter discordado várias vezes das propostas da professora Kelly Prudêncio, nós tínhamos muito claro essa noção de pós-graduação que precisávamos implantar no Decom e esse trabalho não foi fácil, nem está concluído ainda. A cada nova coordenação tem sido esse o desafio. Mesmo com a excessiva quantidade de trabalho desta fase inicial o PPGCOM começou com apoio e “vontade de dar certo” da própria UFPR, que estava expandindo seus programas de pós; da Capes, que estava no mesmo espírito expansionista e apostava em cursos no PR e SC e; da Compós, onde os coordenadores de outros cursos mais antigos nos deram total apoio e orientação para esse começo.

Como o grupo de professores do programa também era menor, o clima interno era mais colaborativo. Os alunos começaram a se integrar e a propor ações, a participar da graduação e dos eventos que anunciávamos. Enfim, sem dúvida alguma, a coordenação do curso de mestrado foi uma função administrativa das mais honrosas que cumpri no Decom. Só não fiquei até o final do meu mandato por duas razões. A primeira foram os traumas pessoais vivenciados na chefia do Decom e não esquecidos e, a segunda, porque eu sentia que aquela coordenação, naquele momento, deveria ser exercida pela professora Kelly que assim que voltou da licença gestante, a assumiu de fato.

De qualquer modo, o PPGCOM está aí, crescendo, consolidando-se, formando alunos que já estão cursando doutorados em São Paulo, Santa Catarina, mundo a fora. Valeu a pena acreditar e lutar para criar a pós-graduação em comunicação na UFPR.

## **12.6 Membro do NDE**

Em janeiro de 2014 viramos notícia: o curso de jornalismo da UFPR estava proibido pelo MEC de fazer as matrículas dos alunos aprovados no vestibular, devido ao resultado da avaliação do curso feita pelo Inep. Nas redes sociais vários jornalistas –

alguns ex-alunos – saíram na defesa do curso, alegando serem da UFPR os melhores recém formados do estado, citando exemplos, etc e tal.

Na estrada, de férias, via com alegria e tristeza as manifestações. Alguns ex-alunos citavam o meu nome e de outros professores como referência de qualidade para contradizer o resultado negativo da avaliação. Praticamente nenhuma manifestação dos demais professores do Decom.

Em fevereiro retomamos os trabalhos em clima de vamos “salvar o curso” e mostrar ao MEC que o problema foi um suposto boicote de alunos. Como avaliadora do Inep sei muito bem que o resultado de uma avaliação não se baseia apenas num único indicador. A avaliação feita retratava um conjunto de falhas que precisávamos sanar.

Começamos a fazer reuniões e fui designada como membro do NDE do curso de jornalismo. Eu sempre participei das câmaras de jornalismo e do NDE, mas agora o trabalho era mais intenso, pois precisávamos pensar num plano de recuperação do curso. As reuniões do NDE são muito proveitosas, pois o grupo é pequeno, não tem problemas internos e o tempo e as discussões são específicas do curso. Sou a única do grupo que não ministra disciplinas específicas, apenas as teóricas em turmas que têm também alunos de outras habilitações. Assim, além de aprender com os colegas, ainda posso discutir questões sobre o ensino de jornalismo que foi um dos meus objetos de estudo e pesquisa.

As reuniões passaram a ser regulares e houve de fato um trabalho em prol de melhorar os aspectos ruins apontados pelo Inep e cumprir os termos do acordo de compromisso assinado. Como sou avaliadora também, fui diversas vezes consultada sobre aspectos da avaliação a serem preparados para a visita que ocorreu no segundo semestre de 2015. Felizmente, desta vez, com a casa arrumada e parte das propostas do NDE já implantadas, a avaliação foi positiva e a nota obtida foi 4.

Participar do NDE para mim é uma forma de colocar em prática o que pesquiso sobre o ensino de jornalismo, mas também, uma maneira de me sentir “jornalista” no curso onde ministro aulas de disciplinas teóricas da grande área da comunicação.

### **12.7 Coordenação de Convênio Internacional**

Comecei escrever esse memorial na cidade de Urbana, no estado de Illinois nos EUA. Fui, no período de férias, para acompanhar meu marido que fazia um pós-doutorado de três meses no departamento de economia da University of Illinois. Obviamente, já que estava lá aproveitei para visitar o curso de Comunicação da School

of Communication, da cidade de Normal, também no estado de Illinois, como parte da pesquisa internacional que estou fazendo em parceria com a universidade de Lyon II, na França.

Toda essa introdução para explicar que hoje, na minha opinião, a internacionalização deve ser a grande meta de qualquer universidade e tenho a alegria de ter contribuído para a implantação e consolidação de dois grandes acordos internacionais do Decom, um com a Universidade de Poitiers e outro com a de Lyon II, ambos na França.

Em Urbana moramos em uma das inúmeras residências para estudantes estrangeiros espalhadas pela cidade. Nos ônibus, nos locais públicos, na biblioteca e na universidade encontramos estudantes – mais ou menos jovens – de todas as partes do mundo, o que evidencia a importância cada vez maior de se criar oportunidades de intercâmbios e parcerias internacionais, como forma de proporcionar um ensino realmente de qualidade e adequado às exigências do século XXI.

O meu interesse pela internacionalização nasceu da minha experiência pessoal. Fui fazer o doutorado na França quando ainda não tinha nenhum vínculo empregatício com a universidade. Enviei um projeto de pesquisa para a Capes e para o CNPq – aqueles de balcão – como eles chamam e fiquei aguardando o resultado, já estando na França, fazendo malabarismo para sobreviver e sustentar a família com a bolsa do marido (que também estava desempregado e não tinha vínculo com a universidade), concedida pelo CNPq.

Para fazer o doutorado na França, inicialmente acompanhando o marido, saí do emprego na redação de um jornal, deixei para trás o conforto da minha casa e a proximidade da família e fui. Não tínhamos nenhuma garantia de que conseguiríamos emprego na volta, mas fomos e fizemos de tudo para cumprir o propósito de voltar doutores. A experiência de quatro anos no exterior foi como um “abrir os olhos” para o mundo, literalmente.

Como o meu marido começou o doutorado primeiro, defendeu sua tese antes e voltamos para o Brasil, depois de devolver três meses da bolsa de estudos, a fim de conciliar o calendário escolar e tentar um emprego ainda no segundo semestre de 1997. Fiz concurso na UFPR em maio de 1998 e voltei para a França para defender o meu doutorado em dezembro de 1999.

A partir da defesa da tese, mantive contato regular com minha ex-orientadora – a professora Geneviève Jacquinet Delaunay – e continuei participando dos colóquios

binacionais Brasil-França, promovidos pela Intercom. O objetivo era tentar firmar uma parceria entre a UFPR e uma das instituições francesas que participavam do colóquio ou com a qual eu tinha acesso através dos contatos da minha orientadora. Várias vezes ensaiamos um convênio, como por exemplo com a Universidade de Grenoble, mas havia dificuldades de todos os lados e a principal delas era o fato de não termos programa de pós-graduação em comunicação.

Em 2008 fui convidada por um ex-colega de doutorado, agora professor da Universidade de Poitiers – Jean François Ceresier - a participar de uma missão, com bolsa do Programa Erasmus Mundus, em Poitiers, num Máster Internacional denominado Euromime. Fiquei um mês em Poitiers, participando das atividades do projeto, que incluíram participação em bancas de defesa de *memoire*, apresentação de seminários sobre a televisão brasileira e participação com o grupo que tinha também professores chilenos e peruanos, de um congresso realizado em Lisboa, Portugal.

No final dessa estadia em Poitiers, combinamos uma visita do professor Jean François Ceresier à UFPR, o que ocorreu logo depois e a partir daí, estreitamos os laços que culminaram no primeiro Acordo Internacional do Decom. O Projeto com a Universidade de Poitiers envolve uma pesquisa sobre Tecnologias na Educação e pudemos apresentá-lo no PPGE. Apresentei a professora Gláucia da Silva Brito ao projeto, ela também recebeu uma bolsa e iniciamos juntas a pesquisa em parceria com Poitiers. Embora esse acordo previsse o intercâmbio de alunos, na prática só realizamos intercâmbio de professores. Recebemos bolsas para várias visitas à França e aos demais países participantes do acordo, Espanha e Portugal. Recebemos a visita de alguns integrantes e a de alguns alunos deste Máster, que vieram a Curitiba por períodos curtos, para fazer suas pesquisas. Recebemos também a visita da professora Lia Raquel Oliveira, que em maio de 2015 ficou um mês em Curitiba, para conhecer o grupo de pesquisa da UFPR.

O projeto Euromime foi encerrado em setembro de 2016 e fomos, a professora Gláucia e eu, novamente convidadas para participar dos dois dias de seminários, bancas de defesas de *memoires* e demais atividades programadas para encerrá-lo. Embora esse convênio seja mais direcionado à área da educação, ele foi o primeiro acordo internacional firmado no Decom e nos possibilitou aprender os trâmites para a formulação de novos projetos. Com o fim do Máster Euromime, o acordo entre os países continuará através da criação de uma associação científica, cujo estatuto estou ajudando a escrever. Por volta do ano de 2010, fui indicada pelo departamento para

fazer parte de umas discussões com professoras do curso de Letras, para justamente pensar projetos de parcerias com universidades francesas da região de Rhones Alpes, que havia acabado de firmar um acordo com o estado do Paraná.

Todo o aprendizado dessas reuniões nos possibilitou uma aproximação com a ARI – Assessoria de Relações Internacionais – que por sua vez também estava se reestruturando – para atender às novas propostas de internacionalização da UFPR. Fomos nos inteirando de todas as discussões e continuamos investindo na busca de parcerias.

Em 2008 fiquei sete meses na França fazendo pós doutorado, na Maison des Sciences de l’Homme, com a supervisão do professor Pierre Moeglin. Voltei de lá com a missão de organizar um número da revista *Distance & Savoir*, com textos que falassem sobre a EAD no Brasil. No primeiro congresso da gestão da Intercom da qual comecei a fazer parte, realizado em 2009, em Curitiba, fiquei responsável juntamente com o professor Edgar Rebouças, pela organização do Colóquio Brasil-França, que antecedeu o congresso. Como resultado desse colóquio, agendamos o do ano seguinte, que foi realizado em Dijon, na França.

Todos os contatos feitos no pós-doutorado e nos colóquios que se seguiram (nos quais sempre apresentei texto em parceria com minha ex-orientadora francesa), resultaram no convite, em 2012, para discutir uma proposta de acordo entre a UFPR e a Universidade de Lyon II para o curso de Jornalismo. Em fevereiro de 2013, viajei a Lyon para iniciarmos as discussões que culminaram no acordo firmado em abril deste mesmo ano e que coordeno até hoje.

O acordo denominado – Novas Práticas Jornalísticas – prevê a dupla diplomação de alunos franceses e brasileiros que podem fazer intercâmbio de um semestre no outro país, participando de aulas da graduação e da pós-graduação. Prevê também o intercâmbio de professores das duas instituições e a realização de uma pesquisa conjunta sobre as novas práticas jornalísticas. Em 2013, as visitas minha na França e dos professores franceses Arnaud Noblet e Luíz Busatto na UFPR resultaram na formalização legal do acordo, devidamente aprovado pelos departamentos jurídicos das duas instituições. Em 2014, iniciamos as atividades propriamente ditas.

A partir da minha volta de Lyon em 2013, já convidei a professora Myrian Del Vecchio para entrar no projeto e, em seguida, convidei também as professoras Kati Caetano e Mônica Fort, da Universidade Tuiuti do Paraná e a professora Zaclis Veiga, da Universidade Positivo. Formamos assim, um grupo de pesquisa interinstitucional –

do qual sou coordenadora no Brasil – que é integrado também por nossos alunos de graduação, mestrado e doutorado.

Em 2014, como parte da programação do acordo, realizamos em Lyon um primeiro seminário de dois dias, no qual estabelecemos as linhas principais da pesquisa a ser desenvolvida pelos grupos. Em seguida, já selecionamos os dois primeiros alunos da graduação de jornalismo para o intercâmbio de seis meses na França e recebemos a visita da professora Raya Roumanos, no Decom, onde ministrou – em língua inglesa – uma disciplina, além de fazer seminários e encontros com alunos da pós-graduação.

Em 2015, fizemos o segundo seminário científico, desta vez no Brasil, na UP, tendo como objeto comum de pesquisa o Huffington Post, e enviamos mais uma aluna para intercâmbio de seis meses na França, sempre no segundo semestre. Em 2016 enviamos outros quatro alunos da graduação para o intercâmbio, para o qual conseguimos ampliação de vagas; a professora Myrian Del Vecchio foi para Lyon fazer pós-doutorado de um ano e o doutorando Luís Otávio Dias, também foi a Lyon para um doutorado sanduíche igualmente de um ano.

Como resultado da pesquisa feita até então tivemos a publicação de um dossier especial na revista do PPGCOM Ação Midiática, de dezembro de 2015, sobre as Novas Práticas Jornalísticas. O grupo de pesquisa – Click – coordenado pela professora Myrian del Vecchio está devidamente registrado no CNPq e faz reuniões mensais, cada vez em uma das instituições participantes do acordo no Brasil.

Não recebemos alunos franceses como prevê o convênio, devido às dificuldades da língua portuguesa. Entretanto, já recebemos uma professora de Lyon e temos outros interessados em vir como visitantes para ministrar aulas na UFPR, pelo menos por um semestre.

Esse Convênio Novas Práticas Jornalísticas é a primeira experiência de internacionalização consolidada no Decom, com frutos no ensino e na pesquisa, inclusive com publicações. Foi através dele também que tivemos a primeira disciplina ministrada em inglês no departamento e muito bem avaliada pelos alunos.

De Urbana, onde iniciei esse relato, percebi o quanto um acordo como este, levado a sério pelos professores e alunos das instituições envolvidas (e aqui destaco a importância da interinstitucionalização) é fundamental para o ensino universitário atual. Visitei a School of Communication, em Normal, e fiz os primeiros contatos para possíveis participações de professores daqui em bancas do nosso mestrado e vice-versa. É assim que se começa uma parceria. Os alunos estão dispostos e interessados. Na



seleção dos alunos que foram para Lyon em agosto/2016 eles relataram que foram aprender francês porque falamos do acordo no primeiro ano deles na UFPR. Estamos formando a primeira turma fruto do acordo e do trabalho nele envolvido.

Não tenho dúvidas de que apesar de ter feito o que tinha que fazer, essa é a minha principal contribuição para o Decom.

### **12.8 Participação em Conselho Superior**

Como é claramente perceptível neste relato, nunca tive grande ambição pelo poder na UFPR, só participei de uma eleição – para chefe do Decom - e se assumi alguns cargos de chefia foi por esse ou aquele contexto. Foi assim que cheguei à representação do Setor de Artes, Comunicação e Desing (SACOD) nos conselhos superiores da UFPR. Quando o Sacod foi criado, logo foi aberta a chamada para a candidatura de professores interessados nesta representação. Mostrei interesse em participar e fui eleita como suplente do professor Mário Messagi, então titular. Quando ele assumiu a chefia do departamento, em 2015, passei à titular e comecei então a participar das reuniões do Coun, do Cepe e da Terceira Câmara.

Logo ao assumir a vaga, os conselhos enfrentavam forte oposição de alguns setores da universidade – mais precisamente do sindicato dos funcionários – que tentavam de todas as formas obstruir a aprovação de um convênio da área de saúde com a UFPR.

Iniciei assim minha participação no Cepe em reuniões dentro e fora da UFPR, nas quais tínhamos que entrar ou sair, correndo para não “apanhar” dos manifestantes. Reuniões em “alta tensão” como nos velhos tempos da luta pelo fim da ditadura militar. Só que desta vez, eu estava do lado dos “chamados donos do poder”. Foi um começo difícil, no qual várias vezes me perguntava olhando pela janela o confronto entre polícia e manifestantes “o que estou fazendo aqui”? “Qual o papel de um professor de ensino superior nisso tudo?” Sem contar que a líder dos manifestantes, a mais inflamada das contestadoras, tinha sido uma das alunas fundadoras do Ncep (Núcleo de Extensão mencionado no III), minha orientanda de TCC, com a qual eu partilhava os mesmos ideais “revolucionários” há seis ou sete anos.

Ora, comecei a exercer minha função de representante do Setor tendo que me posicionar logo de imediato sobre uma questão fundamental para a universidade pública brasileira, que envolve a questão da saúde e tantas outras questões da situação atual do ensino neste país. Pude assim perceber de imediato o teor das discussões e do esforço

que me seria exigido nesta nova função.

É redundante dizer que nos conselhos superiores aprendemos muito mais do que contribuímos. Mas é fato. E aprendemos sobre a universidade pública e seus desafios e mazelas. Para a minha carreira acadêmica foi fundamental fazer parte do Cepe, do Coun e da Terceira Câmara, principalmente para resgatar a vontade de fazer algo pela universidade, que confesso, estava um pouco adormecida pela experiência da chefia de departamento vivenciada. Ali, nestes conselhos, encontrei professores que investem tempo e dedicação ao estudo cuidadoso dos processos que lhes são entregues para emitir parecer. Vi o quanto as discussões – embora muito longas, às vezes – fazem de fato reflexões aprofundadas e profícuas sobre as questões do dia-a-dia da universidade. Vi com surpresa o quanto de uma maneira geral, busca-se garantir a função pública da universidade, através de decisões fundamentadas nas leis e regimentos vigentes. Ou seja, o trabalho é o mais sério e profissional que presenciei em todas as instâncias pelas quais passei. Há ali um espírito de defesa do professor, dos espaços democráticos da universidade, da qualidade, da função pública, do atendimento aos menos favorecidos. Há um compromisso social, garantido por discussões mais ou menos acaloradas que se prolongam tarde adentro, que se arrastam algumas vezes por mais de um mês, mas há um espírito coletivo, como aquele que eu queria ter no departamento.

Participar dos Conselhos Superiores da UFPR foi a possibilidade e a honra que tive de mergulhar nos dramas gerais da universidade nesta já segunda década do século XXI. Problemas que são próprios da UFPR com suas peculiaridades e seu contexto, mas que se articulam com os problemas nacionais do ensino superior e até mesmo com o cenário internacional, que também tive a oportunidade de conhecer, como mencionei acima.

Procurei cumprir o meu papel com o profissionalismo e a dedicação que ele requer. Primeiro, participando regularmente das reuniões para as quais fui convocada. Depois, fazendo com rapidez e cuidado os pareceres a mim destinados e, finalmente, procurando ser a voz do Sacod nas discussões, sendo a ponte entre os departamentos que o compõem e os Conselhos.

Essa foi uma das funções que mais exigiu esforço no sentido de aprender, pensar e repensar sobre cada voto, cada texto a ser redigido... mas foi também uma dos mais gratificantes.

### Quadro de Atividades Desenvolvidas e em Desenvolvimento

No	Atividade	Quantidade
1	Projetos de pesquisa concluídos ou em andamento	3
2	Coordenação de Convênios Internacionais (Université de Poitiers e Université de Lyon II, França)	2
3	Prêmios e títulos	7
4	Artigos completos publicados em periódicos	10
5	Livros publicados	2
6	Capítulos de livros publicados	15
7	Trabalhos completos em anais de congressos	29
8	Resumos publicados em anais de congressos	42
9	Outras produções bibliográficas	15
10	Participação em bancas de conclusão – Mestrado	69
11	Participação em bancas de conclusão – Doutorado	8
12	Participação em bancas de conclusão – qualificação mestrado	56
13	Participação em bancas de conclusão – qualificação doutorado	4
14	Participação em bancas de conclusão – monografias especialização	5
15	Participação em bancas de conclusão – TCC	50
16	Participação em bancas de concurso público	11
17	Avaliações de curso pelo INEP	51
18	Participação em congressos	86
19	Organização de eventos	13
20	Orientações em andamento – Mestrado	2
21	Orientações em andamento – Doutorado	2
22	Orientações concluídas – Mestrado	28
23	Orientações concluídas – Doutorado	2
24	Orientações concluídas – monografias de especialização	4
25	Orientações concluídas – trabalhos de conclusão de curso	29
26	Orientações concluídas – iniciação científica	2
27	Chefe do Departamento de Comunicação UFPR (2004-2006)	1
28	Coordenação do PPGCOM-UFPR (2010-2012)	1

Fonte: <http://lattes.cnpq.br/1640182812385830>. Acesso em: novembro de 2016.

## Considerações finais

*A gente vive repetindo, o repetido, e, escorregável, num minuto, já está empurrado noutra galho. Acertasse eu com o que depois sabendo fiquei, para de lá de tantos assombros... Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.*

*Guimarães Rosa*

Um dia o tio Armando veio me visitar em Curitiba e eu o levei para passear na cidade. Quando passamos na Praça Santos Andrade, ele me olhou, olhou o prédio da universidade e disse: “quem diria que alguém da nossa família ia chegar aqui”!

Aonde cheguei? Talvez essa seja a grande questão para concluir um texto que propõe fazer um histórico de uma vida de trabalho, mas também de prazer, de alegrias e decepções, de expectativas e desafios.

Cheguei à UFPR!

Como?

Da mesma maneira que milhares de outras pessoas chegam: com esforço, pois o ingresso exige estudo, dedicação, disciplina. Ainda me lembro do braço doendo depois de ficar quatro horas sentada, escrevendo a prova do concurso público para professor. Ou da janela pela qual eu podia ver as árvores da praça, enquanto fazia minha prova didática. Lembro do dia do resultado, semelhante à apuração de notas das escolas de samba, item por item, jurado por jurado. Passar em primeiro lugar foi, sem dúvida alguma, uma das maiores conquistas da minha vida. Depois, dela, só mesmo a aprovação na OAB, me desafiou tanto!

Eu tinha a obrigação de fazer o que fiz depois, muitas vezes sendo pioneira e rompendo barreiras, pois havia uma esperança de mudança naqueles concursos que começaram a acontecer no final dos anos de 1990. Fui a primeira professora do departamento a ter um aluno de iniciação científica, a coordenadora do único curso de especialização que o departamento teve até hoje, a primeira coordenadora da sua pós-graduação, a primeira coordenadora de um acordo internacional, a primeira representante do Decom numa entidade nacional da área da comunicação: a Intercom. Não porque tenha sido melhor do que qualquer outro professor. Simplesmente porque estava lá, nos momentos em que o ensino superior passava por mudanças, no momento em que o Departamento de Comunicação buscava novos desafios, mas também, sem falsa modéstia, porque não tive medo de arriscar e não fugi ao trabalho, cumprindo o

que prometera naquela madrugada de domingo em que o vento levou a barraca do meu pai.

O voluntarismo de alguns desses meus rompantes idealistas, aliado à minha maneira de falar o que pensa, custou caro e arrumei muitas brigas que talvez pudessem ter sido evitadas. Reconheço. Mas, em todos esses anos de UFPR coloquei em prática dois princípios que expressam minha maneira de ser: nunca prejudiquei ninguém para fazer o que achava certo e nunca fugi às minhas responsabilidades e ao trabalho.

Na comunicação trabalho a ideia de que é o contexto e as mediações culturais que dão o sentido final da mensagem midiática. Pois bem, minha atuação como professora da UFPR reflete o sentido que tem para mim – com todas as mediações culturais que fizeram parte da minha história – o ensino superior e a vida universitária numa universidade pública.

Por esses valores, frutos das minhas representações, expressei tantas e tantas vezes indignação e protesto em todas as instâncias das quais fiz parte: dos colegiados às plenárias departamentais e setoriais. Briguei pelo que achava ser certo e tentei mudar o que considerava que podia ser melhorado. Recusei a pecha de que “no serviço público é melhor deixar para lá, ninguém muda nada mesmo”. Eu não me acomodei, nem me calei. Das incansáveis e repetidas ameaças de “ter que responder a processos” ... respondi com minha aprovação na OAB, conquistada à custa de muito estudo e dedicação, apesar das inúmeras atividades que tinha para fazer.

Na UFPR fiz de tudo: da aplicação do exame vestibular à festa de formatura; da seleção do mestrado e doutorado, à participação em bancas para contratação de professores; da aula na graduação ao projeto de extensão nas escolas da periferia. E me emocionei em cada um desses trabalhos. Muitas vezes me peguei lendo o resultado do vestibular e imaginando a alegria daquelas famílias, cujos nomes estavam ali. Outras, tive vontade de adiantar o resultado da seleção de pós-graduação para os alunos aprovados, justamente por entender o quanto é importante o ingresso numa instituição pública federal.

Vejo nas redes sociais o prosseguimento da vida dos alunos já formados. Como filhos, eles voam alto. Vários deles são hoje doutores, profissionais da mídia local e nacional, escritores, professores universitários. Alguns, viraram amigos pessoais, parceiros de novos projetos. Porque a educação se faz com comunicação, diálogo e afeto.

Às vezes ao passar na praça, também olho aquele prédio imenso e lindo e como o tio Armando, falo sozinha: “e pensar que agora faço parte dele”! Essa é, sem dúvida alguma, a maior realização profissional que podia ter.

Maria e André:

Essa carreira não teria sido construída com tanta alegria, se eu não tivesse contado com vocês, que cresceram entre os meus textos para corrigir , notas para passar e aulas para preparar.